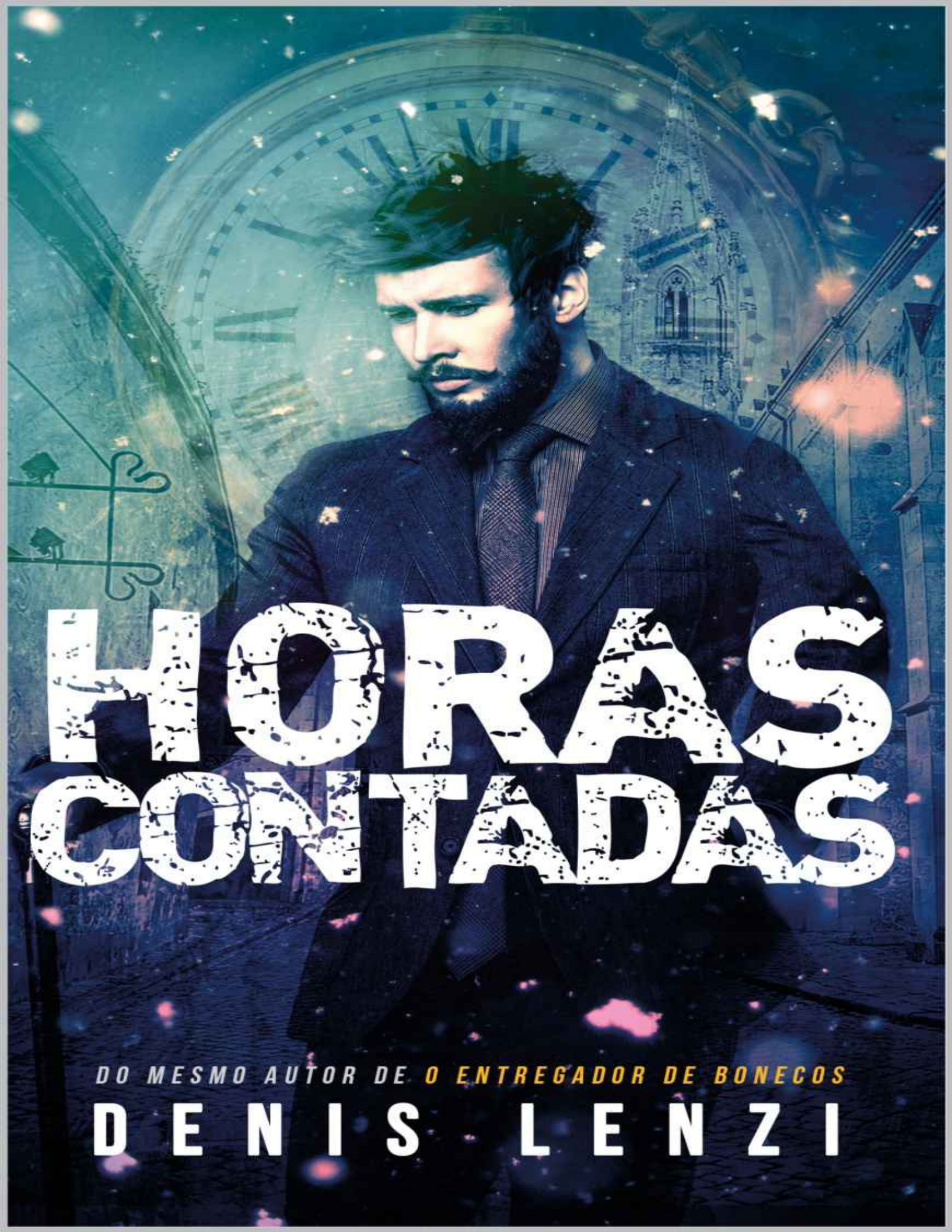




HORAS CONTADAS

DO MESMO AUTOR DE *O ENTREGADOR DE BONECOS*

DENIS LENZI



PERIGOSAS NACIONAIS

**HORAS
CONTADAS**

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Copyright © 2015 Denis Lenzi.
Todos os direitos reservados.

Arte da capa e diagramação: Denis Lenzi

www.denislenzi.com.br

Revisão: Sheila Mendonça/Ana Aguiar

PERIGOSAS ACHERON

ÍNDICE

[CAPÍTULO 1](#)

[CAPÍTULO 2](#)

[CAPÍTULO 3](#)

[CAPÍTULO 4](#)

[CAPÍTULO 5](#)

[CAPÍTULO 6](#)

[CAPÍTULO 7](#)

[CAPÍTULO 8](#)

[CAPÍTULO 9](#)

[CAPÍTULO 10](#)

[CAPÍTULO 11](#)

[CAPÍTULO 12](#)

[CAPÍTULO 13](#)

[CAPÍTULO 14](#)

[CAPÍTULO 15](#)

[CAPÍTULO 16](#)

[CAPÍTULO 17](#)

[CAPÍTULO 18](#)

[CAPÍTULO 19](#)

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

[CAPÍTULO 20](#)

[CAPÍTULO 21](#)

[CAPÍTULO 22](#)

[CAPÍTULO 23](#)

[CAPÍTULO 24](#)

[CAPÍTULO 25](#)

[CAPÍTULO 26](#)

[CAPÍTULO 27](#)

[CAPÍTULO 28](#)

[CAPÍTULO 29](#)

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 1

Pela janela do apartamento em que o silêncio reinava, o céu negrume salpicado de estrelas luzentes era subitamente dominado pelo forte clarão, capaz de cegar qualquer um que ousasse a olhar na luz. A claridade passava do branco para o tom alaranjado, como se a colossal luz da chama emergisse lá fora. Logo em seguida, o vento forte, como a força de um tufão, fazia os vidros da janela estilhaçarem-se por dentro. Havia cheiro de queimado e de morte no ar. O tremor do prédio, que foi atingido pelo impacto da onda de choque, fazia James Kramme perder o seu equilíbrio. Banzado pelo tremor deixou a bengala resvalar e seu corpo foi jogado para frente. Houve um forte baque surdo. O queixo atingia o solo, urrava de dor.

A mão dele abriu involuntariamente e lançou as balas, de cores vermelhas e redondas, para fora. Elas rolaram e espalharam no assoalho. A terra

ainda tremeleava. Havia barulho devastador lá fora. Destroços dos prédios caíam pesadamente no solo. O teto da sala rachou. Vários pedaços caíram sobre James. Objetos e pertences pessoais sobre a mesa foram jogados para fora. As paredes da sala rachavam com violência. Alguma coisa aconteceu lá fora. “*Terremoto?*”. Não, não parecia ser terremoto. Era algum tipo de forte impacto que atingia o solo. Não poderia ser meteorito. Era diferente.

James não fazia a menor ideia o que acabou de ocorrer. O que ele mais estranhava era o fato de não haver nenhum grito de socorro ou de pânico lá fora. Apenas os barulhos dos destroços pesados batendo contra o solo. A poucos metros a sua frente o chão desabou com um forte barulho estrepitoso tragando todos os móveis. Em seguida veio a violenta onda de calor que lhe atingiu com violência.

James foi incinerado. As partículas flamejantes do seu corpo subiram graciosamente diante dos seus olhos horrorizados. Tentou sacudir seus braços e quanto mais mexia mais se transformava em cinzas e deixava rastros de centelhas de fogo espalhados no ar. O coração do

PERIGOSAS NACIONAIS

senhor Kramme disparou. Seu rosto tornou-se cinza, cuja pele cinzenta começou a descascar como tinta seca prestes a descolar na parede com o passar dos anos. Ele caiu ajoelhado, gritando de terror, com toda a força.

Por um breve momento imaginou que iria viver por muito tempo, chegando a sua fase de velhice. Imaginava-se como um velho careca e desdentado, de pele flácida, vivendo em um asilo para idosos e que iria morrer de qualquer tipo de morte relacionado à idade: parada cardíaca, respiratória, ou simplesmente uma morte silenciosa e tranquila. Mas não! Ao contrário disso, estava morrendo cremado ainda jovem, da maneira mais cruel e dolorosa possível. Fechou os olhos acreditando que dali seria o seu fim.

Contudo não durou muito tempo e quando o tremor cessou os barulhos de estilhaços simplesmente silenciaram. A intensidade de luz, pouco a pouco, diminuía. Escureceu. Como se uma gigantesca nuvem da negritude devorasse tudo lá fora. A luz na luminária, presa ao teto, acendeu e agora piscava de forma oscilante. Ele abriu os olhos e por um instante não conseguiu distinguir o que via. Então, teve uma surpresa.

PERIGOSAS ACHERON

Não havia mais fogo em suas mãos, nem estavam carbonizadas, nem centelhas de fogo estavam a dançar no ar, apenas mãos normais como antes. Confuso e aturdido se levantou com esforço, antes de ficar em pé pegou primeiro a sua bengala com a cabeça de lobo feita de prata, sentiu a sua cabeça entontecida e então começou a pestanejar constantemente. O susto o deixou completamente desorientado, sem compreender nada.

A sala estava tomada pela claridade do Sol lá fora. O que via era apenas o céu azul e claro. Notava que a vidraça da janela estava totalmente intacta. Não havia mais buraco no chão. O local todo estava inteiro. Tudo no seu devido lugar, como se não houvesse nada, nem uma explosão que ali ocorreu. James Kramme ficou sem entender nada.

CAPÍTULO 2

Intrigado desse estranho incidente que teve, James Kramme caminhou em direção à janela para verificar o que aconteceu. Podia ver a paisagem da cidade polonesa. Nada ali. Nem sequer vestígio da fumaça negra que viu antes. O que estava à sua frente era a mesma *Czerwona Kropka* de sempre. Não havia nada diferente nela, tudo permanecia no seu devido lugar. Ela continuava a mesma bela antiga cidade europeia. Como sempre. Fosse no inverno ou no verão, continuava formosa. Mesmo com os seus oitenta mil habitantes permanecia remansada, acolhedora, agradável e convidativa. Sempre foi assim ao longo dos anos. Seu nome significa Ponto Vermelho.

Apesar do significado, *Czerwona Kropka* não tinha nada de vermelho em si que justificasse o uso da cor como nome. A associação vinha através da lenda que foi contada de geração para geração pelos moradores da cidade. Segundo dizia o fundador e seus colonizadores poloneses

PERIGOSAS ACHERON

procuravam uma nova terra fértil para erguer uma vila quando viram uma misteriosa pedra grande com um ponto pintado em vermelho. Foi quando então eles perceberam que ali era uma boa terra para ser cultivada e erguer uma cidade. Daí o nome: Ponto Vermelho. O começo de tudo. O nascimento de uma nova vida. Porém, ninguém sabia exatamente se a história era verdadeira ou apenas lenda. Enfim, lenda ou não, a cidade era um bom lugar de se viver.

Tinha de tudo um pouco: bares, discoteca, lanchonetes, biblioteca, teatro, cinema, igrejas, nada faltava. A desvantagem era que, embora não fosse de toda ruim, no dia de domingo a cidade era parada, com tudo fechado. Mas, mesmo assim, era um bom lugar.

E os prédios... ah, aqueles prédios que tanto fascinavam o senhor Kramme. A maioria deles era antigo, tipicamente europeu, como deveria ser: uma cor diferente para cada um. Alguns eram amarelos, ou verdes, outros aspargos, marrons, de ocre e assim continuavam. Não havia prédios com mais de seis andares, arquitetura moderna, ou *high tech*, como nas grandes metrópoles. Tudo ali pertencia ao antepassado e era intocável. Era assim que

deveria ser, pra preservar o cenário do passado.

Na praça perto dali, um homem charmoso, na faixa de vinte e poucos anos, tocava um saxofone. Era uma música venusta que podia ser ouvida até o prédio em que o senhor Kramme estava. Os pedestres pararam por ali para apreciar a música. Alguns jogaram as moedas no latão vermelho metálico deixado no chão perto do músico, já as mulheres admiravam a virilidade daquele jovem que dava piscadelas para elas, com todo o seu charme e um sorriso encantador. As mulheres riam, acanhadas, e trocavam palavras umas com as outras.

Sr. Kramme vivia no terceiro andar do antigo prédio, pintado de cor amarela, na esquina, em uma rua chamada *Kielbasa*, que significava “Linguiça”. Havia uma curiosa história sobre ela. Quando era criança acompanhou seu pai a pé até a Casa de Salame que ficava perto dali e se deparou com a placa da rua de nome peculiar. O menino perguntou o porquê daquele nome, pois achava que havia uma linguiça jogada na rua. Mas como não via nenhuma, não entendia o nome. O pai sorriu pela ingenuidade do pequeno James, mas manteve o rosto sereno. Fumava um cachimbo e usava o seu

habitual chapéu de coco. Seu bigode era bem-aparado e mais parecia com um inglês do século passado. Enquanto caminhavam tranquilamente pela calçada cheia de curvas olhou para o menino ao seu lado e disse.

— É porque, meu filho, a rua tinha um formato que mais se lembrava de uma linguça. Pelo fato de ter muitas curvas, como você pode observar ali. O fundador dessa cidade, ao construir os prédios aqui, não tinha um nome adequado até que um dia subindo no alto daquela montanha viu que a rua tinha muitas curvas e uma garotinha, que tinha a idade igual a você, disse ao fundador que a rua mais parecia uma linguça. Por isso ganhou esse nome.

O senhor Kramme sempre se lembrava disso. Seu pai foi um homem bom, espirituoso, sábio e que tinha paciência com ele. Sentia falta dele. Enfim, a janela do seu prédio ficava em frente da cobiçada vista para a praça com um chafariz onde havia uma estátua de anjo com quase um metro de altura e com as asas abertas. Ali era o local onde as pessoas se reuniam para um passeio sob o Sol de outono. Havia mesas e cadeiras dobráveis de cores brancas. Algumas pessoas bebericavam copos de

cerveja. Outras de vinho. E as crianças com os refrigerantes, ou taças de sorvetes com xarope de caramelo. Algumas delas brincavam de pega-pega por entre as mesas ocupadas. Havia um homem fantasiado de Arlequim, com chapéu em três cones que segurava dezenas de balões coloridos e flutuantes, que passava por entre as pessoas sentadas dando alguns balões para as mulheres e crianças. Era um clima descontraído e alegre. Era um sábado prazenteiro.

Depois de uma longa olhada na cidade, Sr. Kramme não detectou nada estranho que chamasse a sua atenção. Arqueava as sobrancelhas piscando os olhos algumas vezes, tentando entender o que era aquilo. Cogitava a possibilidade de que tudo não passava da imaginação de sua mente frutífera, pois havia pressentido tudo e a cena era real demais para ser imaginada. Até a dor do queixo podia ser sentida depois de bater no chão. Um pequeno hematoma surgia nele, levemente arroxado. Balançava a cabeça lentamente sem tirar os olhos da paisagem da cidade. Piscou novamente. Suspirou.

Girou seus calcanhares e com as costas viradas para a janela pôde sentir o vento soprar na

sua nuca. O cheiro da natureza trazido pelo vento era inconfundível. Havia um aroma de flores de jasmim advinda de algum lugar mais próximo. A sua frente se estendia uma sala ampla e decorada, tudo estava em seu devido lugar e organizado. Reparou as balas vermelhas jogadas no chão.

O senhor Kramme adorava comer essas balas de frutas vermelhas compostas de morango, framboesa, amora e cereja. Eram poderosamente saborosas e ele não resistia nem um dia sequer longe delas. Tratava-se do seu vício incontrollável. Vendo-as jogadas no chão pensou que não poderia desperdiçá-las e se pôs a caminhar em direção a elas. Ajoelhou e começou a catar uma por uma colocando-as na sua mão em forma de conchinha. Depois de pegar todas, escolheu uma delas e colocou em sua boca, sem se importar com a sujeira que impregnava a bala. Afinal, um pequeno germe não lhe faria mal.

James Kramme tinha trinta e oito anos. Possuía um belo par de olhos verdes, seu rosto era quadrado e com ar de virilidade. As sobrancelhas eram bem-desenhadas, sua boca pequena e os lábios medianos. Pele levemente morena, seus cabelos castanho-alourados eram retrô, volumosos,

ondulados e levemente bagunçados. Sua barba por fazer, ao contrário da cor do seu cabelo, era escura. Porém, seu bigode era o que mais sobressaía, por ser um pouco mais espesso do que a barba rala, combinando perfeitamente com a sua feição rústica e charmosa. Vestia um roupão na cor preta amarrado com um cinto vermelho. Por baixo apenas uma calça de pijama. Usava pantufas vermelhas, sem meias nos pés, era definitivamente uma figura altamente peculiar e com um gênio difícil, tinha sua singularidade, como tique nos olhos, não demasiadamente, apenas acontecia quando se sentia preocupado ou arreliado.

Nascido nessa cidade, filho único de família polonesa, agora sem pai e mãe, ambos falecidos quando ele tinha dezoito anos em um incidente insólito e bizarro. Uma queda de um meteorito atingiu a modesta casa no final da rua matando seus pais e deixando apenas ele vivo, com alguns ferimentos. O fato se tornou o grande assunto da cidade na época. Senhor Kramme era conhecido como o *Rapaz Que Sobreviveu à Queda do Meteorito*. Após a morte dos pais viveu com a tia, irmã do seu pai, na Polônia até seus vinte e três anos quando então se formou na Academia de

Belas Artes.

Já se tornado um homem independente retornou para a sua cidade natal. Quis tocar a sua vida para frente, sem depender de ninguém. Trabalhou como garçom por alguns meses para pagar aluguéis do pequeno apartamento. A sorte, de vez em quando, sorria para ele como quando conseguiu um emprego na sua área: ser professor de artes em uma escola pública da cidade. O salário era razoável e não podia recusar a oportunidade que lhe era dada. E lá trabalhou por dez anos até que sofreu um colapso nervoso.

A doença que desencadeou tinha uma origem e era recente, sua namorada, que manteve um relacionamento por um ano e meio, tinha se matado. O senhor Kramme foi quem a encontrou, já morta. No ato do desespero ele tentou reanimá-la, mas foi em vão. Tal lembrança ainda o amofinava. Por causa da recordação cruciante sofreu o colapso nervoso diante dos olhares assustados dos alunos na sala de aula.

Foi levado pelos paramédicos ao hospital e ficou lá por duas semanas sob a observação médica até que teve alta com um tratamento adequado e desde então vivia no seu apartamento. A morte da

PERIGOSAS ACHERON

namorada ainda era bem recente. Parecia que tinha sido ontem. Gostava muito dela. Era linda, amorosa e engraçada, ela se foi e ele não se conformava com isso. Não poderia retornar às aulas de artes por alguns dias, ou talvez semanas, dependia do seu estado mental, pois ainda estava muito mexido.

Nenhum amigo ou familiar o visitou e já fazia muito tempo. Nem mesmo os seus colegas de trabalho. Estava sozinho. Por muito tempo, mesmo com a vizinhança e conhecidos na proximidade da rua, se sentia solitário. Tinha se tornado um homem recluso depois de sofrer o colapso, não saía muito do apartamento, exceto quando ia fazer algumas compras, coisas básicas para a sua necessidade cotidiana, principalmente as balas vermelhas, seu vício incurável. Apenas isso. Nada demais. Essa era a sua vida. Triste e solitária. Monótona e patética. Não havia mais nada a acrescentar na sua vida.

Desde que ele se separou de sua mulher, Anna Garwolim, para ficar com a namorada que por algum motivo desconhecido se matou, ele ficou completamente sozinho. Sua ex-mulher, até onde ele sabia, morava a alguns quarteirões dali e estava muito bem, bem casada. E feliz. Muito feliz. O senhor Kramme estava arrependido. Traiu sua

mulher e foi traído pela namorada por deixá-lo sozinho. Tinha perdido as duas pessoas que amava e não tinha mais volta. “*Aqui se faz, aqui se paga.*”.

O coração dele se tornou miúdo e empedernido. Pouco se importava consigo. Era o tipo de pessoa que diria ao mundo “dane-se” e que estava pouco se lixando para ele. Seguia a sua vida pintando as telas com arte abstrata, sem nenhum sentido, assim como a sua vida. Pintava apenas duas cores. O preto e o vermelho. Luto e sangue. Morte e violência. Era nisso que se resumia a vida dele. A sua viuvez. O gosto da morte. A mente em volta da morbidez. “*Svetlana. Minha amada. Por que fez isso?*”.

Ela, nua na banheira. Cabelos louros, longos e molhados que cobriam seus seios. A cabeça pendia para o lado. Braços flácidos, finos, inertes e submersos. Boca semiaberta com espumas borbulhantes. Olhos azuis, abertos, olhando para o teto, para o vazio. Nada de piscar. Nada de movimento. Sem nenhum brilho. A água, serena e perfumada trazia consigo as pétalas de rosa vermelha, como presente para a sua morte. “*Seja bem-vinda à morte, baby!*”.

Do lado de fora da banheira, no chão, havia

um frasco caído com um adesivo alarmante. O símbolo da morte. A tampa aberta. Centenas de bolinhas negras, como se fossem chumbinhos espalhados no ladrilho frio e úmido. Primeira reação de um ser humano: horror. Segunda reação: o grito, chamando pelo seu nome. *Svetlana!* Terceira reação: desespero pela morte. Lembrança aquietada. Mente desatrelada do passado. Hora de voltar para a realidade. Para o presente.

James Kramme pegou um relógio de bolso de gosto refinado com fina corrente feita de ouro em que na tampa dourada havia um símbolo de pirata em relevo, uma caveira, e por trás dela duas espadas cruzadas. Em torno da figura havia enfeites de minúsculas folhas, abriu o fecho da tampa e viu dois ponteiros apontados para os números romanos folheados em ouro. Era uma e meia da tarde. Fechou a tampa do relógio com um dedo polegar e colocou de volta no bolso do roupão.

Pegou a penúltima bala vermelha da palma de sua mão e colocou na boca mastigando deliciosamente. O aroma da fruta cítrica impregnava na sua narina. Piscou os olhos. O pensamento sobre o que presenciou há pouco não saía da sua mente. “*Uma explosão? Será que foi*

real?”. Procurando pela resposta ligou a televisão que estava sobre a cômoda da sala.

A imagem da televisão surgia, porém, estática em cor monocromática. Mudava o canal e o problema persistia. Todos os canais estavam fora do ar. Não demorou quando ouviu o berro de um homem encolerizado lá fora. Senhor Kramme voltou apressadamente para a janela e olhou lá embaixo. O senhor Liam Michow, um homem de bigode preto, baixo, gordo e calvo, segurava uma sacola de compras enquanto o outro braço esticava para cima com a mão acenando para alguém. Na verdade, era um sinal para alguém que merecia apanhar pela atitude desrespeitosa. O senhor Kramme olhou mais adiante na rua e viu um bando de moleque, já a certa distância, correndo e rindo. Um deles mostrou o dedo médio para o gordo.

— Gordo cagão! — gritou um dos moleques em meio à gargalhada.

— Malditos moleques! — esbravejou o senhor Michow com o rosto vermelho de raiva. Podia notar que as veias sobressaíam no seu pescoço pela força do seu brado.

As pessoas que passavam ali perto presenciavam a cena achando a situação risível e

logo em seguida seguiam seus trajetos. O senhor Michow se pôs a caminhar em direção a um prédio que ficava ali perto e logo em seguida desapareceu de sua vista, assim que abriu o portão do saguão entrando no prédio pintado de cor areia.

O senhor Kramme conhecia aquele homem fazia três anos, tinha se mudado para a Rua *Kielbasa* junto com a esposa, também obesa. Instalaram-se naquele quarto andar do prédio em frente da praça. Eram pessoas agradáveis e simpáticas. Uma vez o senhor Kramme e sua namorada, antes do trágico suicídio dela, foram convidados, juntamente com outros vizinhos, para visitarem o apartamento do casal. Era a comemoração do aniversário da mulher dele. Os convidados se depararam com uma enorme mesa com alimentos fartos, como a torta de frango, bolo de chocolate, pudim de caramelo, jarras de sucos, pastelão, risoto, salgadinhos, cachorros-quentes, e outros. Isso deixou os convidados perplexos. A festa correu de forma agradável, até que houve um infortúnio.

A mulher obesa engasgou por causa de uma maldita azeitona preta. Os convidados fizeram de tudo para salvá-la, mas foi inútil. O rosto dela ficou

roxo e mais parecia com um repolho da mesma cor. À medida que ela ficava sem ar seus braços se debatiam nas pessoas. Ela lutou por sua vida até o fim. A morte da aniversariante foi muito chocante para ser presenciado e isso abalou os convidados. O incidente mexeu muito com a mente da namorada do senhor Kramme vendo o corpo obeso da mulher caído ali no sofá, com o rosto roxo e a cabeça do senhor Michow pousada chorosamente no ombro da amada. Foi uma cena triste. Ninguém imaginava que o fim fosse assim. Justo no dia do aniversário dela. A data do seu nascimento e agora a de sua morte. Um fato insólito. Realmente o destino era traiçoeiro.

O senhor Kramme pegou a última bala vermelha na palma de sua mão e colocou na sua boca. Seus olhos fitavam para aquela praça. Olhava para o alegre Arlequim que saltitava com os seus balões coloridos e flutuantes. Um deles escapou e começou a subir, subir e subir até alcançar lá no alto do céu azul. O vento encarregou de levá-lo desgarrado para outra direção passando por sobre o prédio pintado de verde que ficava ali perto, do outro lado da rua, próximo à praça. Seus olhos detectaram uma mulher ruiva na janela do segundo

andar, em frente da fachada do prédio verde.

Viu a mulher várias vezes, porém, não sabia o seu nome e nem o que ela fazia da vida. Apenas sabia um pequeno detalhe importante sobre ela: estava gestante e era casada. Com um homem violento. Presenciou algumas cenas de brigas pela janela daquele prédio. O homem era alto e forte. A mulher pequena, frágil, delicada e sempre passava as mãos sobre a volumosa barriga, talvez de uns seis ou sete meses.

Ela se dava bem com as flores, plantas, também gostava de dançar na sala e de ler livros. E o senhor Kramme sempre tentava adivinhar qual era o livro que tanto a agradava. Ela ria com alguém ao telefone. Parecia ser uma boa pessoa. Queria conhecê-la pessoalmente. Naquele momento ela parecia branda, estava sozinha sentada no sofá em frente à televisão. *“Será que a televisão estava funcionando? Por causa do ângulo não era possível ver se estava ligada ou não. Ou será que ela estava ouvindo o rádio? Ou apenas estava sentada, pensativa, com as mãos pousadas sobre a barriga?”*. Apesar de longe podia ver que ela era bonita. Rosto oval, cabelos cacheados e vermelhos. Parecia estranhamente familiar. Já viu em algum

lugar, mas não se recordava onde. James Kramme esboçou um sorriso por causa de sua beleza e doçura.

Mas o seu sorriso logo se desfez quando viu a chegada do marido, ou namorado. Tanto faz. Ele entrava na sala em estado túrbido e gesticulava com agressividade. Talvez tivesse bebido muito, ou se drogado. Não sabia ao certo qual era o problema dele. Ela olhava para ele assustada e falava alguma coisa fazendo gestos com delicadeza. Talvez estivesse pedindo para ele se acalmar. O homem reagia e vociferava com ela que se levantou tentando ignorá-lo, mas ele foi atrás e agarrou o seu braço fazendo com que ela tentasse afastá-lo e dizer alguma coisa. Talvez: *“Por favor, não me machuque!”*. O homem se enfurecia. Batia nela sem hesitar. Ela abaixava a cabeça com a mão tocando seu rosto machucado. O homem ainda agarrava seu braço, berrando. Ela chorava com a sua mão tocando a barriga. Temia pela segurança do seu bebê. O homem puxava a mulher gestante para fora da sala. E senhor Kramme não mais a via.

Sentiu a raiva subir a sua cabeça vendo aquela cena deplorável. *“O que aconteceu a ela? Teria ele lhe agredido covardemente?”*. Rezava

PERIGOSAS NACIONAIS

que não. Pensava que ela não merecia passar por aquilo com aquele homem estúpido. Desejava que nada de mal acontecesse ao bebê, pois não era a primeira vez que presenciava uma cena daquelas. A agressão aconteceu várias vezes e o senhor Kramme nada podia fazer a respeito. Não podia interferir na vida alheia. Ele não tinha nada a ver com aquela mulher. Não queria se envolver em briga com o marido, ou namorado, dela, mas desejava que alguém tomasse uma atitude para acabar com o tormento daquela pobre mulher no prédio verde.

Ele voltava a olhar para a praça. As crianças corriam em volta do Arlequim. Era uma agradável tarde, porém, muito estranha. Não era um dia comum e isso ele sabia. Olhava para a palma da sua mão e via que havia uma mancha vermelha. Nada alarmante era apenas uma mancha do corante das balas vermelhas, mas ele tinha uma leve impressão de que era sangue. Era como se a morte deixasse uma marca nele. Pelo o que estava para vir. Era um aviso. Tal ideia o deixou desconfortável e viu seus pelos eriçarem.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 3

James Kramme permanecia imóvel diante de uma grande tela branca que estava pendurada sobre um cavalete. Estava ali por alguns minutos. Imóvel. Como uma estátua. Vestia o mesmo roupão de antes, a mesma calça de pijama por baixo. Não tinha trocado nada ainda. Afinal, por que trocaria de roupa se não iria sair do apartamento? Não estava a fim. Exceto quando precisava ir comprar algumas coisas para comer ou as balas vermelhas. A sorte era que ele tinha mais um pacote delas reservado na cozinha. Mais tarde iria pegar mais uma. Era irresistível e saborosa. A maldita droga vermelha adoçante que corria pelas veias sanguíneas.

Sua mente estava vazia. Branca. Assim como a tela. Ele se encontrava completamente absorto. Seus olhos piscavam com o cenho cerrado. Seu olhar vago transmitia um misto de melancolia e tristeza tomado pelo sentimento indescritível da

nostalgia. Estava descontente. Ainda olhava, silenciosamente, para a tela branca. Piscava os olhos. Estava preenchida com algumas tintas pretas espalhadas e alguns respingos vermelhos no centro dela. Não havia nada significativo. Exceto pelas suas cores. Preto, vermelho e o fundo branco. A morte. O sangue. A paz.

O ateliê era amplo e razoável, tinha apenas uma única janela de vidro que quase cobria toda a parede. A vista dava para o lado lateral do prédio pintado na cor bege com uma pequena janela em cada andar. O senhor Kramme não se importava se era observado por seu vizinho do lado através desta janela grande, afinal ele estava ali por causa do trabalho e não por sua vida íntima. Em frente à janela havia uma fileira de vasos de barro com as plantas cultivadas que se banhavam a luz do Sol. Havia vários quadros pintados em artes abstratas e figurativas. Alguns com impressionismo e outros com arabescos.

Os quadros eram espalhados com vários tamanhos diferentes e encostados nas paredes. Havia algumas esculturas colocadas no chão que mediam em torno de um metro de altura e eram feitas de argila e gesso. As esculturas eram

variadas, como Afrodite, anjo, gárgula, e outras em formas grotescas, quase caricaturais. Ele buscava aperfeiçoar duas artes, a da escultura e a de chocar o público, porém havia tempo que não fazia mais nenhuma escultura, o seu interesse agora era a pintura.

Desde que o médico aconselhou continuar afastado do trabalho e procurar uma terapia alternativa, ao mesmo tempo com o medicamento que tomava, começou a focar na pintura. Desejava inovar, mas não tinha mais ideia de como colocar algo na tela. Uma ideia que pudesse trazer a arte simbólica e impactante. Há dias que tentava pintar um quadro decente, mas nada encontrou. Pintou mais de cinco quadros e nenhum deles foi satisfatório. Quando um artista não gosta da arte do seu próprio trabalho simplesmente pega e destrói, até não sobrar mais nada. Ele precisava passar uma mensagem ao público. Uma mensagem forte.

“Mas mensagem de quê? A paz? A fome mundial? A guerra no Oriente Médio? Violência contra as mulheres? Os jovens envolvidos com as drogas pesadas?”. Era tanta coisa para escolher, porém teria que ser criterioso e bem selecionado. Com uma mensagem errada não despertaria a

atenção do público. Sentindo-se incompetente, não fazia a menor ideia de como começar a aplicar a arte na tela. *“E se eu misturasse tudo em uma única imagem? Será que o público iria compreender a mensagem? Uma imagem que representasse o fim dos tempos, o fim da era da inocência?”*, foram estes os seus pensamentos enquanto olhava para a tela branca. *“Não, não daria certo. Seriam imagens demais para pouco conteúdo.”*. Ele sabia que precisava seguir a regra: menos é mais.

Por trás das suas costas, os dedos seguravam delicadamente o fino cabo do pincel enquanto a outra mão fazia um gesto diante da tela. Era como se quisesse pintar algo invisível nela, buscando uma nova técnica através dos movimentos. Mas nada de ideia. Era frustrante. A falta da inspiração era como não ter oxigênio para dar ao motor da criatividade. *“Cadê você, minha deusa da inspiração? Por que me abandonaste?”*.

A inspiração, como era de esperar, não veio. Impaciente, pigarreava. Largou o pincel sobre a mesa com vários tubos de tintas coloridas e espremidas, alguns pincéis, um frasco de líquido transparente para secagem rápida da tinta e outra para diluí-las. Aproximou-se de um rádio antigo

com a antena apontada para cima e, mesmo com a mão suja de tinta, ligou. Não havia nenhuma música em qualquer transmissão. Apenas chiados. Longos e agudos. Chegava a ser estridente. Mais um problema com o meio de comunicação.

“Que diabo está acontecendo?”. Primeiro a visão que teve: a televisão fora do ar. Agora o rádio. *“O que será que ocorria exatamente? Haveria uma invasão alienígena?”*. Ele riu de si mesmo. *“Alienígena, que nada! Não existe alienígena!”*.

Mas o humor logo se diluía rapidamente. Cerrava o seu cenho. Sentia-se agastado pelo chiado do rádio. Era irascível. Sem perder tempo desligou e logo em seguida fungou piscando os olhos. Voltava a olhar para a tela branca, já com o pincel preso por entre os dedos indicador e médio. Balançava-o levemente. Piscava os olhos, estava silente. Então notou que a tela branca estava perdendo a sua tonalidade de cor. Tinha se tornado mais escura, de forma progressiva. Uma tela carcomida. Era como uma sombra emergindo naquela tela branca, destruindo-a, como se lançasse alguma bactéria que consumia o tecido. Foi naquele momento que percebeu que o ateliê era tomado

pelo negrume. Lá fora havia uma vasta fumaça negra, como um nevoeiro que cobria toda a janela.

“*Não! De novo não!*”. A inquietação tomava conta dele. Seus olhos pestanejavam algumas vezes. Estava tendo um tique novamente. Estaria ele entrando em colapso nervoso? Ou efeito do remédio? As plantas murcharam de repente, tornando-se sem vida, mortas. Começaram a despedaçar-se. Ele fechou os olhos por um segundo, por dois motivos: dissipar seu tique nos olhos e tentar acreditar que nada daquilo era real. Seu coração palpitava. Sua mão começava a tremelear. Ao abrir os olhos, via que a visão tornava-se ainda mais tétrica.

“*Deus, de novo não!*”. O tremor da terra voltava. O prédio tremeleava. A janela rebentava. Estilhaços de vidro voavam sobre o ateliê. As paredes se transformavam em uma ruína. As rachaduras surgiam e cresciam como raiz de câncer espalhada. As estátuas despedaçavam. Havia areia cinzenta que cobria todo o assoalho. Na verdade, olhando bem, não era exatamente pó, mas sim cinza, porque alguma coisa parecia ter queimado. A neve caía. Não, não, não era neve como pensava que era. Era cinza também. Milhares delas,

descendo tristemente. O lugar parecia mais com um museu lúgubre. Não havia nada de cores ali.

“Meu Deus! Meu Deus do Céu! O que está havendo? Estou ficando louco?!”, bradava por seu pensamento estonteado com o ar terrificado. Deixava o pincel escapar por entre os seus dedos e tocar o assoalho afundando na camada cinza e suas finas partículas se levantavam lentamente. O clima tornava-se opressivo e subversivo.

Um vulto translúcido, grande e negro sob o desmesurado manto com capuz que cobria o seu rosto surgia por trás dele silenciosamente. Era como se estivesse se materializando diante dele. O senhor Kramme olhava para todos os lados tentando entender o porquê de estar tendo uma visão fúnebre. Seria um presságio?

Ao sentir a presença de alguém atrás dele virou-se e ao ver a figura funesta sentiu seu coração estacar de súbito. Sabia o que era exatamente esta figura parada diante dele. Mal via seus pés tocando no chão coberto de cinza. Ela levitava. O manto era ondegado, como se o vento revolvesse nele, brincasse com ele.

A figura negra e translúcida segurava uma foice com lâmina cortante e reluzente. O cabo da

foice era composto por um longo osso. A figura era estranhamente familiar, conhecida pela maioria da população mundial, desde seu tempo imemorial. Era nada mais do que a própria Morte.

O coração do senhor Kramme estalou disparado. Sentia a veia do seu pescoço latejar fortemente e uma dor aguda no peito pelo medo daquele momento. Chegava a cogitar que teria uma parada cardíaca. “*Mas que loucura é essa?*”, pensava. Mais assombrado do que nunca, recuou diante da imagem peculiar da Morte. Não podia ver seu rosto todo, apenas uma pequena parte dele. Ou dela. A sua maxilar tinha um formato que remetia a de um humano, com um queixo quadrado. Porém, a pele era extremamente fina e acinzentada que cobria o osso. Nada mais do que isso. Não havia músculo por baixo da pele, apenas pele e ossos. Grudados. Seus lábios eram negros e esboçavam um sorriso, porém triste. Pelo menos era a impressão que teve sobre a Morte.

— *James Kramme!*

A voz da Morte era masculina, era o que parecia ao ouvido do senhor Kramme. Soava como um ressoar de um trovão. Poderosa. Sobrenatural. A Morte não era humana, embora sua feição

parecesse, mas a sua voz e a sua presença subversiva sim. Havia uma força inquestionável nela capaz de modificar todo o cenário ao redor. A escuridão. Seria ela a responsável pela visão do senhor Kramme? Seria ela a responsável pela interferência do rádio, da televisão, e da luz? Ele havia ouvido falar que a presença de um espírito provocava alteração na energia elétrica e deixava os animais inquietos. Agora tudo fazia sentido, era ela quem vinha provocando a visão dele. Mas por quê?

James Kramme olhou para a mão dela que segurava um longo cabo de osso da foice. Mesmo sendo sua forma translúcida, podia ver com clareza. Ela tinha dedos finos e longos em forma de garras. Suas unhas eram humanas, porém longas e pontiagudas. Ele afastou-se dela. Suas pernas estavam trêmulas. Encostou-se à tela carcomida e empurrou sem querer. A tela caiu e se transformou em milhões de pedaços de cinzas que flutuaram no ar.

— *James Kramme!* — chamou a Morte com a sua voz de trovão.

— O que você quer de mim? — perguntou em voz baixa. Tinha dificuldade de emitir a sua própria voz. A sensação era terrificante. Da mais

tétrica que se possa imaginar. Afinal, nunca tinha se deparado com a figura da Morte e tampouco da sua existência real, até agora.

— *Você tem doze horas para aproveitar a sua existência aqui na Terra.*

— O quê? — perguntou esboçando uma careta de incredulidade.

— *As horas estão contadas.*

O senhor Kramme não podia acreditar no que acabava de ouvir da Morte. Era um anúncio da sua morte? Por um breve momento ele teve vontade de rir dessa situação inusitada. Durante toda a sua vida tinha ouvido as pessoas falarem que a morte não manda aviso. Mas esta que apareceu à sua frente era uma rara exceção. Ou será que costumava fazer isso com todas as pessoas? Não sabemos.

— *Virei te buscar.*

— Mas... não entendo! Estou bem de saúde. Não fumo. Não bebo. E nem tenho pretensão de me matar como a minha namorada fez. Vou morrer pelo o quê?

— *O seu tempo aqui na Terra está esgotado. Esteja preparado para conhecer um novo mundo. Ele te espera.*

O senhor Kramme então se lembrou da visão

que teve. O tremor. A explosão. Era uma visão pelo o que estava por vir? E isso aconteceria a partir da meia-noite?

— Tenho tido uma estranha visão, como agora. Vou morrer pela explosão, não é? Vai haver uma grande explosão hoje à meia-noite, é isso?

— *Mesmo que você desvie da sua morte, seria inevitável. Você e mais outras pessoas já fazem parte do destino. Todos irão partir daqui a doze horas, James Kramme. Não há mais exceção. É tudo que você tem. Eis o meu conselho: aproveite algo de bom na sua vida térrea.*

— Não acho que doze horas sejam suficientes para fazer alguma coisa da minha vida. É muito pouco tempo. Por que está me dando esse tempo?

— *Para a sua redenção. Para a purificação do seu coração. Ele está cheio de ferida. Feridas do passado.*

— Redenção?

— *Você fez pouco caso para redimir-se dos seus passados. Agora é hora de tomar providência. Purifique seu coração. Faça com que o seu espírito esteja em estado de paz antes de te levar para o novo mundo. Corrija os seus erros passados que*

você cometeu e causou sofrimento às pessoas mais próximas de você. Redima-se e será recompensado.

— E se... eu não fizer o que acontece comigo?

— *Não negue a oportunidade que lhe é dada por mim* — disse a Morte apontando o seu dedo fino e longo para o senhor Kramme, de maneira intimidadora. — *Redima-se, James Kramme. O prazo está esgotando!*

O senhor Kramme sentia o seu sangue enregelar quando o dedo dela quase encostou a ponta do seu nariz. Mas ela estava a certa distância dele. Era como se o braço dela tivesse o poder de esticar até ele. Definitivamente isso era terrificante para James Kramme. As pernas ainda tremeleavam, seu coração palpitava e suas mãos congelavam. Ele também suava muito.

A Morte erguia a foice e golpeava com força a ponta do cabo contra o chão que provocava um estalo de luz, como flash de uma máquina fotográfica. Após aquela súbita luz, o prédio sacudiu. Dezenas de destroços do teto caíram chocando-se no assoalho. O senhor Kramme colocava as duas mãos sujas de tinta sobre a sua cabeça, para se proteger. A Morte transformava-se

em uma gigantesca coluna de fumaça negra e logo se dissipou em pleno o ar.

Senhor Kramme corria para debaixo da mesa para se proteger, porém antes mesmo de alcançá-la a claridade tinha voltado subitamente. Assim, nem mais, nem menos. Como um estalar de dedos. O ateliê mais uma vez se mostrava inteiramente intacto e organizado. As estátuas, os quadros, as plantas vivas, tudo continuava no mesmo lugar. Nada de neve cinzenta. Nada de rachaduras nas paredes. Tudo continuava exatamente igual como antes. Exceto uma.

Ele ainda tremia enquanto examinava o local e estava mais aturdido do que nunca. A imaginação e a realidade o deixavam ainda mais confuso. “*Não será o efeito colateral do remédio que está me causando alucinação? Só pode ser isso. Não há outra explicação.*”. Fazia alguns dias que tomava e nunca aconteceu algo parecido, como agora. Suas mãos ainda tremiam. Isso era incomum. O susto ainda não tinha passado. Ele fungava e piscava os olhos rapidamente. Mas a surpresa viria novamente para ele.

Ao olhar para a tela viu que já não estava mais branca. E nem carcomida. Havia sido pintada.

Uma imagem mórbida, por sinal. Preto, cinza e vermelho. Uma pintura realista, talvez uma técnica renascentista que seguia o mesmo estilo de *Barocci*, conhecido por sua obra *Madonna del Popolo*.

A imagem mostrava uma banheira branca e no fundo uma parede escura, rachada e sombria, sem cor. A escuridão. Havia uma mulher dentro da banheira, aparentemente morta. Ela tinha um rosto sem face. Mas os cabelos eram louros e longos, dando um indício de que era a representação da sua namorada suicida. Mas por que sem face? Por que ele iria pintar a sua namorada sem rosto? Talvez o trauma o impedisse de completar sua feição, por ser doloroso demais recordar seu rosto da morte. Olhos sem vida. Boca cheia de espuma. Veneno de rato. Perto da banheira um rato com rosto de caveira. Sorridente. Uma zombaria pela morte dela. Uma mensagem sobre a vingança do rato. Por seus amigos-ratos, seres assassinados, envenenados. Malditos chumbinhos de veneno! Não fosse por eles, ela estaria viva. Mas de que iria adiantar se o pensamento dela era carregado de suicídio. Ela morreria de qualquer forma. Cortaria os pulsos, sangrando até a morte. Pularia do alto do prédio.

Daria um tiro na cabeça. Estrangularia-se no seu quarto. Lançaria-se em frente do ônibus. Ou tacaria fogo em si mesma. Há muitas maneiras de morrer. Horror. Uma sensação nauseante chegou pelo pensamento nefasto.

“Por que, meu amor? Por que fizeste isso?”. Não tinha tirado ainda seus olhos da pintura e confirmava que ela era composta por cores escuras e neutras, sem vida. A única cor vermelha que tinha na tela, a que mais destacava, era a água na banheira. A água da morte. *“Quem poderia ser que pintou isso? Não poderia ser eu. Não pode ser.”*.

James Kramme não sabia se foi ele quem pintou a arte na tela. Não se recordava pintando. E além do mais, a pintura levaria um mês ou mais para ser feita de modo perfeito e impecável. Ao tocar a tela para ver se a tinta ainda estava fresca surpreendeu-se. Estava seca. Provavelmente aplicaram o líquido de secagem rápida na tinta antes de usá-la. Perdeu a noção do tempo. A julgar pelo tempo que passou ali, já deveria estar anoitecendo. Mas lá fora ainda era tarde, por volta das duas horas. Nem tinha passado tanto tempo assim. Ele pestanejou.

Havia alguma coisa estranha nisso.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 4

“Não acredito que meu medicamento possa provocar toda aquela visão escabrosa. Não mesmo!”, pensou James Kramme enquanto lavava seu rosto no banheiro. Sentia um mal-estar. A imagem da pintura na tela lhe perturbou muito. Caso fosse realmente ele quem pintou aquilo, não tinha a menor intenção de retratá-la para divulgá-la às pessoas. Jamais desejaria humilhá-la, sujar sua imagem. Gostava muito dela. Era divertida. Tinha bom senso de humor. Uma pessoa extrovertida. Um amor de pessoa. Era linda e cheia de vida. Mas a morte cantou para ela. Maldita morte. O motivo da sua morte permanecia incógnito.

A polícia fez muitas perguntas para ele. Se ele brigou com ela. Se ela tomava drogas ou se era doente mental. Desequilibrada. Depressiva. Ele se lembrava de mais e mais perguntas. Fizeram todas possíveis em busca de uma explicação que fizesse com que sua ex-namorada cometesse o suicídio. Mas não existia resposta. Ele sentiu uma leve

PERIGOSAS ACHERON

irritação. Lembrou-se do rosto da Morte. Nunca imaginou que a Morte fosse assim tão assustadora e real. Logo em seguida veio em sua mente a imagem da explosão ceifando a cidade. Mas por quê?

A luz do banheiro piscou. “*Qual é cara! Não vai começar tudo de novo?*”. Além de ter a visão da destruição e a visita da morte começou a achar que o lugar era mal-assombrado. Ou seria fruto da sua mente, da sua imaginação fértil? Ele piscou os olhos duas vezes. Maldito tique! “*Por que agora?*”.

De fato, ele estava com a razão. Por que agora? Morou nesse apartamento por muitos anos e nada fora de comum nunca aconteceu. “*Mas agora estava acontecendo algo. Por quê?*”, este “por que” surgia várias vezes em sua mente. Por que ela se matou? Por que está acontecendo agora? Por que eu tive colapso nervoso? Por que a morte me deu doze horas para eu me redimir? Por que pintei aquilo na tela se eu não me recordo de nada? Por que a cidade seria destruída? Por que e mais por quê...

Desligou a luz do banheiro, atravessou o corredor com as quatro portas fechadas e foi até a sala. A mesma sala que ele teve a visão da destruição antes. Aproximou-se da janela, lá fora tudo parecia correr bem. As pessoas pareciam...

normais. Alegres e despreocupadas. Era uma tarde bastante remansada.

Enfiou uma mão no bolso do roupão e a outra segurava a bengala com a cabeça de lobo. Ele afastou-se da janela, estava enfastiado. Não podia assistir à televisão. Nem rádio. Ficou muito tempo sem fazer nada no apartamento, era uma verdadeira mente vazia que logo se tornaria a oficina do diabo. “Não, não e não! De jeito nenhum!”, relutou ele.

James não queria entrar em outro colapso nervoso. Mas seria isso mesmo que o colapso nervoso provocava? Essa alucinação nefasta que o fazia perder o sentido da realidade?

Tentou entender a causa da sua estranha visão. Seria ele um esquizofrênico? Não, nunca foi. Não possuía histórico na família. E se ele for um caso raro que sofre desse efeito colateral durante o efeito do medicamento? Será que pode uma pessoa que sofre colapso nervoso adquirir a esquizofrenia? Essa resposta somente viria de um profissional especializado, ou seja, do seu psiquiatra Auguste Saint. Foi ele quem receitou a droga para ser tomada uma vez por dia, antes do almoço, por três meses. Após esse período teria que retornar ao médico para ser avaliado o seu estado mental.

Será que o remédio era a origem do problema que vinha tendo? Além da perda da libido e boca seca teve também algumas vezes distonia, mas nunca havia tido nenhum tipo de visão como aquela. Para resolver o problema seria necessário marcar uma nova consulta e informar ao doutor sobre o seu problema recente. Voltou para a sala e pegou o telefone, um daqueles com disco dos anos 70 e 80. Olhou para um cartão de visita com o nome gravado nele: Dr. *Auguste Saints* – *Psiquiatra*. Abaixo estavam o endereço e o telefone do consultório. Ao tirar o gancho do fone, colocou em seu ouvido e ouviu a linha muda. “*Inacreditável! Era só o que faltava.*”.

Bateu o gancho no telefone. Estava enfastiado. Não estava gostando nada disso. Foi deitar no sofá perto da janela, tirou as pantufas dos seus pés e colocou sobre a braceira do sofá. Colocou a cabeça na almofada de veludo verde e com a mão livre colocou sob a nuca. A outra segurava a bengala que batia levemente no chão, como a batida de um tampo. E ele fazia isso, como se o som da batida, pelo seu ritmo, pudesse entretê-lo enquanto olhava para o teto. Fungou e pestanejou. Não demorou muito quando visualizou

a figura da Morte. Não tinha como se esquecer dela. Ou dele. A morte não tinha sexo. Simplesmente apenas Morte, mas que tinha atitude feminina, só que com a voz de um homem. Recordou do dedo longo e ossudo apontado para ele. Doze *horas*. Seus olhos piscaram. Cerrou seu cenho. “*Que raio eu faria em apenas doze horas? Será que ela era real mesmo?*”.

Ele ainda negava-se à visão. Não queria ser tachado como louco. Mas... E se a Morte realmente deu um aviso a ele? Ele iria morrer na triste balada da meia-noite? A bengala bateu o solo levemente. O som do baque soou baixo. “*Será possível? Ela é real?*”.

Ele teve uma estranha sensação. Por um instante sentiu o tremor do prédio. Parou de bater a ponta da bengala no chão. Chegou a se assustar, pronto para dar um sobressalto. Mas logo reconheceu aquele tipo de tremor. Ficou aliviado. Sabia de onde vinha. Era um caminhão passando lá fora. Provavelmente um que trazia toras de madeira. Sorriu aliviado. Fitou os olhos no teto novamente voltando a bater a bengala no chão. Um baque. Um pensamento.

“*Doze horas. Por que doze horas? Não*

poderia ser um dia, uma semana, mas em vez disso a Morte me deu apenas doze horas. É tão pouco tempo. Que raio de loucura é essa? Não, não!”. Você está contando errado. Duas horas já havia passado. Faltavam dez horas, James Kramme. Outra batida da bengala no chão. Outro pensamento.

“Será possível? Que a Morte seja real? O aviso era real? Irá acontecer algo comigo? Não, não! Eu nego que isso seja real. Isso é uma loucura. Por que eu faria algo assim? Eu estou bem. Não me sinto doente. Apenas... sinto-me deprimido, mas fora isso, eu estou bem.”.

Dez horas para redimir seus erros, James Kramme. O tempo estava passando. *“Dez horas não são suficientes.”.* Ficar parado de braços cruzados esperando algo para ser redimido não ia adiantar e você perderá a chance de agir. O que faria para se redimir em apenas dez horas, James Kramme? O que faria? Pense bem. *“Não faço a menor ideia.”.*

Qual seriam seus planos para redimir seus erros, os seus pecados? Algo que você desejaria ter feito antes. *“Não sei... Fiz tantas coisas cometendo erros passados. Erros que me envergonham.”.*

Então, por que não corrige seus erros, James Kramme? Não é tão difícil assim.

“Não sei por que estou falando disso. Falar é tão fácil. Mas fazer é outra coisa. Isso iria soar muito estranho. Estou falando sozinho.”. Se você pudesse corrigir os seus erros, quais seriam?

Ele parou de bater a bengala. Permaneceu em silêncio por um tempo. Até que começou a visualizar o rosto sofrido da sua ex-mulher. *“Anna.”*

Ela era linda tanto quanto a sua namorada. Tinha cabelos escuros, olhos azuis e rosto alvo. A boca era grande e avermelhada. Era uma linda figura que parecia saída de um conto de fadas. Uma verdadeira Branca de Neve na faixa dos trinta e poucos anos. Uma princesa que foi abandonada por um príncipe encantado, trocada por uma mais nova. A princesa que sofreu muito e chorou por muitas noites, tentando entender o porquê chegou ao fim o seu casamento. A princesa que sempre fez tudo certo e procurava agradar seu príncipe. Fazia ótima comida. Sabia fazer amor para não colocar nenhum defeito. Sabia manter-se bonita e feliz para agradar seu príncipe. De toda a virtude que tinha o seu único defeito era ser amorosa demais. Seria esse o

defeito que fez o casamento ser desfeito? A princesa sofreu uma grande decepção ao saber que o príncipe teve uma relação extraconjugal. Ela procurou perdoá-lo por seu deslize e tentava entender o porquê do príncipe ter feito isso. Mas o ingrato e infiel disse uma frase, quatro palavras simples que juntas se transformaram altamente destruidoras, iguais a uma bomba nuclear: *eu quero o divórcio!*

Os olhos do James Kramme marejaram, porém conteve o choro. Era duro lembrar o rosto dela com cara de choro quando ele a largou para ficar com a outra. Maldito traidor. Destruidor de coração.

“Se eu pudesse redimir os meus pecados, eu procuraria primeiro a minha ex-mulher. Sim, ela é a primeira pessoa que eu gostaria de pedir perdão. Ela sofreu tanto. Chorou tanto por mim. Oh, céus! E como ela sofreu muito! Destruí o coração dela. Não consigo esquecê-la. O que fiz com ela merece ser castigado. A morte da minha namorada foi um dos castigos que recebi.”. O quê mais?

“Descobrir o motivo que levou a minha namorada a cometer o suicídio. Tem que haver uma explicação, o porquê dela fazer isso. Será que

foi algo que eu fiz? Quero saber a verdade, para deixar a minha alma em paz. A morte dela ainda me aflige.”.

“O meu amigo. Machuquei tanto o meu amigo por causa da minha arrogância. Por minha causa, um dos olhos dele ficou cego. Até hoje nunca mais trocamos uma palavra. Acho que seria uma boa ideia pedir perdão a ele, também.”. E o quê mais?

“Ajudar aquela mulher grávida do prédio verde. Ela não merecia sofrer nas mãos daquele filho da mãe. Alguma coisa tem que ser feita a respeito disso. Aquela mulher parece ser uma boa pessoa. Tenho que ajudá-la. Sou testemunha. Tenho que colocar um basta naquele brutamonte estúpido. É um risco que terei que correr. Se ninguém está tomando providência, então este alguém serei eu.”. Você está fazendo um grande bem para as pessoas próximas a você, James Kramme. “Espero que eu não tenha perdido a minha razão.”.

O senhor Kramme se levantou colocando seus pés no chão. Colocou as duas mãos juntas sobre a cabeça do lobo da bengala. Estava se sentindo determinado. Depois de refletir tudo o que

acabou de pensar, chegou à conclusão de que era uma boa hora para resolver os problemas pessoais que tanto lhe afligiam. Não podia mais permitir que os problemas corrompessem sua alma, não a deixando em paz. Estava sentindo o peso da sua consciência, como se, no sentido mais metafórico possível, carregasse uma bigorna amarrada na sua cabeça e a arrastasse no chão na maior parte do tempo. Hora de livrá-la.

CAPÍTULO 5

Banho tomado e roupas trocadas. Agora vestia uma calça marrom, camisa xadrez azul por dentro da calça, com um cinto de cor vermelho-escuro. E para aquecer da friagem lá fora usava um blazer de cor azul-marinho com cotoveleira feita de couro marrom. Usava também uma boina xadrez na cabeça e um perfume cítrico passado no pescoço. Olhava no espelho pendurado na porta do guarda-roupa pintado de branco e via que estava apresentável. O uso da bengala personalizada acrescentava um charme a mais para ele. Esboçou um sorriso, porém sentia-se nervoso. O tique nos olhos voltou. A ideia de reencontrar sua ex-mulher revirava seu estômago. Sentia ânsia de vomitar. Estaria preparado para um encontro com ela? Fazia tanto tempo que não conversavam. Apenas a via em passagens rápidas, afinal ela morava ali perto, no outro quarteirão. Era irônico que os dois morassem perto um ao outro, porém sem trocar nenhuma palavra. Agora era o momento certo. Hora de

PERIGOSAS ACHERON

reencontrá-la. Hora de acabar com o peso do remorso. Precisava se redimir por isso. O perdão era a chave para a sua liberação, para alcançar um novo voo. Respirou fundo e saiu do quarto.

Foi até a porta da sala e parou por um momento. Ouviu os passos de alguém do outro lado da porta. Uma risada no fundo. Era a voz de uma mulher em companhia de alguém. Talvez um homem. Um amigo. Ou um namorado. Não sabia quem era. Não via os rostos. Não tinha olho mágico na porta. Apenas ouvia as duas vozes distintas, que trocavam umas palavras. Os passos foram distanciados, desceram pela escada. Sentiu o nervosismo intensificar. Estaria pronto para sair e ver alguém que tanto feriu por sua atitude fria? Não, não desistiria. Precisava vê-la. Faria isso a qualquer custo para estar com ela mais uma vez. É agora ou nunca. Colocou a mão na maçaneta redonda e dourada, destrancou a porta e abriu.

A corrente fria do corredor da escada invadiu sua sala deixando no ar o cheiro de produto de limpeza que a servente havia acabado de usar. A escada era feita de madeira polida e tinha um formato oval e espiral sendo muito bonita, era um bom lugar de se viver, apesar do prédio não ter

elevador. Valia a pena morar neste prédio.

O senhor Kramme saiu do apartamento e trancou a porta com a chave que logo colocou no bolso da calça e começou a andar em direção à escadaria. Desceu com cuidado, com o auxílio da sua bengala. Lá embaixo, no segundo andar, um rapaz de boné, na faixa de vinte e poucos anos, subia apressadamente. Ele não conhecia o rapaz, mas parecia morar no prédio. Em menos de dez segundos o rapaz passou por ele sem trocar uma palavra. O senhor Kramme ignorou o jovem e desceu até o final, no saguão do prédio.

O saguão era amplo, porém simples, com pouca mobília. E mais adiante estava a porta da fachada do prédio com a claridade da tarde ensolarada. Antes de colocar seu pé para fora da fachada do prédio, algo mudou nesse cenário. A claridade havia dissipado de repente. Apenas uma densa fumaça sufocante cobria tudo. Era uma paisagem cinzenta. Nada podia ver lá fora. Ouviu os barulhos estrondosos atrás dele.

Olhou imediatamente para trás e viu, para sua desagradável surpresa, a destruição total do saguão. Paredes rachavam, teto desabava e fumaças emergiram do nada. Da escada saía um vulto negro

e translúcido acompanhado de sua foice. As cinzas cobriam o chão. E ele permanecia imóvel olhando tudo aquilo de forma assustadora. A visão. “*Ela voltou. De novo, não!*”. A Morte observava seu movimento, por menor que fosse. Senhor Kramme então fechou os olhos, com força. Sabia que a visão logo iria sumir como aconteceu das outras vezes e foi então que alguém agarrou seu braço.

Abriu os olhos e viu a mão de alguém que para o seu horror tinha a pele derretida com a carne vermelha exposta. Podia sentir o fedor de podridão. Olhou também para o braço que estava em estado deplorável e horrendo. O tecido da roupa grudava na pele do braço que transpirava sangue. O coração disparou. Ouviu a voz de quem agarrava o seu braço, mas não tinha coragem de ver seu rosto. Poderia ser uma pessoa desfigurada e grotesca. A pessoa parecia suplicar, com voz de agonia, de quem pede socorro.

O senhor Kramme sentiu o arrepio subir da sua espinha até a nuca lhe provocando uma sensação do mais puro terror. Ele conseguiu sacudir o braço com força, largando e afastou-se da porta olhando para alguém lá fora. Mas não havia nada lá.

PERIGOSAS NACIONAIS

O que via agora era apenas a claridade do Sol. Os transeuntes caminhavam tranquilamente pela calçada da esquina. Não havia mais fumaça espalhada, nem cinzas. Nem destruição. O saguão permanecia no mesmo estado de antes. A visão lhe pregou uma peça, mais uma vez. “*Maldita visão!*”. Procurou manter-se calmo, apesar do coração disparado. Resfolegava por um tempo, até empalidecer. A batida cardíaca normalizava pouco a pouco. Refeito do susto e do terror sentiu-se disposto para ir adiante. Precisava fazer alguma coisa, antes que começasse a ficar louco. Precisava ver logo a sua ex-mulher. Pegou o relógio de bolso e viu que eram três e quinze da tarde. Não podia perder tempo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 6

Quando saiu do prédio, James Kramme sentiu a luz do Sol tocar seu rosto e o vento outonal envolvê-lo com frescor. Antes de seguir em frente enfiou a mão no bolso do blazer e tirou um pequeno saquinho de plástico com fecho. Nele trazia muitas balas, aquelas balas, as de sua preferência. Abriu o pacote com cuidado, pegou uma delas e jogou na sua boca. A bala tocou na superfície da língua e ele sentiu o sabor poderosamente cítrico adocicado e delicioso. Guardou o saquinho de volta no mesmo bolso do blazer.

Pôs-se a caminhar pela calçada de pedra enquanto chupava a bala passando pelos postes de ferro e por sob as árvores desfolhadas. Caminhava devagar, mancando, mas com o auxílio da bengala. Sua cabeça sempre baixa, com os olhos fixos nas pedras da calçada. Mal conseguia levantá-la para ver os rostos dos transeuntes. Não podia ver seus olhos. Não os conhecia. Por que deveria olhar nos olhos das pessoas? Seu pensamento flutuava.

PERIGOSAS ACHERON

Imaginava a reação da sua ex-mulher. Ela iria ficar feliz de revê-lo? Talvez não. Ou talvez sim. O comportamento humano era muito imprevisível. Não tinha como saber. Só tentando fazer para ver o que aconteceria. Se a reação fosse negativa não perderia seu tempo e logo se retiraria dali para o mais longe possível. Mas se fosse positiva... Bom, ele não tinha a mínima ideia o que falaria com ela, mas sabia o que pretendia. Precisaria atingir seu real objetivo. O perdão. O verdadeiro Santo Graal para sua alma atormentada.

Sentiu uma corrente de vento quando passou ao lado da fenda que tinha entre os dois prédios antigos. Um cheiro diferente, característico. A podridão da carne. O fedor nauseante. Apesar do mau cheiro, ele não se deteve, pois precisava seguir em frente. A sua ex-mulher trabalhava em uma loja de grife no outro quarteirão. O marido dela era o dono da loja, aliás, estava temendo pela reação dele. Seria ele um marido ciumento? Estaria preparado para receber um soco daqueles?

“Seu desgraçado! Você destruiu a alma dela. Fique longe! Ou eu te mato!”. A expressão animalesca do marido, o punho cerrado e os dentes à mostra prontos para acabar de vez com o homem

que largou a mulher frágil e amorosa. Traidor. Infiel. Destruidor de coração feminino. “*Perdoe-me, Anna! Perdoe-me por tudo o que fiz.*”. Ele imaginou uma cena patética e dramática. Ajoelhado, aos prantos. As mãos dadas, suplicando. Um filete de sangue corria pela ponta do seu lábio e o olho esquerdo avermelhado, prestes a inchar e ganhar uma cor arroxeadada.

A imaginação que seria vivida por ele continuava com a cena do rosto de Anna se mostrando penosa. A mão dela estava colocada em seu próprio coração, então ela se aproximou dele fazendo com que abaixasse a cabeça, envergonhado por seu ato. Ela então tocou o rosto dele que fez com que erguesse a cabeça, ela levantou a mão para cima e bateu no seu rosto. O som ecoou. A dor. A vermelhidão na face direita. Um merecido castigo.

“*Você é um imprestável, seu canalha! Nunca vou perdoar pelo o que fez comigo. Você acabou com a minha vida. Desgraçado! Porco! Um verme que não merece ir a nenhum lugar. Nem céu e nem ao inferno. Nem qualquer lugar que lhe dê um abrigo e conforto. Adeus, James Kramme. Não apareça mais na minha vida.*”. E ela encerrou cuspiendo na cara dele que ficou envergonhado.

Desejava que tudo o que imaginou não se tornasse realidade. Entristecido, abaixou os olhos e viu as pedras da calçada enquanto caminhava. Seria essa a cena que iria acontecer com ele quando encontrasse com Anna? Ele desejava que não, mas se for assim, que assim seja, para o seu merecimento castigo. Pelo menos a consciência teria menos peso quanto antes.

Ele se deteve quando viu um pássaro morto na calçada. As perninhas para cima, dobradas. As asas abertas. E o cheiro fedia. Sua carne apodrecia. Outro pássaro morto surgiu adiante. E mais outro. E quando levantou a cabeça viu que os pássaros mortos caíam do céu e se espalharam por todas as ruas, nas calçadas. Os transeuntes não notaram e seguiram seus caminhos normalmente. Menos James Kramme que se mostrou horrorizado. O cenário era aterrador.

Ele parou com a mão apertando a cabeça do lobo da bengala, com toda a força. A visão estava se tornando cada vez mais frequente. Mais real. Fechou os olhos por alguns segundos. Sabia que era apenas visão. Logo, logo iria passar. Abriu os olhos e viu um cenário diferente. A cidade destruída. O céu cinzento. Chuva de fuligem caía. Não havia

peessoas vivas ali. Era tudo cinza, tenebroso. Houve uma grande destruição. Nenhum prédio ficou intacto. Tudo caído aos pedaços. Um deles desabou e a terra tremeu. Olhou para o céu de fuligem e viu silhuetas de pássaros mortos, caindo, apenas caindo, caindo... O cheiro de morte pairava no ar.

O desespero bateu nele. O coração acelerou. O mal-estar começou a emergir. Estava sozinho diante do cenário dantesco e surreal. Sua alma morria vendo tudo aquilo. Fechou os olhos e colocou a mão sobre a outra. “*Não!*”. Gritou ele no seu pensamento.

Abriu os olhos devagar, temerosamente. Desejava voltar para o seu mundo real e ensolarado, com pessoas circulando por aí. E lá estava o cenário de volta. Belo e encantador. Cheio de vida. Ele ficou aliviado mais uma vez. E ao mesmo tempo cada vez mais preocupado pelo o que estava por vir. Haveria explosão nuclear nesta cidade? Mas por quê? Que motivo a cidade teria para ser varrida do mapa? O que o povo fez de errado para merecer uma morte súbita? Alguma coisa estava errada.

Por um momento cogitou pensar que seria melhor avisar à polícia sobre a possibilidade de

uma detonação nuclear. Mas como, se não tinha prova para mostrar, senão sua visão? James Kramme não era estupidamente burro. Sabia o que aconteceria se desse um alarme questionável à polícia não tendo nenhuma prova concreta. Não tinha dúvida que seria levado imediatamente para tratamento psiquiátrico, caso soubessem do seu colapso nervoso recente. Ele ficaria preso em um hospital psiquiátrico dopado, com fortes medicamentos. Seria uma pessoa inútil e acabada. Ficaria refém do seu nefasto pensamento e da sua loucura que crescia dia a dia, como um câncer incurável na sua mente. Seria um fim patético da sua vida. Isso ele jamais permitiria acontecer.

Mas ele poderia avisar às pessoas ali na rua. E iria adiantar alguma coisa? Não! Ele desejava que a sua visão estivesse redondamente enganada. Desejava que amanhã fosse outro dia. Alegre e sossegado. Olhou para algumas pessoas e crianças brincando do outro lado da rua. Viu um casal de idoso de mãos dadas; um jovem rapaz romântico andando de bicicleta e segurando um buquê de flores; e um cachorro com o rabo abanando para a sua dona que conversava carinhosamente com ele. A população dessa cidade era simpática e feliz, sem

fazer ideia de que a sua morte estava contada. Todos iriam morrer na balada da meia-noite.

O coração entristeceu. Se antes pensava que estava se lixando para o mundo, mudou de ideia. Faria qualquer coisa para que a cidade não merecesse um “dane-se” e que continuasse se mantendo em pé por muito tempo. Adorava aquele lugar. Era ali que cresceu, ali que seus pais moraram por toda a vida até as suas mortes. A cidade era, definitivamente, um bom lugar de viver. Isso ele não podia negar.

Olhou para cada lado e não viu nenhum carro. Atravessou a rua e seguiu mais adiante passando ao lado do prédio verde. Por força do destino um homem esbarrou nele com cara de poucos amigos, então o senhor Kramme olhou para o homem e reconheceu a sua fisionomia. Os cabelos, o bigode, o seu trejeito... era o marido que tratava mal aquela mulher grávida.

— Seu idiota! Olhe por onde anda seu aleijado inútil! — disse em voz alta e em tom ríspido. Seu rosto era sério e mal-educado. Não havia uma humanidade nos seus olhos. Era frio e vazio. Um par de olhos negros como o abismo do inferno de Hades.

O senhor Kramme não disse nada. Taciturno como era apenas lançou um olhar reprovador para aquele homem que se afastava, com as costas viradas para ele. Ele agiu como um brutamonte à procura de encrenca. O senhor Kramme colocou as duas mãos juntas sobre a cabeça do lobo da bengala e ficou imóvel ali ao lado da fachada do prédio verde. Depois que o homem, que batia na esposa, desapareceu de sua vista, ele olhou para a fachada.

Lá em cima, na janela aberta, ele sabia que morava a mulher de cabelos de fogo, embora não estivesse conseguindo vê-la naquele momento. Será que ela estava bem ou muito machucada? Se estivesse ferida, certamente aquele homem sem alma não ficaria impune por muito tempo, porque faria com que ele ficasse mais perto da detonação nuclear. Ele merecia morrer. “*Homem ruim tem que morrer.*”. Mas a mulher grávida não merecia ficar nessa cidade. Ela precisava sair. Para o mais longe possível. Precisava ser salva, juntamente com o seu bebê e mereciam ser felizes.

Aproveitando a oportunidade pela saída do homem sem alma, aproximou-se da fachada do tal prédio verde, pela porta da entrada, e viu que tinha um interfone. Não sabia qual era o número do

apartamento dela. Havia dezesseis apartamentos. Quatro apartamentos em cada andar. Olhou para cima e confirmou que ela morava no segundo andar do lado esquerdo. Então o número deveria ser 201. Ou seria 202? Não custava tentar chamar cada um destes apartamentos. Apertou o 201 primeiro. Alguém atendeu. Ouviu uma voz masculina e fraca, provavelmente um idoso.

— Quem é?

— Por favor, procuro uma pessoa. É neste apartamento que mora uma mulher grávida de cabelo ruivo?

— A Yeva? Ela mora do outro lado. É o número 202.

— Obrigado! Desculpe pelo incômodo. — O homem no interfone desligou.

“*Yeva. Então, este é o seu nome.*”. O nome era bem curto e diferente. Porém, bonito. Parecia combinar muito com ela. Sabia que seu nome tinha um significado. A palavra era polonesa e significava vida. É isso que ela é. Uma mulher cheia de vida e com uma vida nascendo em sua barriga. Esse nome lhe era familiar, mas não sabia o porquê.

Logo a seguir então apertou o número 202.

Aguardou alguém atender, mas nada. “*Será que ela estava bem? Por que ela estava demorando muito para atender ao interfone?*”. Estava com um pressentimento de que alguma coisa havia acontecido com ela. Tocou mais uma vez. Nenhuma resposta. Se aquele homem sem alma fez algum mal para ela, ele não hesitaria em fincar o coração do homem com a ponta de sua bengala. Como ela não atendia, afastou-se da porta e logo voltou a caminhar. Precisava ver a Anna e conseguir o perdão dela. Seguiu mancando pela calçada de pedra, sob as árvores desfolhadas.

CAPÍTULO 7

Uma surpresa inesperada. Foi isso que Anna Garwolim teve quando viu seu ex-marido parado do lado de fora do prédio comercial olhando para a vitrine. Ele não a viu, chegou há pouco tempo e estava apenas examinando as roupas nos manequins. Eram roupas refinadas, elegantes e com preços caros.

Anna estava de pé atrás do balcão de madeira polida em forma de meia lua, seus cabelos negros eram longos, repicados e possuíam franjas que cobriam a sua testa. Sua boca era grande e estava com batom vermelho, tinha uma aparência moderna, mas não mais aquele ar clássico de princesa que o senhor Kramme conheceu antes. Ela tinha se tornado uma mulher madura e independente. Não era mais um ser frágil, como ele pensava, agora parecia forte, pelo menos por fora. Só que na realidade por dentro ela estava abalada, o fim do relacionamento com ele lhe deixou cicatriz, para sempre, mesmo com a sua nova vida e estando

PERIGOSAS ACHERON

feliz.

As mãos dela estavam visivelmente trêmulas, fazia tempo que não o via tão perto, apenas de longe e em rápidas passagens, várias vezes, sem nenhum aceno, nem uma troca de palavra. Agora, ele estava ali. Ele sabia que ela trabalhava nessa loja. Seu coração disparou. Estava nervosa. “*Meu Deus! O que ele está fazendo aqui? O que ele quer de mim?*”. Ela nem sequer imaginava que o rosto do senhor Kramme continuava o mesmo desde que se separaram. Mas ainda assim havia algo diferente nele. Não parecia ser a mesma pessoa. Ela soube que ele sofreu um colapso nervoso.

Quem deu a notícia sobre o ocorrido foi a sua amiga de muitos anos que trabalhava na escola em que ele lecionava aulas de artes. Quando ela soube do ocorrido teve o impulso de ir vê-lo no hospital, mas foi impedida por essa amiga. Ela aconselhou não dar uma chance ao homem que a abandonou, que a trocou por uma mais nova. A senhora Garwolim concordou. Realmente não podia dar esse gostinho a mais para ele que merecia um sofrimento pior do que o dela. Ela já havia passado por uma depressão, procurou ajuda psicológica, tomou remédio e tentou dar a volta por cima. E

depois que ficou quatro meses sozinha encontrou um homem diferente e romântico.

Um ano depois se casou. A coisa tomou um novo rumo. Tinha se esquecido do passado que teve com James Kramme até agora. Ao vê-lo parado em frente da vitrine, a imagem de tudo que passou surgia em sua mente com toda a força mexendo com o seu sentimento, psicológica e emocionalmente.

James Kramme ficou todo sorridente quando a conheceu pela primeira vez, foi um verdadeiro cavalheiro e lhe cortejou. Ela se sentiu lisonjeada, só que era muito tímida. O encontro aconteceu na época da primavera, em um local chamado *Kafeteria*.

Ela estava sentada sozinha lendo um livro recém-lançado chamado “A Dança da Morte”, de Stephen King, que havia comprado no dia anterior. Ouviu falar do sucesso que o livro teve e como era apaixonada por terror e fantasia não se conteve e comprou. Não se arrependeu depois de ler algumas páginas. Na mesa, uma xícara de café cappuccino e

um *croissant*. Era um lugar perfeito para fazer uma leitura aprazível. Também era um lugar perfeito para um novo amor prestes a nascer ali.

James Kramme, na ocasião tinha 28 anos e ela 25, chegou ao local carregando livros de artes sob seu braço. Seus cabelos estavam totalmente desarrumados pela força do vento lá fora. Ele vestia uma calça social azul-marinho e uma camisa branca, com mangas dobradas até os cotovelos. Sentou à mesa que ficava na frente dela. Logo de início ele não a olhou, pois estava totalmente atrapalhado. Um dos livros escorregou e caiu no chão.

O som do baque de um dos livros ao chão chamou a atenção das pessoas que se encontravam ali. Poucas. Com o barulho ela o observou, discretamente. Ela sorriu, porque o achou bonitinho e engraçado. Ele ajoelhou para pegar o livro e depois ajeitou seu cabelo para trás com uma das mãos livres, então foi neste momento que ele percebeu ela sentada a sua frente. Primeiro olhou suas pernas, longas e perfeitas. Estava com um vestido xadrez que cobria até o seu joelho. Depois ergueu os olhos encontrando os dela.

Os azuis lindos e vivos o encantaram. Depois

observou a sua boca grande que esboçava um sorriso. Ele retribuiu. Encantado pela beleza daquela mulher não se deu conta de que estava ajoelhado no chão por alguns minutos, feito um completo idiota. Ela ria com isso, tentou segurar, mas não conseguiu. A risada dela o deixou ainda mais encantado. Definitivamente havia gostado muito dela.

— Você parece uma princesa — disse ele para ela.

Ela parou de rir. Ficou completamente encantada ao ouvir isso. Nenhum rapaz nunca disse algo tão bonito e isso lhe deixou um pouco ruborizada, mas não conseguiu conter um sorriso involuntário. Ele também não conseguiu. Levantou-se e sentou no seu lugar sem tirar os olhos dela. Eles olhavam para a janela, até que ela voltou a olhar para ele quando percebeu que era observada, então sorriram um para o outro. Rapidamente ele percebeu que o livro que ela estava lendo já conhecia, tinham alguma coisa em comum e havia algo mais acontecendo entre eles. Ele sabia. Ela também.

— O cara é muito bom! — Ele disse e Anna o olhou sem entender nada.

PERIGOSAS NACIONAIS

— O quê?

— Esse livro aí, eu já li. Uma história muito boa. O autor escreve muito bem.

— Ah, sim! Estou gostando muito da escrita dele. Espero que ele escreva mais livros.

— Eu também! Posso saber qual é o seu nome, princesa?

Ela ficou encantada. Ser chamada de princesa havia lhe feito subir nas nuvens. O cara era lindo, charmoso, educado e ainda gostava de ler livros. Qual era a probabilidade de encontrar um cara assim como ele? Pouca. Bem pouca. Não existem muitos iguais a ele.

— Meu nome é Anna.

Ele sorriu com os braços cruzados sobre a mesa sem tirar os olhos dela.

— Muito prazer, princesa Anna! Eu sou James Kramme.

Aquela tarde foi maravilhosa. Não havia como esquecer. “*Que fim levou aquele amor que possuía quando conheceram um ao outro? Aquela paixão que despertou entre os dois?*”. Com o passar dos anos perceberam os defeitos que tinham e foi por isso que a chama da paixão foi dizimada. O amor acabou por causa de um defeito humano.

PERIGOSAS ACHERON

James Kramme se entristeceu ao lembrar-se de como a conheceu. Sentiu a sua alma sendo comprimida, como se tentasse sair por sua garganta estreita e dolorosa. Ele permanecia parado em frente à vitrine olhando o seu próprio reflexo e não as roupas masculinas dos manequins. Seu olhar estava vago, pensativo.

Com a mão pousada sobre a outra que segurava a bengala pela cabeça do lobo podia ver, através da vitrine, por entre os manequins, a senhora Garwolim atrás do balcão falando com uma atendente jovem e bonita. Esta balançou a cabeça afirmativamente e olhou para ele rapidamente, em seguida sussurrou algo no ouvido dela. Ele sabia: ela tinha lhe visto. Ela sabia que ele estava ali.

Será que iria falar com ele? Será que conseguiria falar com ela? Ou será que ela sairia da sua vista? Não podia perder essa oportunidade. *“Tenho que entrar e falar com ela. É agora ou nunca.”*, pensou ele enquanto olhava para as duas que mal olhavam para ele. Voltou a olhar para o

seu próprio reflexo, pois o Sol escureceu repentinamente, como se tivesse sido engolido por um gigantesco monstro. Podia ver pelo reflexo da vitrine um forte clarão emergindo por trás dos antigos prédios. Havia uma bolha de luz branca acima dos prédios abrindo um grande rombo no céu. Logo em seguida sentiu o tremor no chão.

A vidraça da vitrine estilhaçou com violência. Os manequins balançaram de um lado para o outro e logo caíram duramente para fora, despedaçados. A terra tremeleava cada vez mais. Olhou para trás com os olhos arregalados. Os prédios foram estilhaçados facilmente pelo impacto da onda de choque e com isso milhões de destroços voaram em sua direção, prontos para atingi-lo.

— O que você faz aqui, James? — perguntou a sua ex-mulher parada no vão da porta da loja. As mãos dadas por trás das suas costas indicavam que ela estava muito nervosa, mas tentava manter-se firme. Queria provar a ele que estava bem e que voltou por cima.

O senhor Kramme que estava com a mão cobrindo a boca pelo espanto que presenciou com o clarão percebeu que voltava à realidade. A visão foi embora, mas a imagem lhe assustou muito.

— Você está bem, James? — perguntou percebendo que o ex-marido estava agindo de maneira estranha. Nunca foi assim, mas depois do colapso que sofreu ficou diferente e ela custava em vê-lo daquela forma.

Ele abaixou a mão piscando algumas vezes e olhou para trás para certificar-se que tudo estava no seu devido lugar, só que era óbvio que isso não duraria por muito tempo. A cidade seria destruída de qualquer maneira. Ele abaixou a cabeça sentindo-se assustado.

— Olha, eu não posso ficar aqui por muito tempo, tenho que voltar ao trabalho. Você pode me dizer o que você quer de mim? — Ela perguntou já tomada por certo aborrecimento pela demora da resposta dele. Se ele foi até lá para falar com ela era porque tinha um motivo e precisava saber qual era. Precisava ouvir a resposta dele.

— Eu... eu vim aqui para falar com você — disse ele, finalmente, olhando diretamente para os olhos dela. Os belos azuis que tanto lhe encantaram. Ela soltou um suspiro com ar de decepcionada.

— James, não temos mais o que falar.

— Eu sei — disse aproximando-se dela.

Parou diante dela. Face a face. Olhos nos olhos. Podia sentir o cheiro de seu perfume agradável. Sentia a falta do seu cheiro.

— Olha, eu sei que não está muito fácil para você por tudo o que aconteceu, por tudo o que eu fiz.

— Não acredito no que ouço.

— Por favor, apenas ouça o que eu tenho a dizer.

— Devo dar chance a você e ouvir? Você já me deu essa chance quando te pedi para não nos separar? Não, não me deu!

— Eu lembro e me arrependo por isso. Por favor, é muito importante para mim. É uma questão de vida e morte. — Ao ouvir isso ela estranhou. — Será que não podemos ir a algum lugar para conversarmos? Talvez na Kafeteria? É lá que nós...

— Eu sei o que tem lá. Foi onde nos conhecemos. Se você pensa em reatar o nosso amor, sinto muito, não posso mais voltar. Estou casada agora e muito feliz. Ele é um marido maravilhoso para mim.

— Eu sei Anna, mas não é isso que vim fazer. Eu quero apenas conversar com você. Por favor, me dê uma chance. Quero te falar uma coisa

importante, eu não estaria aqui se não fosse tão importante assim.

Ela o olhou por um momento e percebeu que ele estava sendo muito gentil, o que era meio estranho para ela. Começou a pensar que ele poderia estar doente ou com a sua saúde debilitada. Alguma coisa aconteceu com ele, senão não falaria que é caso de vida ou morte.

— Está bem! — disse ela cedendo. Precisava ouvir tudo o que ele tinha a dizer. Precisava sentir a paz que há tempo não via. Estava na hora de resolver o assunto pendente. — Você tem quinze minutos para falar comigo.

— Está ótimo assim! Vou ficar eternamente agradecido por ceder seu tempo precioso para mim. — Ele disse.

Olhando para ele notou que havia se tornado uma pessoa diferente. Ela deu um suspiro, resumindo nele todo o peso que aquele momento representava, e entrou na loja para falar com a atendente. Enquanto isso o senhor Kramme olhou para trás em direção aos prédios que antes tinham sido estilhaçados. “*Centenas de pessoas irão morrer nesta madrugada.*”, pensou. Olhou para o relógio do prédio e constatou que faltava vinte para

PERIGOSAS NACIONAIS

as três da tarde. Tinha apenas nove horas para aproveitar a sua vida.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 8

As letras adornadas na marquise, que era feita de lona branca e pendurada em cima da porta do prédio, dizia: *Kafeteria*. Era um prédio de três andares com tijolos, pintado na cor marrom e a porta branca, do lado tinha uma fileira de três janelas de vidros com tamanhos iguais. Os transeuntes caminhavam na calçada de pedra. Bem em frente ao prédio havia um banco de ferro com as costas viradas para a rua, com pouco movimento onde um casal de jovem namorava com juras de amor e promessas de um futuro promissor.

James Kramme sentou na cadeira em frente à mesa e do outro lado estava a senhora Garwolin. Ela o observava silenciosamente esperando o que teria para ouvir dele. Enquanto isso ele permanecia batucando e olhando o casal pela janela, ela também observou brevemente lá fora e soltou um leve suspiro, teve uma rápida lembrança de quando o conheceu há dez anos. Com o local já quase vazio senhor Kramme tinha a palidez da luz do Sol beijando seu rosto.

PERIGOSAS NACIONAIS

Um casal de idoso sentou ali no meio da sala tomando seu café. No caixa da lanchonete tinha uma atendente que estava visivelmente enfadada. A outra moça, uma garçonete negra, segurava um controle remoto apertando o botão para mudar o canal da televisão que estava fora do ar. Neste momento ele percebeu que o problema não era somente no apartamento dele, mas da cidade toda.

— Você percebeu que a televisão e o rádio estão fora do ar? — perguntou para a sua ex-mulher que se demonstrou impaciente. — Aconteceu a mesma coisa com você também? — Ela balançou a cabeça.

— Não sei! Eu não reparei. Não tenho tempo para ver televisão ou rádio. Tenho muita coisa a fazer.

A luz acesa da Kafeteria começou a piscar, várias vezes. Ele olhou para a luminária fosforescente esboçando um leve sorriso. Estava feliz por não ser o único que vinha tendo esses problemas. Algo sobrenatural pairava na cidade.

— Olha só para isso! Está acontecendo de novo. — Ele disse apontando o dedo para a luminária. — Aconteceu a mesma coisa no meu apartamento e eu achei que imaginava coisas.

PERIGOSAS ACHERON

Ela olhou rapidamente para a luminária e depois para o seu ex-marido. Estava perdendo a paciência.

— Deve ser problema na fiação elétrica. Ou a lâmpada está enfraquecendo. — Ela concluiu após uma rápida examinada na lâmpada fosforescente e olhou para James. — Olha, eu tenho pouco tempo para ficar com você. Só tenho dez minutos agora. Fale o que você quer de mim.

Quando ele notou a feição dela com o fulgor do Sol em seu rosto podia ver claramente o sinal de sua idade. Rugas em torno dos seus olhos vivos e sombrios, mesmo perfeitamente maquiada. Ela expressava uma seriedade, longe de ser a pessoa amorosa que havia sido. Ele perdeu o seu sorriso, porque sabia que tinha pouco tempo para falar com ela. Dez minutos. Por que o tempo era sempre curto para ele? Era injusto. Mas ele não podia divagar sobre essa questão de justiça sobre o tempo, precisava era falar logo com ela. Agarrar a oportunidade. Precisava de um Santo Graal através do poder da palavra: *eu o perdoo*.

— Primeiramente, eu quero agradecer porque aceitou o meu convite para tomar café comigo. E...

— A garçonete negra apareceu trazendo duas

xícaras de café puro com açúcar e colocou-as na mesa.

— Deseja comer alguma coisa?

— Não, apenas café. Obrigada! — Ela respondeu prontamente à garçonete que saiu deixando os dois a sós.

Ao caminhar de volta para o balcão olhou para a lâmpada fosforescente que piscava, mas não observou por muito tempo porque a outra garçonete chamou a sua atenção pedindo sua ajuda para arrumar a máquina de café que parou de funcionar de repente.

— Bom, como eu ia dizendo, fico feliz que aceitou o meu convite. O motivo pelo qual te procurei é que gostaria muito, no fundo do meu coração, de te pedir desculpas pelo o que fiz. Você foi uma mulher maravilhosa, sempre leal comigo, além de me tratar tão bem quando fiquei doente por causa das pedras dos meus rins.

— Sim, eu me lembro disso. Mas por que você está falando disso, James? O que você quer ganhar com isso? Não podemos mais reatar nosso relacionamento. Sou uma mulher casada agora.

— Deixe-me terminar o que tenho a dizer, Anna, por favor? — Ele pediu piscando os olhos.

Começava a ter o seu tique novamente. Estava inquieto.

Ela não falou mais nada, apenas pegou a xícara de café e tomou um gole sem tirar os olhos dele. Notou que seus olhos piscavam várias vezes e sabia que ele ficava assim quando estava nervoso ou preocupado. Conhecia bem o seu tique desde o namoro.

— Eu reconheço que não fui um bom homem para você. Eu traí sua confiança. Fui infiel. Procurei aquela mulher, não por ser mais nova que você, mas sim por ser solta e divertida. Eu me iludi. Achei que o seu amor estava me sufocando demais. Você era amorosa demais, muito dengosa. Perfeita demais e muito leal.

— Eu era, mas não sou mais. Então, você acha que essas qualidades que tive eram defeitos?

— Não, muito pelo contrário. É uma virtude que eu não reconheci e que me arrependo até agora. Lamento por deixar de ser como era antes. Naquela época achava que você era careta demais para mim, achei que havia algo errado com você e não era o tipo de mulher com quem eu pretendia viver por toda a eternidade. Procurei uma que fosse diferente de você, mais extrovertida e que curtisse beber

comigo, além de transar em qualquer lugar, que vivesse perigosamente.

— Ou seja, sou uma mulher sem sal. É isso que você quer dizer? Uma pessoa sem graça?

Ele esfregou os dedos na testa fechando os olhos por um momento. Precisava manter-se calmo, pois o seu tique incomodava. Sentiu uma sensação de mal-estar e seu estômago queimava. Respirou fundo. Ao abrir os olhos a via sentada, calada, olhando para ele, com certa piedade.

— Olha, não fique assim, James. O que passou já passou. Estamos aqui para conversar e não brigar. Brigar é a última coisa que vou querer. Apenas fiquei um pouco... chateada, sabe? Mas, enfim, eu estou bem.

— Obrigado, Anna. Obrigado por ser tão boa e compreensiva comigo.

— Tento ser, James. Tento ser.

— Voltando ao assunto: eu achei que a minha namorada fosse me tornar a pessoa mais feliz do mundo. Mas eu me enganei. Fui estúpido por não reconhecer que o nosso casamento era maravilhoso, apesar de termos nossos momentos de altos e baixos. Quando a minha namorada aprontou algumas coisas... quero dizer, eu sabia que ela tinha

um caso com alguém, mas fiquei calado porque não queria perdê-la. Só que eu não imaginava que ela iria se matar sem nenhum motivo. Foi então que percebi que tinha uma pessoa que realmente me amava e que fez de tudo para me agradar. Você. A minha ilusória felicidade não durou por muito tempo e a infidelidade tem me corroído. Depois de perder você e ela, eu... — Ele começou a ter dificuldade de continuar a falar. Seus olhos piscaram e marejaram ao mesmo tempo, então uma lágrima verteu de um deles. As costas da mão limparam a lágrima que ficou no queixo. — Eu perdi o meu caminho.

A senhora Garwolim terminou de tomar o seu café olhando em silêncio para ele. Seu coração ficou apertado. Sentia um aperto lancinante em sua garganta, ele estava admitindo o seu erro do passado. Mas de que adiantava isso se cada um agora tomou caminhos diferentes? Ela casou-se. Não podia voltar atrás. O senhor Kramme tinha que pagar o preço alto pelo o que fez com ela. Mas também estava feliz de saber que ele ainda a amava. A princesa que ela foi um dia para ele tinha morrido. Agora tinha se tornado uma rainha que sabia muito bem manter o controle das suas

emoções. Ela cresceu e junto veio a maturidade. Quando surgia um problema que fugisse o controle da emoção simplesmente não permitia ser atingida. Tinha aprendido a lidar com isso e custou muito para aprender.

— Você está colhendo o que plantou, James.

— Sim, isso eu não posso discordar. Eu mereço. Por tudo de mal que fiz a você. Eu estou aqui para pedir seu perdão. Tenho sentido um grande fardo em minhas costas. Somente seu perdão poderá me libertar. E assim eu poderei descansar em paz.

Seu tique nos olhos finalmente diminuiu. Estava conseguindo controlar o seu desassossego. À medida que passava cada minuto com ela a tranquilidade o invadia.

— Por que está dizendo isso? Você está doente? Não me parece estar.

— Não estou doente, estou bem, pelo menos é o que eu acho. Só alguns momentos estranhos ultimamente. Bom, é que bateu uma consciência, sabe? Chegou um momento em que pensei o que aconteceria comigo se eu não procurasse um perdão? Tenho a impressão que quando chega a nossa hora de partir a nossa alma não sossega

enquanto não tiver perdão. Naquele momento do desfalecimento as pessoas devem ficar pensando nas pessoas que deixou de falar depois de uma briga. O espírito não estará em paz consigo mesmo se não houver perdão. E é justamente disso que eu quero tratar com você. Eu quero pedir o seu perdão, Anna. Apenas peço isso. O perdão.

Ela o olhou por um tempo examinando seus olhos e cruzando as mãos com os dedos entrelaçados. “*Quem era ela para cogitar vingança?*”, pensou enquanto observava seu ex-marido. Vingança não leva a lugar nenhum, ela estava perfeitamente ciente disso. Mesmo sofrido muito por culpa dele, a vida dela trilhou por outros caminhos e para melhor. A dele não. Ele sofreu muito, mesmo que ela achasse que ele merecesse passar por isso, a sequela deixada pelo colapso nervoso fez dele outra pessoa: mais preocupado pela sua atitude em si e o bem-estar dos outros.

— É muito nobre de sua parte vir me procurar. Isso é muito admirável. É preciso muita coragem para falar comigo depois de tudo o que aconteceu entre nós. Eu posso ver que você mudou bastante. Deixou de ser um desgraçado egoísta. Isso me deixa feliz, sabia?

O senhor Kramme custou a acreditar no que ouvia, ainda mais vindo dela. Começou a sorrir involuntariamente e colocou a sua mão sobre a dela sentindo o calor da sua pele. Havia tempo que não a tocava. Tão macia e delicada.

— Então, eu tenho o seu perdão?

— Sim, eu o perdoo — disse ela em tom sussurrante. As lágrimas saíram de seus olhos reluzidos pela luz do Sol. As lágrimas eram pela aceitação do erro admitido. James Kramme era agora um homem perdoado. — Posso não esquecer tudo o que fez comigo, mas vou me esforçar pra esquecer o passado. Você está perdoado, James Kramme.

Ele não se conteve exibindo um largo sorriso. Estava bastante aliviado, tinha enfim ganhado o perdão dela. Não imaginava que a conversa seria tão fácil e ao mesmo tempo difícil por causa do sentimento que ambos sentiam. Agora estes sentimentos estavam aniquilados e o passado perdoado.

— Muito obrigado, minha princesa. Agora sou um homem com a alma imperturbada. Muito obrigado, Anna! Muito obrigado pelo seu perdão. — Ela sorriu em silêncio. — E o seu marido?

PERIGOSAS NACIONAIS

Como está ele?

— Está bem e foi para Paris tratar de negócios. Ele tem uma filial lá.

— Que bom! Vejo que o negócio anda prosperando para vocês dois.

— Sim, batalhamos muito por isso.

— É feliz com ele?

— Sim, temos nossos momentos de altos e baixos, assim como qualquer casal.

— Naturalmente! Não existe casamento perfeito.

Ela abaixou os olhos, aparentemente entristecida. O senhor Kramme a conhecia bem e sabia que havia alguma coisa que não estava nada bem para ela, e percebeu isso desde que a encontrou na loja.

— Está tudo bem mesmo com você?

— Sim, estou bem! Graça a Deus!

— O que está te deixando assim? Eu te conheço.

— Uma bobagem! Meu marido está sem falar comigo faz tempo. Havíamos brigado. Só que... eu estou preocupada que ele faça a mesma coisa que você fez comigo. Eu não iria suportar passar por tudo isso de novo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Bem, como eu não o conheço não posso dizer o que penso a respeito disso. Acredito que seja qual for o motivo que desencadeou a briga entre vocês dois haverá uma reconciliação. Apenas dê um pouco de tempo e tenha paciência.

— Sim, você está certo! O tempo fez de você mais maduro.

— Sim, eu mudei depois daquele... que eu tive um treco. Sinto-me mesmo um homem mudado. — Os olhos dela marejaram. — Seja lá o que for, estarei sempre aqui para te ajudar, se precisar de mim.

— Obrigada, James!

— É o mínimo que eu posso fazer para você a fim de remediar toda a situação que lhe causei.

— Realmente você me surpreendeu. Aconteceu alguma coisa para que me procurasse? Depois de tanto tempo por que me procurou agora? — Ela perguntou curiosa. A curiosidade não a deixaria sossegada até que fosse esclarecida.

— Sim, aconteceu uma coisa, minha princesa — respondeu erguendo a cabeça para cima. Não tirou a sua mão sobre a dela.

— Poderia me dizer o que está acontecendo?

— Eu gostaria de poder lhe contar, mas é tão

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

difícil...

— É grave? Diga-me se é grave.

— Anna?

— Sim?

— Se eu te pedisse para você sair da cidade por uns dias, você faria isso por mim?

— Por que eu iria sair da cidade? James, eu não estou entendendo nada.

— Eu também não me entendo, mas tenho um forte pressentimento. Alguma coisa irá acontecer na nossa cidade. Hoje. À meia-noite.

— Vai acontecer o quê?

— Não tenho certeza, mas eu... eu não posso ficar sem fazer nada. Preciso fazer alguma coisa. Tenho que ajudar as pessoas. Salvar a vida delas. Por isso que eu te procurei primeiro. Você sempre foi boa comigo. Merece viver mais do que eu. Ter uma vida plena e feliz. Ter filho. Ou mais filhos. Era esse o seu sonho, não era minha princesa?

— Sim, era o meu sonho. Mas... eu não posso ter filho.

— Tenho certeza que um dia terá.

— Não, James. Eu sou estéril. — Ao ouvir isso um forte aperto comprimiu seu coração.

— Oh, eu sinto muito! Quando foi que ficou

PERIGOSAS ACHERON

sabendo disso?

— No ano passado. Eu e meu marido tentamos tudo e quando fiz exame foi constatado que o meu útero não...

— Não precisa falar disso.

— Está tudo bem. Eu já desconfiava disso, fingia não acreditar, mas no fundo, dentro de mim, já sabia que sou incapaz de gerar um filho.

— Mas nada disso está perdido, princesa. Há tantas crianças no mundo que precisam de uma mãe.

— Sim, pensei nisso. Falei com o meu marido sobre isso. Estamos cogitando uma possibilidade de adotar uma criança.

— Você será uma mãe feliz.

— Espero que sim!

— Mas não aqui, princesa. Aqui não é o lugar certo para criar e viver.

— Eu não estou gostando disso. Eu acho melhor...

— Eu sei que isso te assusta, mas eu sinto que algo terrível vai acontecer aqui. Eu juro que não é loucura. Estou consciente do que estou falando. Eu gostaria que você pegasse suas coisas e fosse para o trem. Por que não vai procurar seu

marido em Paris? Acredito que ele vai adorar te ver. Paris é um lugar lindo. Já foi lá?

— Várias vezes. Mas, James... eu não posso... isso não é certo!

— Eu sei que nós mudamos, mas no fundo ainda nos amamos. Eu desejo que você seja feliz e tenha uma vida longa, por isso eu peço que você saia dessa cidade o mais breve possível. Para hoje. Para agora mesmo. Essa cidade está condenada à morte.

A senhora Garwolim ficou espavorida ao ouvi-lo. Não era feitiço dele. Não conhecia o seu lado obscuro. Por que ele estava falando essas coisas? Estaria ficando louco? Suas mãos começaram a suar, estava visivelmente nervosa. O senhor Kramme ao observar a ex-esposa notou que seu pescoço era beijado pelo fulgor do Sol e percebeu que a veia por baixo da sua pele pulsava rapidamente. Ela estava nervosa. “*Meu Deus! O que foi que eu fiz com ela? Assustei-a demais!*”, ele pensou arrependido por ter dito aquelas coisas. Escolheu as palavras erradas, mas agora era tarde demais.

— Perdoe-me, Anna, se te assustei. Eu gostaria que você acreditasse em mim porque eu

desejo o seu bem. Jamais te faria mal. Essa não é a minha intenção.

— Eu sei James — disse ela já tomada de alívio ao ouvir a voz remansada dele. — Mas eu não posso sair dessa cidade. Minha vida está aqui. Meu trabalho. Minha casa. Todos vivem aqui. Por que eu deixaria tudo isso para trás por algo que não temos certeza se irá ocorrer ou não? Se a cidade realmente estiver condenada à morte, então estarei pronta para isso. Jamais a abandonaria. Se o destino deseja que seja assim, então será dessa maneira que devemos aceitar.

— Eu não posso suportar isso. Você não faz a menor ideia do que vai acontecer.

— James, seja lá o que vier a acontecer, não há o que temer. A morte não é o fim. É apenas uma passagem. A gente não acaba como muitos pensam. Por que então devemos temê-la? Aproveitemos ao máximo os momentos das nossas vidas. Deixemos que as coisas tomem seu próprio rumo, e não fuçamos mais dela.

— Você não tem medo de morrer?

— Quando era jovem, sim, eu tinha. E como tinha! Mas o tempo me fez amadurecer e percebi que o meu temor pela morte havia diminuído

muito. Já não sinto tanto medo assim. Percebi que a morte é inevitável. Isso faz parte de nosso processo na vida. Temos que aceitá-la como uma movimentação natural das coisas. À medida que vivemos, morreremos. Pra cada oxigênio que liberamos estamos morrendo minuto após minuto. Por isso, devemos aproveitar ao máximo o que pudermos de nossa vida.

O senhor Kramme estava completamente emocionado pelo o que ouvia dela. Ela se tornou uma mulher incrivelmente sábia e corajosa. Mudou bastante desde que se separaram. Era impressionante. O tempo fez questão de encarregar de melhorá-la.

— Eu nunca pensei ouvir tudo isso vindo de você, assim tão preparada para lidar com a situação.

— Sim, foi a minha amiga que me ensinou muita coisa. O que aprendi agora é que a vida sempre nos dá preparação para o que der e vier. Haverá sempre provas em nosso longo caminho. Estou pronta para tudo. E você, James? Está pronto para quando chegar a hora?

Ele balançou a cabeça. Seu tique nos olhos começou. Estava se sentindo inquieto devido às

PERIGOSAS NACIONAIS

visões que teve e que o deixou apavorado.

— Não, não estou pronto para isso. Você não pode ver o que eu vi. É terrível! Terrível demais. — Ela soltou um suspiro. Tentou ser paciente com ele, mas não podia ficar com ele por muito tempo. Os dez minutos já haviam passado. Estava na hora de voltar para a loja.

— Eu gostaria de poder ficar mais um pouco com você, mas...

— Por favor, fique mais um pouco aqui comigo. Gosto tanto de conversar com você.

— Veremos em outra hora, James. Eu tenho que voltar para o meu trabalho. As pessoas precisam de mim. Olha, pense sobre tudo o que te falei. Não existe essa história da cidade ser condenada à morte. Acredite de mim! Nada de mal acontecerá conosco, nem com as pessoas.

— Espero que você esteja coberta de razão.

— Você verá! Quando tudo isso acabar, você irá me procurar e se desculpar por sua loucura. Vá para casa, James! Descanse! Você precisa descansar bastante. Passou por tantas coisas que precisa dar tempo para que elas se ajeitem no seu devido lugar.

— Você está tão diferente e serena.

PERIGOSAS ACHERON

— As pessoas mudam, James.

Ele sorriu. Ela estava certa. As pessoas costumam mudar sempre. Para o bem ou para o mal. Ela olhou pela janela e viu o casal de namorados levantarem-se do banco e caminharem juntos com as mãos dadas pela calçada da cidade. Ela sorriu. “*Ah, a juventude... bom tempo aquele!*”, pensou voltando o seu olhar para James que estava calado, com os olhos entristecidos.

Tinha que deixá-la ir. Não podia agarrar a sua ex-mulher e tirá-la da cidade. Ela escolheu o seu caminho e ele esperava que ela estivesse certa. Que nada de mal acontecesse à cidade. Engoliu a seco, pois a dor espremia a sua alma, e o sorriso dela era tão sereno e sincero. Analisava Anna enquanto ela fez um sinal de aceno para ele.

— Nós nos veremos em breve, James. Cuide-se bem!

— Pode deixar que eu vou me cuidar. Até breve, princesa!

Ela olhou para ele por mais um momento, mas agora sem trocarem nenhuma palavra, e depois disso afastou-se saindo da Kafeteria. O senhor Kramme permaneceu ali sentado, calado, pensando em toda aquela conversa gravada em sua mente.

Olhou para a janela e pôde vê-la atravessar a rua. O Sol iluminava brevemente o seu rosto antes dela entrar pela sombra do prédio do outro lado da rua. Ela estava sorridente. O breve momento em que esteve com ela mexeu completamente com o seu sentimento. Era diferente e tranquilizador. Não havia mais o peso da culpa e do remorso de antes. Estava livre.

CAPÍTULO 9

James Kramme caminhava silenciosamente pela longa e curvilínea calçada revestida de pedras e coberta de algumas folhas amarelas. Do lado direito as fachadas dos antigos prédios eram pintadas em cor aspargo. Do lado esquerdo observava uma fileira de árvores com suas folhas que variavam entre o verde e o amarelo. O senhor Kramme mastigava a bala vermelha que tinha colocado na boca há pouco, antes de caminhar. As nuvens começaram a surgir no céu prestes a fechar o tempo bom. O Sol foi tragado repentinamente por uma delas. A claridade dissipou. O vento começou a soprar fortemente e, por pouco, quase levou a boina dele que segurou a tempo.

Enquanto caminhava devagar com a sua bengala não tirava a senhora Garwolim de seu pensamento, ela estava mais formosa que antes e mais airosa. Pensava como seria a sua vida se não tivesse se separado dela, certamente uma pessoa transformada e não teria nenhum colapso nervoso.

PERIGOSAS ACHERON

Mas o destino não quis que fosse assim, pelo menos poderia manter contato com ela de vez em quando, se assim ela desejasse.

Para ele a única coisa que mais importava era ter conseguindo o perdão dela. Isso era uma vitória. Ganhou a sua merecida recompensa que agora guardava no seu coração. Faltava rever seu velho ex-amigo caolho e ajudar a mulher grávida que vivia no prédio verde. Seu pensamento logo foi esvaecido quando notou a fina camada de neve a sua frente.

Com a ponta da bengala adentrando na camada branca seus olhos percorreram pela calçada e seguiram adiante até visualizar o cenário todo da cidade na sua frente. Tinha se tornado ruína total e aparentemente despovoada. O céu nublado trazia uma claridade prateada e ofuscante. A neve caía cobrindo todo o cenário a sua volta. Era inverno. Cinzento e sombrio. Os prédios estavam sem cor, decadentes e tombados. Pareciam carcomidos tanto por dentro, quanto por fora. As janelas também estavam demolidas. A rua estava vazia, nenhuma alma viva pelo caminho coberto de neve. Nem árvores. Nem pássaros. Nem o cheiro de natureza. A cidade estava morta. Assassinada pela explosão

que até agora se mantinha incógnita.

O tique nos olhos voltou novamente. A preocupação o pegou por completo. Desespero. Medo. Horror. Confuso. Angústia. Tudo junto e misturado. Ele estava tomado por mais uma visão do evento catastrófico e era totalmente terrificante. Estava sozinho naquela cidade agourenta. *“O que aconteceu com a população? Onde as pessoas foram parar? Por que ele estava ali no cenário do fim do mundo? Por que a cidade foi destruída? E qual o motivo?”*. Mais perguntas pipocaram no pensamento do senhor Kramme. Os olhos piscaram três vezes examinando o local. Olhou para trás por sobre seu ombro na esperança de que pudesse ver a sua velha cidade como antes. Mas nada. O cenário era o mesmo. Neve. Vazio. Terrífico. Uma cidade-fantasma.

Olhou imediatamente para frente ao ouvir alguma coisa, parecia alguém correndo. Ele começou a andar por sobre a neve e logo percebeu que não sentia muito frio, como deveria. Obviamente que ele não poderia sentir, pois sabia que a cidade era apenas uma visão. Seguiu até o final da curva da calçada na expectativa de encontrar alguém. Chegando lá se deparou com

alguém parado na calçada, de costas virado para ele. O sujeito era alto e corpulento. Vestia roupas esfarrapadas e sujas, além do gorro desfiado sobre a sua cabeça. Deveria ser um mendigo. Não podia ver seu rosto. Mas podia ver a sua mão e havia algo errado com ela.

O estranho sujeito tinha apenas três dedos, mas não perdeu os outros dois, parecia mais que tinha nascido daquele jeito. Uma anomalia. James então resolveu se aproximar lentamente em direção ao estranho mendigo. Seus olhos piscavam involuntariamente. Estava nervoso. Poderia sair correndo, para se proteger, mas não queria. Precisava encontrar as respostas para as suas perguntas. *“Por que estava tendo aquela visão? Por que a cidade havia sido aniquilada?”*. Ele esperava que o mendigo pudesse dar alguma resposta ou uma pista, por menor que fosse, sobre o que realmente acontecia à cidade para que estivesse transformada daquele jeito. Sabia que se tratava de uma grande explosão, mas precisava saber exatamente como, por que e quem causou aquilo. Já estava a quase meio metro dele quando ouviu um barulho vindo do seu lado. Uma enorme bola de plástico, de cor vermelha e transparente, apareceu

pulando em sua direção.

— Senhor, a bola! Por favor, pegue a bola! Não a deixe escapar — disse a voz de alguém.

Então o senhor Kramme deteve a bola com a palma da mão que passou ao lado dele e conseguiu colocar no chão, imóvel. Ao virar o rosto para o lado viu que a neve na rua havia terminado. A visão dissipou rapidamente, tanto quanto como surgiu. Olhou para o cenário e viu que a cidade voltava a ser povoada. Limpa, bela e cheia de cores. Pessoas caminhavam ali, dali e acolá. Cerrou seu cenho ao perceber que perdeu a oportunidade de falar com o mendigo em sua visão. Mesmo perdido a chance sabia que em breve teria outra visão. Mas será que conseguiria voltar a ver aquele mendigo de três dedos? Obteria alguma resposta ou pista através da sua visão do futuro? Isso somente o tempo lhe diria, porém era curto. E o tempo passava muito rápido. Faltavam agora oito horas para uma grande catástrofe. Parecia que o acelerador do tempo desejava que chegasse logo o grande acontecimento.

Uma menina parou na frente dele, toda ofegante. Ela tinha aparentemente uns onze anos. Era loira e tinha a pele alva. Vestia casaco verde,

calça listrada e colorida.

— Obrigada, senhor! — disse com o jeito dócil e carinhoso.

— Não há de quê, menina! Tome cuidado com a rua. É perigoso você atravessar assim tão de repente. Pode um carro bater em você e sair muito machucada. — A menina pegou a bola grande com as duas mãos e olhou mais uma vez para ele. Sua expressão estava séria. Ela arqueou as sobrancelhas e dava uma aparência de ser esperta e inteligente.

— Por que deveria tomar cuidado na rua se a cidade vai ser destruída? — Ao ouvir isso ele ficou surpreso e assombrado ao mesmo tempo. “*Como a menina poderia saber sobre o que viria a acontecer nessa cidade?*”.

— Como você sabe disso? — Ele perguntou intrigado.

— Eu vejo as coisas. Coisas horríveis.

— Você teve uma visão também?

— Sim, eu vejo!

— Eu pensei que eu fosse o único a ter essas visões. Sabe me dizer se tem mais alguém que teve a mesma visão que a gente?

— Não sei! Quando você começou? — perguntou a menina enquanto erguia a bola grande

e transparente para cima olhando para o senhor Kramme através dela, como se estivesse vivendo em um mundo vermelho, como o planeta Marte.

— Começou hoje, esta tarde — respondeu olhando para ela através da bola transparente. A menina continuou lhe observando como se pensasse algo a respeito dele, senhor Kramme parecia bem assustado, mas ela não, já era habituada a aquilo tudo.

— Vai levar um tempo para você acostumar. Eu comecei a ver isso faz tempo, eu acho. Só que eu não gosto dessa visão que estou tendo agora. É horrível e tenho medo dela.

— Eu também. Nenhum de nós gosta de ver aquilo. Acho muito triste. Corroí a minha alma. Então, me diga: você viu a explosão? Quero dizer, na sua visão, viu uma explosão, ou algo assim? — A menina abaixou a bola com o ar triste.

— Sim, eu vi uma explosão, com uma luz muito forte e depois vi um cogumelo crescer no meio da cidade. Só que era bem gigante.

— Cogumelo? — Ele perguntou em voz baixa, piscando os olhos duas vezes, porque sabia o que ele representava. Não podia acreditar que iria mesmo acontecer e hoje, à meia-noite. A bomba

PERIGOSAS NACIONAIS

nuclear. O cogumelo da morte.

— O cogumelo consegue alcançar bem lá em cima e fazer um buraco bem grande no céu. Sempre vejo isso, todos os dias. É horrível, mas depois de ver várias vezes eu logo entendi que nada disso vai me machucar. Depois disso eu só vejo monstros. Esses sim eu tenho mais medo.

— Monstros? Você quer dizer aquele que veste manto negro e que segura uma foice? — A menina o olhou por um momento franzindo seu pequeno cenho.

— Não, é diferente. Eles não seguram foice como aquela que vem sempre.

— Hummm... pode me dizer como eles são?

— São feios e muito assustadores. Eles têm olhos redondos, bem grandes e pretos, além de focinhos muitos esquisitos e não têm bocas. Estou com medo de vê-los novamente. Quando aparecem eu sempre fujo e me escondo em algum lugar até que a minha visão passe.

— Quantos monstros são, você sabe?

— Tinha três monstros. Eles vivem entrando nos prédios. Não sei o que eles procuram, mas não gosto deles. Eu acho que são extraterrestres muito maus.

PERIGOSAS ACHERON

James piscou três vezes. Estava se sentindo terrificado pela ideia dos monstros que a menina teve na visão. Extraterrestres? Seriam eles os causadores da destruição da cidade? Ora essa! Ele nunca foi um homem de acreditar nessa coisa questionável sobre a vida além da Terra. A possibilidade de haver nova forma de vida fora da Terra era pífia. Agora, “eles”, os monstros que a menina se referia, vieram para a Terra e destruiriam a cidade. *“Mas por qual motivo? Que sentido tem para os extraterrestres fazerem isso? Destruir para quê? Para recolher os destroços?”*. Era meio estranho pensar que os extraterrestres evoluídos, com todas as tecnologias avançadas e que nenhum homem da ciência e da física conseguiram fazer a mesma façanha, fossem capazes de destruir a cidade na qual a população não é nada evoluída, e muito menos uma verdadeira ameaça. Não, eles jamais fariam isso pelo simples fato da resposta ser bastante óbvia. Eles não existem. Ele nunca acreditou na existência deles. Discos voadores e extraterrestres somente existem no cinema e na televisão. Apenas isso: pura fantasia, puro entretenimento.

— Não acredito que sejam extraterrestres. Eu

não acredito neles.

— Se você tivesse visto os monstros que eu vi, você acreditaria.

— Só vendo então para acreditar. E seus pais? Já falou sobre isso com eles?

— Já, mas eles não querem acreditar em mim. Ninguém quer acreditar no que falei. Por que é tão difícil fazer alguém acreditar em mim?

— Eu acredito em você. Somos nós dois. Ninguém acredita nas nossas visões. Você tem algum parente que mora fora dessa cidade?

— Tenho minha avó que tem um sítio com lagoa. Ela mora na Polônia.

— Polônia fica muito longe daqui, acredito que a bomba não alcance lá. Então, por que não pede a seus pais para te levarem para a casa da sua avó hoje? Você poderia salvar seus pais e todos ficariam bem.

— Já tentei, mas não adianta. Eles não me ouvem. Estou muito cansada, senhor. Todo dia é a mesma coisa. Queria sair daqui dessa cidade, mas não posso. Meus pais não deixam porque eles têm medo de sairmos daqui. Eles são medrosos. Mas eu não tenho medo.

— Olha, se não conseguir convencer seus

PERIGOSAS NACIONAIS

pais, então eu aconselho que você saia da cidade. Pegue o trem e vá para a Polônia. Sabe onde é a casa da sua avó?

— Sim, eu sei.

— Ótimo! Então faça isso. Você terá uma boa chance de escapar dessa cidade na hora da aniquilação total.

— Será que eu vou conseguir sair daqui? A Morte me disse que não iria adiantar sair da cidade.

— Dane-se aquela criatura ossuda! O que importa é tentar. Você tem que ficar longe dessa cidade que já está condenada. E eu espero, no fundo do meu coração, que estejamos enganados. Mas por via das dúvidas seria melhor você ir lá e esperar para ver o que vai acontecer.

— Mas e os meus pais? Não posso deixá-los aqui, eu amo muito eles. Queria ir junto com eles, não quero ir sozinha.

Ele não sabia responder o questionamento dela. Como explicar o fato dos pais não acreditarem na filha, então eles estavam fadados a morrer. Eles a deixariam órfã, mas pelo menos teria a avó. Ele piscou duas vezes ligeiramente ao visualizar o cogumelo furando o céu.

— Por que está piscando assim?

PERIGOSAS ACHERON

— Eu tenho esse tique quando fico nervoso ou preocupado.

— Você pisca engraçado!

— Ah, é?! Acha engraçado isso?

A menina riu e logo em seguida olhou para a bola. De repente ficou séria quando viu uma imagem assustadora emergir por trás dela refletida na bola. Era um dos monstros que a menina falou, há pouco. Assustada saiu correndo sem mais nem menos, e sem se despedir dele.

— Espere! — Ele chamou apontando a bengala para ela, mas a menina desapareceu no final da curva. — Não sei o seu nome. — Mas ela não tornou a aparecer.

O senhor Kramme não compreendia a súbita mudança da menina. Parecia que algo tinha lhe assustado, mas ele não viu nada ao seu redor para entender o que tinha acontecido. Apenas viu alguns transeuntes que seguiam em sua direção e até lhe deram um “oi”. Respondeu educadamente com aceno de cabeça, mas com o ar preocupado, não somente pela menina, mas por tudo.

Nada disso iria durar por muito tempo, e as pessoas estavam vivendo a sua vida cotidiana sem sequer saber que as horas estavam sendo contadas.

Era o último dia de vida nessa cidade. Ele começou a caminhar, a esmo e pensando no que fazer para salvar as pessoas. Já tinha até cogitado ir à delegacia, mas sabia que não podia. Sabia o que aconteceria se fosse lá. Nada de delegacia. Poderia perder seu tempo. E se fosse para a estação de rádio? Mas como chegaria lá. Eles somente atenderiam se fosse conhecido, como cantor, ator ou até mesmo político. Era apenas um cidadão comum. Um professor de artes enfrentando problemas de saúde.

Suspirou lembrando-se que não tinha ideia alguma. “*Será que o destino determinou que fosse assim? Que a cidade deveria ser condenada e a população deveria mesmo morrer? Não!*”, negou-se. “*Não é justo! O meu povo não merece morrer sem saber de nada. Eles têm que saber. Custe o que custar, eles têm que saber.*”.

CAPÍTULO 10

Czerwona Kropka era um bom lugar para se viver. Sossegada, formosa e eficientemente limpa. Por que justo ela teria que acabar? Se bem que qualquer cidade que fosse, nos Estados Unidos, Canadá, Argentina ou no Brasil não merecia ser apagada do mapa. Mesmo que tenha grande aumento de malandragem, crescimento desenfreado do tráfico de droga e grande índice de crimes e criminosos, mesmo com todos esses monstros desprezíveis que rastejam na Terra como vermes, existem também pessoas boas morando nelas. Pessoas capazes de alterar o rumo das outras pelos seus atos de humildade e generosidade. Por que são sempre as pessoas boas que morrem? Será que o mal não suporta a bondade humana? Faz de tudo para corroer os corações das pessoas e fazer com que caiam no caminho da perdição? Por que pessoas boas são as que mais sofrem?

James Kramme pensou tudo isso em silêncio. Sentou no banco de ferro ornamentado e pintado na cor branca em um formoso parque arborizado com

PERIGOSAS NACIONAIS

suas folhas outonais e uma lagoa limitada no meio dele. Havia cinco patos passeando tranquilamente, gransnando. O céu fechou completamente. A friagem intensificou um pouco. Com as duas mãos apoiadas sobre a cabeça do lobo da bengala olhava o movimento das pessoas. Todos pareciam muitos felizes e saudáveis com muitos planos maravilhosos pela frente. Faltavam três meses para o Natal. Na véspera a cidade ficava linda, enfeitada pelas luzes natalinas. Ele sentiria-se muito triste, caso viesse a ser destruída, queria que a cidade tivesse mais oportunidade para fazer mais luzes, mas o tempo para a destruição iminente não podia parar.

Imaginou todos os idosos, cansados, dormindo tranquilamente nos seus quartos acolhedores; todos os jovens assistindo filmes na televisão da sala; todos os casais fazendo amor; todos os amigos de muitos anos comendo uma grande pizza; todos os baladeiros dançando nas boates; todos os solteiros bebendo cervejas; todas as mães contando historinhas infantis para os filhos antes de dormir; todos os pais preocupados com a conta pra pagar; todos os empregados trabalhando nos hotéis e bares; todos vivendo a sua rotina. E

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

todos morrerão surpreendidos pela explosão nuclear. *“Que jeito horrível de morrer repentinamente.”*

Se a cidade fosse detonada pela bomba o que aconteceria com os civis poloneses? A imagem do seu pensamento surgiu como se fosse um negativo de uma fotografia se revelando e tornou-se ainda mais terrificante. Idosos adormecidos nas camas se transformando em formas carbonizadas. Os jovens sorridentes se evaporavam pelo forte clarão da bomba. As garrafas de cervejas que os amigos bebiam se estilhaçavam lançando pedaços de vidros contra seus rostos, antes dos seus corpos carbonizarem em uma questão de segundos. As mães lançavam-se sobre seus filhos para protegê-los, mas era inútil. *“Meu Deus! Isso não poderia acontecer! Eu não posso acreditar que tudo isso acontecerá de verdade. Preciso fazer alguma coisa. Será que a bomba já tá aqui em algum lugar ou será lançada pelo ar? Onde será o ponto zero?”*

Ponto Zero, o lugar específico que seria atingido ou detonado pela bomba, provocando assim uma reação em cadeia que arremessaria tudo que se encontra na frente. Será uma destruição sem precedentes na história da Polônia.

PERIGOSAS ACHERON

O senhor Kramme olhou para cima examinando o céu nublado. “*Será que viria algum avião suspeito para lançar a bomba?*”, não poderia descartar essa possibilidade. Mas ainda não imaginava qual seria o motivo disso. “*Questão de política? Fanatismo religioso? Idealismo? Experimento militar?*”. Mais perguntas batucavam em sua mente.

— Por favor, apareça! Eu preciso saber mais sobre o que irá acontecer a minha cidade — pediu em voz baixa olhando vagamente para o nada, mesmo que seus olhos fixassem em direção à lagoa. Ele girou sua bengala, ansiosamente. Piscava os olhos várias vezes na expectativa de ver a visão do futuro. Mas a visão não veio. Não sabia como fazer para provocar aquela visão terrífica. Não existia um botão de ligar e desligar. A visão simplesmente surgia quando menos esperava. E dessa vez não veio.

Depois de permanecer por quase meia hora no parque sentiu a garoa tocar delicadamente no seu rosto. Em breve iria cair chuva. Levantou-se um pouco extenuado, tamanha era a preocupação que acometia desde que começou aquelas visões e a procurar respostas. Estava decepcionado.

Saiu do parque e assim que passou por baixo das marquises dos prédios a chuva caiu. A friagem predominava na cidade. O tempo estava feio e fechado. Alguns transeuntes saíram correndo com os braços sobre suas cabeças protegendo-se da chuva. Ao passar ao lado da vitrine de uma loja eletrônica se deteve ao ver as televisões com imagens estáticas. Pelo visto a Morte ainda pairava sobre a cidade causando interferências nos meios de comunicação. Pela vidraça da vitrine podia ver seu rosto refletido e por um breve momento viu uma caveira pútrida. Tomado pela sensação de extrema repugnância fechou os olhos por um momento. Contou até o número dez e abriu os olhos. Olhou para o seu próprio rosto e não havia mais a caveira. Era seu próprio rosto: preocupado e com o tal tique nos olhos.

Ele meneou a cabeça, pois coisas estranhas estavam mexendo muito com ele psicologicamente. Pegou seu relógio de bolso. Era irônico ver o símbolo de pirata no tampão do relógio, como se zombasse dele. Abriu a tampa e viu que faltavam oito horas e quarenta minutos para a explosão nuclear. “*Tantas coisas a fazer em tão pouco tempo...*”. Como não tinha mais o que fazer, a não

ser aguardar o retorno da visão do futuro, então pretendia encontrar seu ex-amigo. Precisava fazer as pazes com ele e redimir-se. Afastou-se da vitrine e se pôs a caminhar por baixo das marquises. Quando elas terminavam saía correndo, mesmo mancando, para chegar ao prédio seguinte em que elas recomeçavam. Não queria se molhar da chuva para não ter que voltar ao seu apartamento e trocar as roupas. Perderia um tempo precioso.

CAPÍTULO 11

Gerik Pawlicki bebia um copo de uísque destilado e sem gelo enquanto ouvia a música “Requiem”, de Mozart, tocada pela antiga vitrola. Sentava em uma poltrona vitoriana com a perna em cima da outra. A mão desocupada gesticulava no ar acompanhando o ritmo da música. Era como se segurasse uma vara invisível, tal como um maestro para guiar seus músicos com os seus equipamentos musicais em uma orquestra sinfônica. Um tampão negro cobria seu olho esquerdo lhe fazendo parecer com um pirata. Apesar de ser caolho, era bem charmoso. O outro olho, castanho-claro, estava fechado, para apreciar a cada toque de nota da música que ouvia. Imaginava-se sentado em um teatro na esplendorosa Paris para assistir a orquestra. Nunca pisou lá durante toda a sua vida. Era seu maior sonho, mas faltava tempo e dinheiro. A orquestra tinha boa música e isso ele apreciava muito.

Desde que conheceu a orquestra se sentiu mais tranquilo, onde a paz tocou meticulosamente o seu íntimo. Conheceu a música depois de sofrer um

incidente que custou um dos seus olhos, por causa de uma briga incabível. O passado fez com que ele se transformasse assim virando outra pessoa. Um dia ele foi um jovem bagunceiro que curti festa eletrônica ao lado da sua namorada, agora esposa. Vivia a época cheia de loucura, mas agora o destino o levou para outro rumo. E era melhor assim. Sabia que mais cedo ou mais tarde teria que mudar seu estilo de vida. Nada é jovem para sempre. O tempo passa e a maturidade cresce a cada dia. Não sente, nem mesmo um pouco, a saudade do gozo da juventude. Preferia ser maduro. Ouviu falar que a maturidade era como um vinho, com o passar dos anos tende a ficar bom. E isso era bem verdade. Com a chegada da idade do lobo poderia desenvolver a sua mente mais serena e racional, e não mais como um jovem motivado pela emoção luxuriante e da adrenalina febril.

A sua vida era bastante modesta, nada regada de luxo, com isso não era o tipo de homem que esbanjava a riqueza com orgulho. O que ele gostava mesmo era de apreciar a vida, as pequenas coisas do dia a dia, como a música, em sua antiga vitrola herdada do seu avô, e colecionar moedas antigas. Gostava de antiguidades, por trazer história dos

passados.

E foi justamente essa paixão que fez ser dono de uma loja de antiguidades localizada no centro da cidade. Possuía centenas de objetos dos séculos passados até os anos setenta. Lucrava bem, mas não o suficiente para deixá-lo rico e fazer parte da alta sociedade, porém não se importava, porque o dinheiro que ganhava mensalmente era necessário para o básico: pagar as contas, alimentação, produtos de higiene pessoal, e, algumas vezes, conseguia roupas e artigos masculinos, apenas isso. Era feliz com o seu tipo de vida, tranquila e sossegada.

O senhor Pawlicki tinha trinta e sete anos, possuía barba curta e bem-aparada, seu cabelo castanho era curto, provavelmente passado a máquina. Apesar do corte batido começava nas laterais da cabeça fios brancos lhe dando um ar de masculinidade e beleza exótica. Tinha orgulho desse visual, enquanto a maioria dos homens tentava esconder, aceitava com naturalidade, porque essa cor prata fazia parte da história de sua vida. Também sabia, e percebia, que as mulheres amavam homens grisalhos e isso sempre era bom para elevar o seu ego, para o desagrado de sua

esposa que tinha ciúmes quando via a mulherada cantando seu marido, principalmente as mais jovens. Só que ele não ligava pra isso, apesar da vida conjugal ter seus altos e baixos, tinha um casamento equilibrado.

Quando seu filho nasceu seu casamento de cinco anos passava por brigas constantes devido às despesas médicas, tratamentos, decepções, raiva de Deus e afins, mas felizmente o problema foi driblado e ele reconquistou a felicidade depois que aceitou a real situação do seu filho, um autista. Mesmo não sendo um filho perfeito, como sonhou, ainda era seu filho e lutou muito por ele para proporcioná-lo felicidade e se sentir amado. Seu filho era seu maior orgulho e a maior prova que podia oferecer era aceitá-lo como era.

Quando a música terminou o disco de vinil ainda girava, mesmo com a agulha sem emitir nenhum som, apenas um leve ruído, ele abriu o olho e parou de reger a orquestra no ar sentindo uma sensação de leveza. O efeito da música combinado com a bebida lhe deixou em estado de êxtase, sorria, sem nenhum motivo aparente, porém estava feliz. Tomou todo o uísque de uma vez até esvaziar o copo e se levantou da poltrona andando

um pouco cambaleante, mas firme em direção ao minibar no fundo da sala. Deixou o copo vazio sobre o balcão ao lado da garrafa de uísque quase vazia e neste momento teve dúvida se continuava a beber ou não, será que estaria abusando demais? Um pouco não faz mal a ninguém. Afinal, era sábado e ele tinha o direito de fazer o que quisesse no seu dia de folga.

Estava em casa com o filho no quarto sob os cuidados da babá, que era qualificada para portadores de autismo, sua mulher viajou a Lublin, a quinhentos quilômetros da Polônia, na região leste, para ver a irmã que acabou de assinar seu divórcio e precisava muito do apoio dela. Não tinha o que sair errado. Mais um gole e nada demais. Pegou a garrafa e antes de colocar o líquido que cheirava a álcool puro, uma moça apareceu no vão da porta, tinha uma estatura mediana, cabelos louros e possuía uma bela feição, como a de um anjo.

— Senhor? — Com um movimento virou a cabeça para o lado sem largar a garrafa da sua mão.

— Sim?

— Há um homem parado lá fora olhando para sua casa. Eu o achei meio estranho, ficou lá

por quase dez minutos.

O senhor Pawlicki franziu os cenhos sem fazer a menor ideia de quem seria o homem lá fora. Não ouviu tocar a companhia, nem ela. Que estranho! Ele colocou a garrafa de volta no balcão e seguiu em direção à janela. Do outro lado estava o homem parado, apoiado em uma bengala e embaixo da marquise do ponto de ônibus protegendo-se da fina chuva que caía.

“Eu não acredito! O que ele quer de mim?”, pensou Gerik após afastar-se da janela bastante surpreso ao revê-lo parado do outro lado da rua. Fazia tempo! Agora ele estava lá fora olhando para sua casa. Percebeu que o senhor Kramme queria falar com ele. *“Mas sobre o quê? Por que agora? Ele não poderia perdoá-lo depois daquela briga que custou o seu olho esquerdo. Por culpa dele, estava cego. Por culpa dele, a amizade acabou. Por que James Kramme tornou a aparecer? Por que não vai cuidar da vida dele em vez de importuná-lo e acabar o seu sossego no final de semana? Tinha uma família agora e tinha outras preocupações a resolver. Por que resolveu aparecer agora, será que é para complicar ainda mais do que já estava?”*.

— O senhor conhece aquele homem? — perguntou a simpática moça que ainda permanecia imóvel no vão da porta e com as duas mãos entrelaçadas sobre sua cintura fitando pacientemente o seu patrão.

Ele olhou em direção à moça um pouco atordoadado, mas não pela bebida, e sim por causa do senhor Kramme. A presença dele o deixou completamente perturbado. Lutou muito para se esquecer do seu passado que tinha com ele e agora a lembrança vinha com toda a força. O berro. Os punhos cerrados. Os socos. Dente quebrado. Garrafa quebrada. A dor no olho esquerdo. Sangue na mão. Fechou o olho por um momento.

— O senhor está bem? — Ele abriu o olho, com um leve sorriso a fim de deixá-la despreocupada.

— Sim, estou bem, apenas me deu um pouco de tontura, mas já passou.

— Devo chamar a polícia?

— Não é necessário, Alison. Eu conheço aquele homem. Era um velho conhecido meu, não sei o que ele quer de mim, mas pode voltar para o quarto. Deixa comigo que vou atendê-lo.

— Está bem! — disse ela fazendo um

movimento na cabeça com um sinal afirmativo e saiu da sala em passos leves.

O senhor Pawlicki respirou fundo, encheu o copo com um pouco mais de uísque e bebeu tudo de uma vez sentindo o corpo aquecido. Já mais despreocupado saiu da sala com um molho de chaves na sua mão, atravessou a escadaria do hall e pegou um guarda-chuva vermelho que estava encostado ao lado da porta, pertencia à babá, e depois saiu. A chuva caía fracamente e com o guarda-chuva aberto seguiu em direção ao portão.

CAPÍTULO 12

James Kramme sentia-se muito inquieto, sua mão esquerda tremeleava, não pelo nervoso, ou poderia ser, mas sim por causa do remédio que tomava, era forte e causava aquele efeito colateral, não com muita frequência. Também não parava de piscar os olhos e não sabia ao certo se deveria falar com o seu ex-amigo. Olhou por longos minutos para aquela casa do outro lado da rua, com dois andares e pintada na cor aspargo-claro. Já as portas e janelas eram brancas, o lugar era muito bonito e bom de viver, sem ser luxuosa, nem pobre. Fazia tempo que não via o homem que feriu pra sempre.

A chuva não cessava, não dando trégua, mas como a televisão e o rádio estavam fora do ar não teve como saber a meteorologia antes de ir parar ali, por isso não havia levado sombrinha. Teve que ser tolerante com o mau tempo, suspirou e continuou ali em frente a casa aspargo, pelo menos até o momento que viu o homem que apareceu na janela lhe fitando. Logo identificou o amigo de velhos tempos, teve vontade de sair correndo

sentindo a veia de seu pescoço pulsar fortemente.

“Medroso! Não vou fugir disso. Afinal, ele tem que saber que a cidade vai deixar de existir hoje à meia-noite. É o mínimo que posso fazer para remediar o meu erro no passado. Preciso redimir-me.”, pensou enquanto olhava para o seu velho amigo na janela. Gerik Pawlicki parecia tão diferente e distante. Não parecia mais o mesmo que conheceu. James então ergueu a mão timidamente e acenou com um sorriso discreto e esperou receber o mesmo gesto, mas o senhor Pawlicki não fez. Simplesmente afastou-se da janela dando a entender que não retornaria, porém se anganou.

Em poucos minutos viu o dono da casa sair do portão e caminhar até ele, então o senhor Krame ficou sem jeito. Os dois ficaram embaixo da marquise do ponto de ônibus apenas se olhando e sem saber o que dizer, ou quem começava. Não demorou muito quando o próprio Gerik quebrou o silêncio, só que essa atitude só foi possível devido à bebida que tinha ingerido há pouco. Assim se sentiu mais à vontade para falar com o ex-amigo sem nenhuma raiva ou rancor, embora nunca o perdoou.

— E então, James? O que está fazendo aqui?

PERIGOSAS NACIONAIS

— perguntou com a voz mansa, porém triste. — O que deseja falar comigo?

O senhor Kramme notou o olhar dele triste e levemente avermelhado parecendo conter lágrimas no único olho que continuava intacto e perfeito, já o outro não podia ver por causa do tampão preto. Sentiu-se muito mal pelo ocorrido, pois tinha sido muita estupidez mesmo por parte dele. Não devia nunca ter feito aquilo, só que não tinha mais volta.

— Vim falar com você.

— Sim, estou vendo. O que quer de mim?

— Olha, foi muito difícil chegar até aqui. Eu meio que... pensei em desistir, ir embora, mas não podia, porque preciso falar com você, precisa saber de uma coisa.

— Saber o quê?

— É difícil falar sobre isso, porque você vai achar que estou ficando louco.

— Eu não vou achar nada, pois você já é louco mesmo. Por culpa tua, eu perdi meu olho.

— Eu sei, eu sei! O que fiz foi inadmissível, sei que isso não tem nenhum perdão. Não vim aqui para te pedir perdão.

— Se não veio por causa disso, então por que quer falar comigo?

PERIGOSAS ACHERON

— Gerik, ouça-me! Eu gostaria de dizer, do fundo do meu coração, que eu sinto tanto pelo o que fiz com você. Não queria te ferir, eu estava fora de mim em meu estado colérico, e quando caí em mim me arrependi por tudo e pelo estrago que fiz no meu aniversário. Sou louco, ciumento e um idiota por achar que você estava dando em cima da minha namorada. Tinha bebido demais, exagerei, mas agora que ela se foi eu vi que tinha perdido pessoas que amava muito.

— Você é uma idiota, James — disse em tom ríspido apontando com o dedo incisivamente na face dele. — É isso que você é! Eu jamais iria te trair, muito menos nas suas costas. O problema é que você não enxergou que ela estava saindo com outro homem. Eu pedi para você abrir os olhos, mas não quis me ouvir. A minha mulher também viu sua namorada beijando outro homem, no bar. James, ela era falsa e traidora. Ela te traiu e fez você fazer papel de otário.

— Eu sei!

— Sabia disso?

— Sempre soube disso, mas não queria falar sobre isso, porque não queria virar motivo de piada. Larguei minha mulher para ficar com a namorada, e

ela me traiu e se matou. Eu me arrependi muito. Você não faz a menor ideia de como me arrependi.

— Cara, o que mais me irrita é que depois de tudo que fiz para te ajudar e abrir os seus olhos a única coisa que eu ganhei foi uma garrafa na minha cara e furar meu olho. Tudo isso por causa da verdade que falei sobre a sua mulher. Queria o teu bem. Acha que sou o cara que quer ver você se ferrar?

— Sinto muito! Se eu pudesse fazer algo...

— De que adianta? Meu olho já era. Ainda sinto dor só de me lembrar disso. Maldito seja!

O senhor Kramme permaneceu calado olhando para a rua sob a fina chuva com os seus olhos ainda piscando porque estava nervoso devido à conversa tensa. Gerik se sentou no banco e olhou para a rua molhada apoiando as mãos no cabo do guarda-chuva batendo com o bico na calçada de pedra.

— Eu admito que eu errei — disse o senhor Kramme sem olhar para ele, envergonhado. — Você tinha razão, tentou me alertar e eu não quis te ouvir. Não vou pedir desculpa mais uma vez, pois sei que isso não tem como perdoar. Mas eu estou aqui para pedir que você e sua família saiam dessa

cidade. — Gerik olhou surpreso para ele, sem compreender nada, e franziu seu rosto.

— Do que está falando, James? — sabia que Gerik teria essa reação, olhou para ele, ainda sentado, e com a cara surpresa.

— Eu estou tendo uma visão, Gerik! Eu sei que é duro de acreditar, mas eu juro que alguma coisa vai acontecer hoje à meia-noite.

— Vai acontecer o quê?

— A cidade será destruída, Gerik.

— Está brincando comigo? Você veio até aqui para caçar da minha cara?

— Não, de maneira alguma! Depois do que te fiz o mínimo que podia fazer é te alertar para que tenha uma oportunidade de ser salvo, junto com a sua família. Vocês são pessoas boas, por isso merecem uma segunda chance de viver. Você me conhece, Gerik, jamais te enganei, nem deixaria que fizesse papel de bobo. Considero-te ainda como irmão, mesmo que tenha cometido um erro grave que custou o seu olho.

Gerik ainda custava a acreditar no que acabava de ouvir, mas ao mesmo tempo o conhecia bem, jamais lhe enganou. Foram dez anos de amizade, viveram tanto tempo juntos aprontando

muitas loucuras juvenis. Seu olho começou a ficar vermelho pela bebida e tristeza. O sentimento mexeu muito com ele. Será que não seria uma boa hora de aceitar a desculpa e reatar a velha amizade do passado, mesmo que nunca mais fosse a mesma? Suspirou sentindo dentro de si uma dor forte.

— Olha, só para você saber que eu ainda carrego o presente que me deu no dia do meu aniversário, mesmo acontecendo tudo aquilo, eu ainda carrego — disse enfiando a mão no bolso e tirando um relógio de bolso, o tampão com caveira e duas espadas cruzadas.

Gerik não conseguiu conter mais as lágrimas, seu queixo tremia. “*Desgraçado! Ele ainda gosta muito de mim.*”, pensou Gerik, olhando para o relógio de bolso.

— Foi de grande utilidade para você, não é, James? — perguntou com a voz apertada, porém com um sorriso forçado para dissipar a tristeza.

— Sim, muito. Adorei esta coisinha que faz barulhinho engraçado. Gosto disso.

Gerik esticou o braço para ele, com a palma da mão voltada para cima, e pediu para dar o relógio de bolso, queria ver de perto. O senhor Kramme então colocou na mão dele que puxou

para si, quase pegando pela fina corrente que estava presa até o bolso da calça, em seguida examinou cuidadosamente a tampa do relógio e esboçou um sorriso.

— Sabe o que é irônico, James?

— O quê?

— Eu te presenteei com o relógio tendo esse símbolo de pirata e aqui estou eu. Agora sou eu o pirata — disse soltando um leve sorriso. — Realmente o destino havia sido mesmo irônico.

— É verdade! Dificilmente isso fará eu me esquecer de você, sempre vou associar essa imagem a você — confidenciou James.

— Que bom! Fico feliz em saber disso. Sabe James, chega uma hora em que o passado já não importa mais. Nós fomos jovens imaturos, fizemos muitas besteiras, estragamos muitas coisas, partimos muitos corações das mulheres, mas agora amadurecemos e estamos aqui tendo essa conversa filosófica sobre nossos erros e ainda tem a sua desculpa pelo o que aconteceu. Quero dizer... está tudo bem. Eu não estou com raiva de você agora. Isso já passou. Foi bom você ter vindo aqui para acabar com o peso que carregamos. Peso este que faz mal aos nossos espíritos e com isso não

poderíamos nos sentir livres. — James Kramme sentiu com essa revelação um conforto muito grande e seus olhos se encheram de lágrimas. — Está perdoado, James. O passado é apenas passado. Sabemos que a nossa amizade foi bastante abalada e que não será mais como antes, mas o que importa para nós é o aqui e o agora. E vamos ficar bem, sempre há de se ficar bem, meu amigo. — Gerik finalizou, agora com um sorriso esboçado e sincero. Levantou-se e o abraçou fortemente.

James Kramme chorou. Tinha sido perdoado. Seu rosto mergulhou no ombro de Gerik que olhava para a rua torcendo para que ninguém visse a cena entre dois homens abraçados.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 13

Parado em frente ao portão de ferro, Gerik observava seu amigo James Kramme caminhar pela calçada segurando o guarda-chuva que emprestou, não queria que chegasse ao apartamento todo encharcado, poderia pegar um forte resfriado. Mesmo com o erro cometido por seu amigo ainda se importava com ele. James era humano e todo humano erra. Não existe uma pessoa que não cometeu algum tipo de erro, grave ou não. Só que James Kramme teve coragem o suficiente para procurá-lo e pedir perdão e também para avisar de um perigo, mesmo que duvidoso. A atitude dele foi admirável. Gerik permaneceu por mais um tempo olhando para o senhor Kramme até tornar-se uma sombra miúda e em seguida uma fina névoa branca o envolveu por completo fazendo desaparecer de sua vista.

Gerik sentiu uma sensação estranha depois daquela conversa, pois James nunca foi homem de falar besteira, ainda mais sobre a sua estranha convicção de que a cidade seria destruída por uma

bomba nuclear. Ele sempre foi uma pessoa racional e prática, mas depois do colapso que sofreu mudou. Até a sua personalidade estava diferente e pôde perceber enquanto conversaram que não era mais a mesma pessoa que havia conhecido antes. Temia pelo seu estado mental. Estaria ficando cada vez mais louco? Desejava que não. Antes de ir embora o senhor Kramme disse que procuraria uma pessoa para poder também ajudar. Não fazia a menor ideia quem seria e nem tampouco para onde iria, mas sabia que aquele homem com o seu tique nervoso tinha recuperado a leveza da sua alma atormentada. O amigo ficou sossegado ao saber que Gerik levaria sua família para fora da cidade na próxima hora. James acreditou.

Porém, o que James não sabia era que Gerik mentiu, mas foi por um bom motivo, apenas não quis contrariá-lo, porque não queria brigar novamente. Além do mais o que ele pedia era bastante duvidoso, como poderia acreditar? Era bem provável que estivesse sofrendo algum tipo de alucinação em virtude do remédio que tomava, desejava que seu amigo não apresentasse nenhuma doença mental, como, por exemplo, a esquizofrenia. Seria um golpe duro demais ter um

amigo com este tipo de problema, pois já convivía com outro problema relacionado à saúde mental, o autismo de seu filho. Rezava para que tudo ficasse bem quando amanhã chegar, e James ver que nada realmente aconteceu. Que amanhã será um novo dia ensolarado e que possam usufruir do café da manhã e caminhar na praça ou no parque. Será um domingo maravilhoso e sossegado.

Não esperava que James Kramme cumprisse a aposta que fez com ele antes de ir embora, ao lembrar-se disso sorriu, porque sabia que perderia a aposta. Permaneceu ali imóvel e calado sob a fina chuva que pingava em seu rosto, mas não podia ficar nesta posição por muito tempo porque ficaria todo encharcado, então se afastou do portão e saiu correndo em direção à varanda da casa. Estava se sentindo feliz, livre e em paz.

“Então, por favor, ouça-me, Gerik! Eu aconselho que você e sua família peguem as suas coisas e vão para bem longe daqui. Estarão seguros lá.”, Gerik recordava as palavras agoniadas do amigo enquanto tirava os sapatos sujos no hall da escadaria, não poderia deixar marcas de passadas pela casa toda, sua mulher iria lhe matar. Esfregou o rosto com a palma da mão tirando as

gotículas que a chuva deixou em sua face se lembrando de que perguntou ao amigo como tinha tanta certeza das afirmações que fazia, de que iria acontecer uma explosão.

“Não sei! Eu sinceramente não sei, estou confuso. Tenho uma visão de que a cidade será destruída por uma bomba nuclear, já aconteceu de três a quatro vezes. Eu só sei quando irá acontecer. É hoje. Meia-noite. Isso eu tenho certeza!”, Gerik repassava a conversa em sua cabeça ainda custando a acreditar naquilo tudo.

Por que a cidade seria destruída pela bomba nuclear? Não vivia na época da guerra. Não havia inimigo. Não fazia o menor sentido alguém estar disposto a destruir a cidade. A ideia da cidade destruída e matando toda a população era bastante aterradora, sentiu seus pelos eriçarem com o arrepio que percorreu por sua nuca. Notou que a luz do hall começou a enfraquecer para logo em seguida começar a piscar algumas vezes. Gerik olhou pra luz estranhando tudo aquilo e chegou a cogitar a hipótese de haver alguma falha na fiação elétrica. Depois que visse o seu filho no quarto resolveria a questão da lâmpada intermitente, então subiu os degraus pensando no restante da conversa.

PERIGOSAS NACIONAIS

— *Cara, que visão horrível! Espero que você esteja sonhando.*

— *Eu espero que sim! Só que não! Até a menina que encontrei na rua também teve a mesma visão que eu. Infelizmente não estou sonhando, Gerik. A cidade realmente será destruída. Eu recebi a visita da Morte.*

— *A Morte? Não brinca!*

— *Não estou brincando! Acredite em mim!*

— *Morte... quer dizer, aquela que usa roupa preta com capuz e segura uma foice para ceifar a pessoa e levar a alma?* — *perguntou com um sorriso sarcástico.*

— *Ela mesma!*

— *Não! Sem chance!*

— *Ela é real! Eu achava que era pura lenda, mas eu a vi com os meus próprios olhos. Ela existe.*

Ele não sabia o que fazer se visse a dona Morte, assim em carne e osso, com aquela foice capaz de gelar a alma do mais durão. Era muita loucura para ser verdade. Já tinha visto filmes sobre a figura funesta e nem conseguia imaginá-la na vida real. Era tudo arte. Um personagem criado para fins de entretenimento filosófico sobre o sentido da vida e da morte.

PERIGOSAS ACHERON

Lembrou-se imediatamente do filme clássico que assistiu e que era o seu favorito, “O Sétimo Selo”, de [Ingmar Bergman](#), um filme produzido em 1957. Lembrava também que o filme era todo rodado em preto e branco, dando um ar de mistério e misticismo. Era sobre um cavaleiro que retornava das Cruzadas e se deparou com o país devastado pela peste negra. A Morte aparecia para levá-lo, chegou a hora dele, só que o cavaleiro, para ganhar tempo com a vida, convidou a Morte para um jogo de xadrez que decidiria se partiria com ela ou não. O filme falava sobre as questões da morte, da vida e sobre os questionamentos da fé abalada em Deus. Gerik amou tanto o filme que tinha comprado um DVD para a sua coleção da sétima arte. Afinal, era apaixonado por coisas antigas.

Gerik então chegou ao andar superior atravessando o longo corredor com cinco portas e uma delas estava aberta. Havia uma sombra projetada no tapete vermelho, próximo à porta aberta. Poderia ser a babá andando de um lado para o outro, mas era muito estranha, grande demais para uma pessoa do tamanho da babá. Também poderia ser uma movimentação da forma que a claridade projetou ficando naquele tamanho, assim

criando a ilusão de algo muito grande, até que a luz do corredor começou a ter o mesmo problema do hall. “*Que diabo passa aqui?!*”, pensou fechando a fisionomia.

— *Foi a Morte quem me deu o aviso e me deu um prazo até meia-noite para aproveitar a minha vida aqui na Terra antes de me levar. Vou ser morto pela explosão. Todos nós vamos morrer e seremos levados por ela.*

— *Estou preocupado com você, James. E se você estiver enganado? Como pode ter tanta certeza assim? Será que não é o remédio que está te deixando meio fora da realidade?*

Gerik lembrava sua conversa com o amigo quando parou no vão da porta, com a luz acima dele ainda piscando, e via no chão, perto da janela que dava vista para o céu nublado e prateado, um menino de sete anos que desenhava no papel. Era franzino e delicado. Tinha cabelos pretos, pele alva, vestia calça verde, agasalho vermelho e em frente a ele estava a sua babá sentada na cadeira lendo um livro.

— *Não acredita em mim, Gerik?*

— *Eu gostaria de poder acreditar, mas... é muita loucura, entende? Simplesmente não*

podemos sair correndo feito loucos para depois descobrir que tudo não aconteceu de fato. Não posso fazer isso! — lembrava Gerik.

A babá percebeu a sua presença, abaixou o livro, esboçou um sorriso e então Gerik fez um sinal de silêncio. Ela meneou a cabeça e ele aproximou-se do filho que não tinha percebido a sua presença. O pequeno menino estava completamente concentrado no desenho que fazia com um lápis vermelho. Vários lápis de cor estavam espalhados ao lado dele. A babá notou algo estranho no teto do corredor, a luz piscava insistentemente, enquanto isso Gerik voltava a pensar em sua conversa com James Kramme.

— Apenas hoje, Gerik! Fique longe dessa cidade e só volte quando eu estiver enganado. Faço isso por querer o seu bem e o de sua família. Por favor, confie em mim. Eu não me perdoaria se algo acontecesse com vocês.

— Calma James, sossegue, está bem? Eu vou levar a minha família para a estação ferroviária e iremos para a casa da minha cunhada. A minha mulher está lá.

Gerik ajoelhou no chão ao lado do filho que ainda permanecia impassível, como se não sentisse

a sua presença real, e continuava olhando para o papel onde fazia seu desenho quando de repente seu sorriso deu lugar a sua seriedade.

— *Jura que fará isso hoje, Gerik?*

— *Sim, se está dizendo tanto que alguma coisa vai acontecer hoje de madrugada, não custa tentar ouvir o seu conselho. Espero que você esteja enganado.*

— *Se eu estiver enganado pago um barril de cerveja para você.*

A babá levantou-se em direção à porta para examinar o que estava acontecendo com a luz, ergueu as sobrancelhas, olhou para o interruptor e mexeu nele, para ver se conseguia desligar a luz do quarto. Mas não deu. O problema da luz persistia.

— Senhor, reparou que tem algo errado com essa luz no corredor? — Ela disse olhando para as costas do Gerik.

Só que ele não a ouviu, porque olhava desconfortavelmente para o desenho que mostrava as pessoas, em forma de palitos, na cor preta, chamuscadas em amarelo. Atrás delas várias casas e edifícios riscados, como se estivessem destruídos.

— Senhor, eu acho que está havendo algum problema com a fiação elétrica. — Ela disse

aparentemente nervosa, as luzes piscando estavam lhe deixando preocupada, temia que provocasse um curto-circuito causando um incêndio.

Mas Gerik continuou a não dar ouvidos a ela, pois havia algo mais naquele  desenho que chamava a sua atenção, um grande cogumelo sobre as casas e pessoas. Ele sabia o que aquela imagem significava.

— *Está bem, James Kramme! Mas você vai perder feio. Muito feio.* — E soltou uma risada maliciosamente divertida.

— Alison? — Gerik chamou em tom firme e calmo.

Permanecia ajoelhado com a mão pousando delicadamente no torso do seu filho como se tentasse protegê-lo diante da imagem que ele desenhava. Mesmo sendo apenas um simples e colorido desenho era muito assustador. Era indício de que haveria uma destruição em grande escala e ocorreria nesta madrugada, ou seja, o senhor Kramme realmente não estava louco. Não poderia ser apenas coincidência que seu filho trouxesse a imagem do cogumelo como representação da explosão de uma bomba nuclear à toa, assim em um ingênuo desenho infantil. Ele precisava ficar

calmo para não assustar o filho autista e a babá.

— Sim, senhor!

— Que tal irmos visitar a casa da minha cunhada? A minha mulher irá ficar feliz. Acredito que meu filho vai gostar de ver a tia e a mãe.

— Está bem! Quando vai ser?

— Hoje, se sairmos agora, podemos chegar lá às nove horas.

— Mas, assim tão de repente?

— Quero aparecer de surpresa e não quero perder tempo, pois ele passa rápido demais. Temos que aproveitar esse sábado.

— É verdade, o tempo passa rápido. Mas... o senhor me desculpe, eu não posso ir junto com vocês.

— Eu te pagarei o dobro, ou melhor, o triplo, que tal? Eu realmente gostaria muito que você fosse comigo para cuidar dele. Eu e meu filho gostamos muito de você. É uma boa pessoa. Prometo que voltaremos amanhã à noite — mentiu, mas tinha uma boa razão para tal ação. Ele precisava tirá-la da morte certa, era jovem demais e merecia uma chance de viver.

— Bom, nesse caso, está bem! — disse ela. Tinha se animado com a ideia de viajar um pouco,

sair da cidade. — Eu vou com vocês sim! Só preciso ir à casa dos meus pais para pegar minhas coisas. Coisas básicas, sabe?

— Sem problema. Passaremos lá para pegar suas coisas.

— Está bem! Mas e quanto à luz do corredor? Parece que ela está...

— Não se preocupe com a luz. É só uma falha elétrica. Não esquentar com isso. Vou verificar o que está ocorrendo e arrumar. Mas só farei isso amanhã, quero nos arrumar e sair logo da cidade, quanto antes, melhor.

— Está certo, senhor!

Gerik olhou para o filho que estava com o rosto abaixado, o olhar vago e distante. Ainda desenhava a imagem do cogumelo, porém com cores cada vez mais intensas.

“Aquele louco varrido tem razão! A cidade vai ser destruída mesmo!”, finalizou Gerik.

CAPÍTULO 14

A fome bateu naquela hora, James Kramme não comeu nada desde o meio-dia, apenas tomado um café com a senhora Garwolim na *Kafeteria*. Agora a fome clamava. A barriga roncava alto. “*Precisava bater fome justamente agora que faltam algumas horas para a cidade ser destruída?*”, pensava fazendo o que podia para ignorar. Só que não adiantou. Cada passo que seguia a rouquidão de seu estômago aumentava mais. Para enganar a fome pegou a bala vermelha. Também nada adiantou, aliás, fez o efeito contrário. Ela teimava em insistir e queria lanche salgado, nada de doce! Doce demais dá diabetes!

Precisava dar um tempo com as balas vermelhas e procurar um lugar para comer um lanche de verdade. Um pastel de carne, torta de frango, empadinhas, qualquer coisa, mas que fosse salgado. A fome venceu. Conhecia um lugar bom para comer, sua sorte era que o lugar ficava perto dali, próximo do parque em que esteve antes. Sobre

PERIGOSAS ACHERON

o guarda-chuva a fina chuva caía fraca. Mas a friagem não cessava, tinha intensificado. O vento gélido batia no seu rosto fazendo sentir o perfume da natureza misturado com a chuva.

Andou mais alguns metros naquele bairro movimentado, com transeuntes circulando pelas calçadas e seus guarda-chuvas de várias cores. Algumas pessoas se protegiam embaixo das fachadas dos prédios comerciais. De repente um gato preto cruzou na sua perna, assustando-o. Ele riu. *“Não acredito que o gato preto possa me trazer azar. Pura crendice. Quem será que inventou essa crença? Azar não existe. Nunca existiu.”*

Estava certo, o fato de ter azar ou não era tudo questão de escolha. Os erros poderiam ser cometidos várias vezes no decorrer da vida. Sorte e azar, os dois opostos que sempre estarão presentes nas pessoas. Alguns podem ganhar, outros podem perder. Seja no time de futebol, loteria, prêmio, sorteio, emprego, dinheiro, família, tudo pode ser ganho ou perda diante da escolha feita, sendo prudente ou não. O azar não pode ser atribuído pelo fato de um gato cruzar na frente da pessoa, nem pelo espelho quebrado para receber sete anos de azar, ou passar por baixo da escada. O azar só

acontece quando a pessoa realmente está convicta de que irá acontecer, com isso acabará acontecendo o que ela tanto temia: a falta de sorte, oportunidade, ou chance. A credence nunca fez parte do senhor Kramme, era uma pessoa cética, racional, até conhecer aquela figura funesta chamada Morte e ter suas várias visões.

Depois de divagar sobre a sorte e o azar parou em frente à cafeteria, do lado da porta de vidro, e havia uma janela que podia ver lá dentro as pessoas sentadas tomando seus cafés e conversando tranquilamente. Havia uma placa suspensa com duas correntes de prata por baixo da marquise, em letras elegantes que dizia: *Casa da Dona Gwineth*. Acima do andar havia mais dois andares que eram apartamentos residenciais. Todas as janelas estavam fechadas, por causa da chuva e da friagem. A barriga roncou, mais uma vez. Parecia insistir que ele deveria entrar logo e pedir o lanche salgado para ontem. Fechou a guarda-chuva e entrou.

O clima era acolhedor e aquecido. Havia muito falatório e tinha dezenas de pessoas sentadas com os seus lanches servidos, de todos os tipos variados. Tudo que desejava comer ou beber se encontrava ali. Ele viu uma mesa vazia no fundo,

perto da parede com um grande quadro de pintura, da pintora Evelyn De Morgan. A imagem representava um anjo da morte e um homem assustado pela presença dele. Uma bela e angelical mulher sob um manto cinza e com um par de asas negras segurava uma grande foice. Era uma enorme ironia ver aquele quadro justamente por tudo que estava vivenciando nos últimos dias alarmantes. Ele não recordava ter visto aquele quadro antes, se viu provavelmente não prestou atenção no pequeno detalhe de seu significado profético do que viria a acontecer com ele.

Era muito estranho se sentar bem ali ao lado daquele quadro com a imagem do anjo da morte olhando também para ele. Por que um quadro como aquele deveria estar em uma lanchonete? A imagem não tinha nada a ver com o lugar onde as pessoas se reuniam para conversas descontraídas, lanchar e quando estavam aproveitando os prazeres da vida mundana. O quadro não representava nada disso. Quem foi que teve a ideia de colocar o quadro ali? Provavelmente a dona Gwineth, uma religiosa devota.

A garçonete apareceu com um avental personalizado com o nome do lugar bordado. Ela

não era muito bonita e nem feia, tinha os cabelos pintados de rosa, o que chamava atenção. Na mão segurava um bloco de controle de pedidos e uma caneta esferográfica azul.

— Pois não, senhor? O que deseja comer?

— Eu desejo uma *szarlotka* e um café com creme. — Ela anotou tudo rapidamente e depois olhou para ele com um costumeiro sorriso para agradar clientes.

— Deseja mais alguma coisa?

— Não, é só isso mesmo.

A garçonete de cabelos cor de rosa saiu e o senhor Kramme ficou observando as pessoas conversando sobre variados assuntos. Tentava identificar cada uma delas, reconhecê-las, mas nenhuma era familiar. “*Meu Deus! Todas essas pessoas vão morrer e não sabem disso. Será que eu devo alertá-las?*”.

Ficou receoso e não tinha certeza de como as pessoas iriam reagir, pois se já foi difícil convencer o amigo Gerik, imagine aquelas pessoas que não o conheciam. Mas não conseguiria ficar quieto, porque achava que elas mereciam saber o que estava para acontecer. Se ele não alertasse logo, elas iriam perder a oportunidade de fugir, assim

deixando com que morressem e com isso ele não conseguiria conviver, pois o remorso e a culpa iriam lhe consumir. Respirou fundo e se levantou.

Sentiu o coração disparar, parecia que estava em um palco pela primeira vez para fazer um discurso diante de dezenas de pessoas desconhecidas. Ele começou a pestanejar e o nervosismo intensificou. Sentiu a garganta ficar seca de repente e pigarreou. “*Não é hora de acovardar-se, James Kramme, vá em frente!*”, pensou lhe incentivando a ter coragem.

— Pessoal, por favor, ouçam-me com atenção! Eu tenho algo muito importante para falar com vocês — falou em frente das pessoas que o olhavam curiosas, fungou, pestanejou e percebeu que o nervosismo estava lhe deixando bastante desconfortável, mas continuou. — Eu sei que nenhum de vocês me conhece, mas posso garantir que tudo o que eu disser a seguir é a mais pura verdade, e não fruto da minha loucura.

As pessoas se entreolharam intrigadas com aquele homem que tinha um quadro do anjo da morte atrás dele. As pessoas não faziam ideia do que se tratava, mas algumas pensaram que ele iria anunciar alguma coisa, qualquer coisa, que fizesse

PERIGOSAS NACIONAIS

parte da vida cotidiana, mas não aquele anúncio.

— Eu recebi uma visão esta tarde. Pensei que fosse coisa da minha cabeça, mas infelizmente não era. A minha visão só foi comprovada quando a Morte veio me visitar.

Algumas pessoas fizeram o sinal da cruz, outros soltaram ar de exclamação, e outras riram baixinho. A garçonete de cabelos rosa cobriu a boca com a mão, como se não acreditasse no absurdo que o senhor Kramme falava.

— Fiquei sabendo que a cidade em que vivemos, tanto amamos e crescemos será destruída hoje à meia-noite. Haverá uma explosão por bomba nuclear.

— Besteira! — disse alguém no meio de todas as pessoas.

— Você cheirou cocaína? — perguntou outra pessoa.

— Eu já alertei as pessoas que conheço, e eles irão sair daqui. Seria melhor prevenir e ficar fora da cidade. Não sabemos se isso irá acontecer ou não, mas eu estou completamente convicto de que a cidade vai ser destruída. Disso eu não tenho dúvida.

— Você está louco!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

James Kramme se sentiu constrangido com a reação das pessoas, queria convencê-las, mas viu que seria inútil. Até que as luzes do teto começaram a piscar, aconteceu em boa hora, precisava de uma prova, um sinal.

— Vejam isso, não veem que tem algo errado com a cidade? Alguém notou que nenhuma televisão está sintonizando os canais, nem as rádios, o telefone também não funciona, e as luzes não param de piscar? Isso é um sinal! — As pessoas olharam umas as outras já aparentemente preocupadas, algumas até colocaram as mãos nos peitos, terrorizadas. — A morte não bate à porta de vocês para lhes avisar, caros cidadãos. Ela está rondando por aqui, e é a presença dela que causa a interferência de todos os meios de comunicação e energia elétrica. Está só aguardando o momento para a cidade ser devastada e levar suas almas. Eu vou dizer mais uma vez: a cidade está condenada a ser destruída hoje à meia-noite. Salvem-se e vão para longe daqui. Agora!

Depois de dito isso as pessoas ficaram inquietas, o clima era desconfortável e tenso. Houve murmúrios entre elas e as luzes ainda piscavam até que uma delas explodiu assustando

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

todo mundo. Faíscas de fogo desciam em cima das pessoas e as luzes apagaram repentinamente. Então, veio o grito. E outro. Todas as pessoas saíram assustadas. Com a confusão se instalando algumas pessoas caíram no chão e foram machucadas, algumas até pisoteadas, mesas e cadeiras foram reviradas para todos os lados. A janela foi quebrada e saíram por ela. Os berros descontrolados davam para ouvir do lado de fora da lanchonete e algumas pessoas desorientadas atravessaram de forma imprudente as ruas e foram atropeladas logo em seguida. Seus corpos foram arremessados para longe enquanto outros carros desviaram para evitar mais atropelamentos e acabaram batendo violentamente nos outros.

O caos tomou conta da cidade. Os policiais fizeram muito esforço para controlar o pânico geral. Alguns cometeram o suicídio, outros rezaram pedindo perdão a Deus pelos seus pecados. As lojas foram saqueadas. As crianças choravam. Os velhos morreram enfartados por não aguentar a grande emoção e o horror generalizado. A cidade que outrora era limpa e organizada se transformou em um lugar de inferno, com chamas, destruição total e elas tinham se tornado mais perigosas e agressivas,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

para se defender no meio da bagunça e da violência sem precedente. Era uma loucura total. Um verdadeiro inferno.

— Aqui está o lanche, senhor — disse a garçonete chamando a atenção do senhor Kramme.

Ele piscou os olhos algumas vezes, olhou para o rosto sereno da garçonete e depois para as pessoas sentadas a sua frente. Todas tomavam café tranquilamente e conversavam alegremente. O lugar continuava o mesmo desde que entrou. Não houve confusão. Não houve pânico geral. Era tudo fruto da sua imaginação. Ainda bem. Olhou para a garçonete e abriu um pequeno sorriso.

— Obrigado!

Ela saiu deixando seu freguês lanchar sossegadamente, em seguida ele abaixou a cabeça olhando para o seu lanche na mesa. Uma fina fumaça de café alcançava a sua narina, era um cheiro muito agradável, então pegou o garfo e começou a comer a sua torta de maçã. Olhou para o quadro, para o anjo da morte.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 15

A senhora Garwolim estava de pé, imóvel, diante de uma agigantada porta aberta da Igreja Coração Sagrado e nela havia uma cruz de madeira. O lugar tinha pouco movimento. Gostava do lugar vazio, pois isso permitia que ela ficasse mais próxima ao seu grande Criador, o Pai de todas as criações existentes na Terra. Ela era católica praticante. Desde que o senhor Kramme se separou dela sua vida tinha se tornado um verdadeiro infortúnio. Caiu em depressão, viveu alguns meses de solidão, sua autoestima despencou, não saía mais de casa, nem procurava novos amigos, enfim a sua vida tinha sido apagada. Ela o amava tanto, mas o amor não voltou para ela.

Ficou iludida, apática, magra, abatida e mal comia. Até que um dia seu pai percebendo a gravidade da situação decidiu levá-la ao médico. Precisava tratá-la o quanto antes, tomou remédio antidepressão e foi viver na casa do pai; então sua vida começou a tomar um novo fôlego com o passar das semanas.

Depois disso começou a se alimentar bem, praticou atividade física, como a ioga e caminhada na praça, retomou a vida social, conheceu novos amigos e finalmente conheceu um novo amor, que a transformou em como estava agora. Por tudo que ela viveu no período da depressão e conseguiu superar estava eternamente grata ao seu Criador, por ter dado força para ela. Quando ela percebeu que a sua vida tomou um novo rumo começou a frequentar duas vezes por mês a Igreja, para agradecer e servir como uma serva fiel. Porém, naquela tarde em que James Kramme a procurou, o seu coração clamou por ele. Ainda o amava. E isso a deixava desorientada. Por que ainda o amava depois do que ele fez?

Ela lutava para que o sentimento que nutria por ele não voltasse a ser como antes, temendo sofrer mais um baque de decepção. Ela tinha um marido maravilhoso agora, que a tirou do caminho da tristeza e a tornou uma pessoa maravilhosa, linda e saudável. James Kramme era apenas um amor do passado e o passado não voltava mais. Apenas o via como um amigo, nada mais. Mas o seu coração falava outra coisa, ainda gostava dele. Mais do que isso, ainda o amava. “*Meu Deus! Por*

que isso está acontecendo comigo? Estou traindo meu marido por causa do meu coração que bate por James Kramme.”, pensava atormentada.

Depois daquela conversa que teve com ele na *Kafeteria* caminhou na cidade se sentindo fora de si. Seu coração balançou mais por ele do que por seu próprio marido. “*Não é possível! Não posso trair meu marido.*”. Ao chegar ao local de trabalho estava toda calada e pensativa, até conseguiu se distrair um pouco com o cálculo do caixa, mas sua cabeça parecia estar em outro lugar. A sua colega de trabalho notou o seu estranho comportamento depois que saiu com o ex-marido. Ficou preocupada. Temia que alguma coisa tivesse acontecido com ela depois daquele encontro. Ela tentou ajudar a amiga que disse estar tudo bem e explicou que apenas estava mexida por revê-lo. Ficou feliz também por ter tido paz para perdoar o erro dele.

A amiga discordou do fato dela ter perdoado o ex-marido porque achava que quando um homem fazia isso uma vez, faria outras vezes. “*Não entendo por que todos os homens são sempre iguais.*”, disse ela uma vez para Anna. No momento não conseguia parar de pensar no

momento que teve com ele na Kafeteria, no fundo tinha gostado muito.

Ao mesmo tempo ela se preocupava muito com ele que mudou muito e parecia ser outra pessoa. Falava coisas sem sentido, como, por exemplo, a história da visão e de pedir para que ela pegasse o trem e saísse da cidade. Temia pelo bem-estar dele. Sentiu-se suja por pensar mais nele do que no seu próprio marido, então procurou pensar mais calmamente, tentou compreender a situação que teve e logo concluiu que estava carente. Seu marido viajou para Paris por causa do negócio da loja, tinham uma loja afiliada instalada no bairro nobre mais movimentado da cidade, e fazia duas semanas que ele estava lá. Nem recebia mais recado dele e não sabia o motivo.

Ele estava de mal com ela, tinham brigado muito. O casamento nem sempre era um mar de rosa, mas na realidade era uma discussão boba entre marido e mulher, a briga era descabida e infantil. Brigaram por causa de um rato que vivia roendo as coisas em todos os cômodos, todas as noites. Ela reclamou tanto e o marido tinha feito tudo para acabar com o rato, mas não conseguiu, então chamou uma empresa especializada para

PERIGOSAS NACIONAIS

colocar veneno, ratoeira e outra armadilha a fim de acabar de vez com o roedor. Gastou muito dinheiro para acabar com malandro do bicho, só que ele driblou as armadilhas e continuou infernizando a vida do casal, até que ela, no calor da emoção e do estresse, chamou seu marido de inútil. A partir daí a discussão agravou, como uma bola de neve.

Depois de abaixar a poeira, ela pediu desculpa. Ele não aceitou, ficou ofendido e magoado por tudo que fez para ela e ainda foi recebido com ingratidão por parte dela. Ela foi infantil, esse foi o seu erro. O marido então decidiu sair da cidade por um tempo e desde então não recebeu mais notícia dele. Um castigo. Temia ser abandonada, mais uma vez. Temia que ele estivesse procurando outra mulher em Paris, então ela começou a ficar paranoica com isso. Ele era todo elegante, refinado e dono de uma boa lábia, sabia usar todo o seu charme para conquistar a clientela. Era uma pessoa muito persuasiva e conseguia tudo o que desejava e por essa razão ela tanto temia. Sabia que ele tinha ido sozinho a Paris para uma reunião, mas no fundo pressentia que havia conhecido alguém lá, só que também alimentava a esperança de que estivesse enganada.

PERIGOSAS ACHERON

Quando viu James Kramme na loja pela primeira vez nesta tarde sentiu um misto de surpresa, alegria e medo. Surpresa por ele ter aparecido tão de repente depois de tanto tempo. “*Quem é vivo sempre aparece.*”, pensou ela. Alegria por saber que ele estava bem e que estava muito charmoso quanto antes. E medo por voltar a se apaixonar por ele. Agora a coisa começou a ficar confusa para ela. O caminho que ela tinha antes era apenas um só, agora viu diante de si outro, e estava dividida entre os dois. Por qual caminho ela deveria percorrer? A sensação de desespero bateu nela. Por isso decidiu procurar a igreja em busca de respostas e também para perdoar a si mesma por pecar e permitir que seu coração batesse mais forte por seu ex-marido e não pelo atual.

O céu nublado escureceu ficando na cor plúmbea, mas a chuva cessou há pouco. Todas as lâmpadas dos postes da cidade acenderam ficando na cor de âmbar. O clima tinha um aspecto fúnebre, muito longe daquela tarde ensolarada e alegre. Era como um presságio de que a morte estava rondando a cidade. A Morte cantava através do vento frio. Dançava através das folhas soltas das árvores. Ao sentir a corrente de frio envolvê-la, a senhora

Garwolim entrou na igreja e fez o sinal da cruz, como costumava fazer toda vez que entrava em uma.

A nave da igreja era incrivelmente grande e o teto era alto com algumas luminárias esféricas e opacas na cor branca que estavam suspensas por longos fios presos ao teto. Havia fileiras de bancos longos feitos de madeira polida e lustrosa com algumas pessoas sentadas, na maioria idosa, fazendo suas orações silenciosamente. Ela caminhava calmamente absorvendo a paz que imperava na nave, ao fundo havia uma música instrumental e cristã em som baixo, quase imperceptível. A sensação de tranquilidade e paz cresceu dentro dela. Era um bom lugar para refletir seu ato, pecando ou não. Sentou-se no terceiro banco posicionado em frente ao altar onde havia uma escultura de Nossa Senhora Aparecida cercada por centenas de velas acesas.

Ao lado da santa, no lugar da parede, havia somente uma imensa janela vitral e multicolorida que iluminava através da claridade das luzes lá de fora que jogava o reflexo em Nossa Senhora. Seus olhos ficaram vidrados na beleza das cores dos vitrais, como se cada peça daquela cor trouxesse

uma história de vida baseada na fé cristã. Ela sorriu ternamente, cruzou as mãos sobre sua barriga e começou a refletir em uma conversa com o seu Grande Pai, o Criador de todas as coisas. Fechou os olhos e procurou sentir a paz em seu coração. O silêncio era profundo.

Perdoe-me pelo meu pecado, meu bom Senhor! Não foi minha intenção fazer o meu coração bater por um homem que amei no passado. Ele foi meu marido só que fui abandonada por ele, com isso nos separamos, mas ele voltou a procurar por mim e me pediu perdão. Eu perdoei como o Senhor perdoa as pessoas que cometem os pecados. Ele se tornou uma pessoa mais serena, mas temo por sua saúde mental e bem-estar.

Eu amo e sempre amarei o meu marido, e jamais iria traí-lo. Tem algo acontecendo comigo que não está certo, meu coração sabe disso e eu não posso negar. Estou me sentindo muito carente, sinto a falta de um amor que mexa comigo, com o meu íntimo. Eu vou me esforçar para ser uma boa mulher para ele, sempre agradá-lo, e não mais ofendê-lo e nem insultar. Eu errei pelo que fiz com ele e estou disposta a corrigir, sei que com isso vou

amá-lo mais e me sentir mais amada. Quero ser uma pessoa boa, uma boa esposa e fiel.

De repente alguém a tocou lhe fazendo despertar de seus pensamentos, o toque era leve, inédito e delicado, havia amor, e ela sorriu sem saber ao certo o porquê, era como se estivesse tomada pela felicidade. Abriu os olhos. Na sua frente, no altar não via mais Nossa Senhora Aparecida, e sim no lugar dela apenas dezenas de velas acesas, estranhou. Olhou para o seu lado e levou um susto ao ver que a própria santa estava ao seu lado, em carne e osso, e então a senhora Garwolim chorou copiosamente. A santa sorriu carinhosamente e tocou a mulher, sem dizer nada, apenas transmitindo paz.

Neste momento um baque sacudiu a igreja fazendo as luminárias da igreja mexerem e a mulher ficou assustada com aquela movimentação estranha, enquanto que a santa continuava impassível. Anna não fazia ideia do que estava acontecendo até que um forte clarão atravessou o vitral por alguns segundos iluminando o rosto das duas, assim que o clarão enfraqueceu, outro estrondo surgiu. Anna então começou a entender o que poderia estar acontecendo enquanto a santa

PERIGOSAS NACIONAIS

apenas lhe sorria; neste momento a janela estilhaçou com violência para dentro da nave seguida de uma onda de vento quente e vermelho. Um grito de dor saiu da senhora Garwolim enquanto seu corpo era carbonizado em frações de segundos, sua mão, que ainda segurava a mão da santa, se transformou em cinza e uma nuvem de fogo tomou toda a nave da igreja.

Resolveu abrir os olhos de repente, seu coração ainda palpitava, mas olhou para Nossa Senhora Aparecida que estava no altar, permanecia no mesmo lugar de sempre. A janela vitral estava inteiramente intacta, com a luz do outro lado atravessando nela, continuou olhando ao seu redor, para a nave da igreja, e havia poucas pessoas, as mesmas que ela havia visto há pouco. Nada aconteceu naquele lugar. Olhou para a sua mão e tinha a nítida sensação de alguém ter segurado nela no seu momento de reflexão. As luzes das luminárias esféricas então piscaram. Não demorou muito para ela saber o que tinha acontecido. Teve uma visão. E era real.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 16

Com a barriga cheia, a máquina da cabeça tende a labutar melhor e era isso que James Kramme sentia ao sair da cafeteria, totalmente jubiloso pelo lanche. A barriga o agradeceu em forma de um arroto. Um bom e longo arroto. Uma mulher baixa e gorda, na faixa de quarenta anos, passou perto dele e o olhou com a cara bem dura. Ela murmurou alguma coisa, algo como, “*Seu porco!*”, mas ele não ligou. Pegou o relógio de bolso e viu que eram seis horas e vinte minutos, o tempo realmente galgava muito rápido, desejava que tivesse encontrado um mecanismo para abreviar a velocidade, queria ganhar mais horas extras para resolver todos esses mistérios em torno da explosão nuclear só que o tempo era implacável e impiedoso. Nem mesmo deixava as pessoas preservarem a sua juventude, era realmente curto, até mesmo uma pessoa idosa reclamava disso.

É bem verdade que existem algumas pessoas que desejam que o tempo passe rápido a fim de partir para o melhor, esta é uma das razões do por

que dos idosos sempre aconselharem os jovens a curtirem, de todas as maneiras possíveis, a vida enquanto há a juventude. Para James Kramme, mesmo vivenciado muito bem a sua juventude preferia não voltar para o passado, preferia ser como era agora, um homem mudado e moldado após o colapso nervoso.

Com o guarda-chuva sob seu braço começou a caminhar pela calçada molhada, sob as luzes dos postes e das marquises iluminadas. Os faróis estavam baixos e as poças de água negras, como a noite, cintilavam os reflexos das luzes da cidade. Depois de cruzar algumas ruas e calçadas logo viu o seu apartamento não muito longe dali, com a fachada amarela e então se deu conta que estava ao lado do prédio verde. Lembrou-se da mulher grávida deste prédio. Yeva.

Ele se aproximou em direção ao saguão do prédio para tocar no interfone, mas logo parou ao se lembrar de que ela poderia não estar mais sozinha. O marido poderia ter retornado. Para certificar-se da presença dele tocaria o interfone e se ouvisse a voz de um homem sairia dali imediatamente. Não queria nenhuma briga, era a última coisa que iria querer. Mas se fosse a voz da

mulher, então iria ajudá-la. Não poderia deixá-la à mercê da sorte se não tivesse ninguém, pois uma mulher grávida não conseguiria enfrentar a explosão sozinha.

Deu mais alguns passos até chegar ao interfone e tocar um dos botões dos apartamentos quando aguardou alguém atender, mas nada. Tocou mais uma vez e ninguém. Uma pena! Poderia tanto ajudá-la e convencê-la a sair da cidade deixando o violento marido para trás de encontro com a morte na explosão. “*Homem ruim merece morrer!*”, pensava ele enquanto se afastava do prédio, não podia ficar ali por muito tempo e perder seu tempo esperando por eles, tinha muita coisa importante a fazer e as horas passavam e a explosão se aproximava.

À medida que foi se afastando viu a sua frente duas pessoas familiares em sua direção. A feição da mulher parecia contorcer de dor com a mão sobre a barriga saliente. A princípio ele pensou que ela estivesse entrando em trabalho de parto, mas observou bem e viu que na realidade ela tentava se afastar do marido que segurava com força o seu braço. Machucava. Eram eles. Quando se aproximou do casal notou que a mulher não

tirava os olhos dele, parecia até um pedido de socorro e o homem o encarava com seriedade. Seus olhos eram coléricos. Os transeuntes notaram o problema no casal e mantiveram certa distância, temiam por suas seguranças, tanto quanto àquela mulher.

“Preciso fazer alguma coisa para ajudar aquela pobre mulher! Tenho que me arriscar! Senão serei um covarde. Não quero morrer como um covarde.”, pensou ele enquanto caminhava calmamente com o guarda-chuva embaixo do braço. Seus olhos piscaram duas vezes, estava nervoso. Quando chegou perto deles fungou e esboçou um sorriso simpático, mesmo contra a sua vontade. Sentia raiva daquele homem que não tirava a mão grande do frágil braço da mulher.

— Boa noite! — disse o senhor Kramme.

A mulher olhava aterrorizada para ele quando o marido fechou a cara e lançou um olhar de desconfiança.

— Vai cuidar da tua vida, seu aleijado! — disse o homem com a sua voz grossa e ríspida, havia reconhecido o senhor Kramme, pois já tinham se esbarrado naquela tarde. O cara estava com as sobrancelhas arqueadas o que dava uma

aparência maléfica, era um sujeito extremamente mal-encarado.

O homem seguiu em frente, sem olhar para trás, puxando sua mulher com força que murmurava de dor. O senhor Kramme sentiu o seu sangue ferver e ficou pensando: “*Não faz isso seu desgraçado! Não se trata assim uma mulher grávida!*”. Então, resolveu seguir o casal, antes que alcançassem o prédio verde. Neste momento pegou o seu guarda-chuva e chamou a atenção do homem.

— Hei!

O homem virou e a única coisa que viu foi a sombrinha surgir de repente na sua frente, batendo na lateral do seu rosto. Surpreso com o ataque inesperado largou a mulher e tropeçou em seu próprio pé caindo de costas no chão. A nuca bateu na calçada molhada. Seus olhos pestanejaram, aturdidos. A sua cabeça parecia ter recebido uma forte vibração pelo impacto. Com a cabeça deitada no chão via o alto do prédio verde, o céu escuro e a luz do poste. Ouviu passos apressados se afastando, e rostos de transeuntes olhando para ele. Ao levantar-se sentiu muita raiva. Quem fez aquilo com ele seria pego e encaminhado para o hospital. Não tinha gostado nada de ser pego de surpresa.

PERIGOSAS NACIONAIS

Pegou o guarda-chuva caído no chão perto dele e procurou o responsável pelo ato: o aleijado.

Estava disposto a deixá-lo ainda mais aleijado do que nunca. Mas não havia ninguém perto dele, apenas os transeuntes. Nem sua mulher se encontrava mais ali, procurou por todos os lados e nada. Tinha a perdido, e com ela, o seu bebê. Gritou.

— Yevaaaaaaaaaaaaaaa!

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 17

Quem iria imaginar que um simples guarda-chuva emprestado pudesse servir de grande utilidade para salvar a donzela em perigo e derrubar um homem mal-encarado? Apesar de ter perdido o acessório pelo menos não desonrou a sua coragem e de quebra ainda levou a mulher grávida sã e salva para o seu apartamento. Tinham conseguido despistar o marido violento e por um momento o senhor Kramme temeu ter sido seguido. Não queria partir pra briga pra cima daquele brutamonte, não sabia lutar e muito menos queria estrebuchar.

Assim que chegou ao apartamento fechou a porta e trancou a mulher. As mãos dele tremiam e respirava ofegante, sua testa estava colada na porta, tentava recuperar o fôlego. Ainda sentia a adrenalina correndo em suas veias e a pressão em sua cabeça latejava.

Yeva então se sentou no sofá da sala respirando cansada. Suas pernas estavam bambas. Fraca e assustada colocou as duas mãos na barriga e procurou se acalmar. Não imaginava que um

homem como James Kramme pudesse surgir de repente para socorrê-la e conseguir fugir das garras daquele seu marido. Estava feliz e assustada ao mesmo tempo, sentia-se livre daquele carrasco, olhou para o homem que estava de costas para ela e a cabeça dele ainda estava colada na porta.

— Muito obrigada por me salvar! — Ela disse com a sua voz terna e amena.

James Kramme se acalmou ao ouvir a voz dela e virou em sua direção fazendo um esforço para sorrir. Yeva o olhou examinando sua fisionomia e percebeu seu tique nos olhos, mas de repente ela expressou um ar de surpresa ao reconhecê-lo.

— Professor Kramme? — Ele a olhou abismado por ouvir o seu sobrenome, podia jurar que tinha ouvido chamar uma aluna sua, era uma voz familiar, mas não recordava quem era. — Professor Kramme, é você? — perguntou ainda surpresa. — Professor James Kramme?

— Sim, sou eu mesmo. Eu não sei como você me conhece, não me recordo de você.

— Eu estudei na escola pública em que você lecionava artes. Demorei a te reconhecer, mas olhando de perto acabei de me lembrar. Foi como

PERIGOSAS NACIONAIS

um estalar de dedos.

— Seu nome é Yeva, certo?

— Sim! Yeva Kadan.

— Não recordo de seu nome. Em que ano você estudou lá?

— Nossa, faz tempo... Deixe-me lembrar. — Ela disse abaixando a cabeça enquanto fazia uma varredura mental e em alguns segundos se lembrou de alguma coisa. — Foi há sete anos, mais ou menos por aí. Sou aquela garota que costumava ficar sentada em frente a sua mesa. Ah... acabei de lembrar de uma coisa... Lembro que você tinha mandado um rapaz para fora da sala porque ele não parava de incomodar uma colega. Aí ele começou a te xingar. Você tentou argumentar com ele, mas o rapaz não quis conversa e ainda pegou um canivete. Lembra? O rapaz surtou, pulou em cima de você e esfaqueou o seu braço. Teve que chamar a polícia para ele ser detido.

— É verdade! Estou me lembrando agora! — disse James passando a mão sobre seu braço sentindo a dor que há tempo não sentia. Desejava não ter se lembrado daquele aluno psicótico. — Caramba! Nem quero me lembrar da dor que senti naquele dia.

PERIGOSAS ACHERON

— Você não fez nada para enfrentá-lo até que a diretora da escola apareceu.

— É verdade! Eu não poderia agredir um aluno rebelde para não ser processado pelos pais dele. É bem complicado lidar com alunos assim. Ainda bem que eram poucos casos.

— Fiquei muito triste quando vi que você foi encaminhado para o hospital, estava passando muito mal.

— É, depois daquela briga, eu procurei me manter longe de qualquer confronto corporal até agora. Quer dizer, não era exatamente um confronto.

— Quero te agradecer pelo o que fez hoje. Você foi muito corajoso enfrentando o meu marido para me ajudar.

— Sim! Tinha algo muito mais importante a fazer do que me preocupar com o uso da violência. Olha, você me perdoe, mas por mais que eu tente me lembrar de você, eu não consigo, já faz sete anos e eu dei tantas aulas com centenas de alunos todos os dias.

— Não tem problema, professor Kramme. Mas eu fico feliz que o senhor tenha me salvado, eu gostava muito de você naquela época, porque eu

achava você muito lindo. — O senhor Kramme não conteve um sorriso.

— Oh, é mesmo? Fico lisonjeado de saber disso.

— Você sabe como é fase de adolescente, e eu era uma bem boba. Mas enfim, eu cresci.

— Sim, nota-se. E está grávida. Quantos meses têm?

— Sete.

— Que bom! É menino ou menina?

— Menino.

— Já tem nome para ele?

— Não, ainda não. Estou procurando ainda.

— Você encontrará. — Ele disse olhando com empatia para ela. Parecia muito tranquila, mesmo depois pelo o que passou. Ele enfiou a mão no bolso e tirou um saquinho de balas vermelhas, esticou o braço para ela, oferecendo-as.

— Não, obrigada! Não gosto de balas. Ainda mais vermelha. Não sei por que, mas sinto um negócio esquisito toda vez que vejo essa cor.

— O que a cor tem de estranha?

— Não sei! Simplesmente não gosto dessa cor.

— Está certo! Algumas pessoas nem sempre

PERIGOSAS NACIONAIS

curtem uma cor — comentou e pegou uma das balas no saquinho, jogou com certa distância em direção a sua boca e começou a mastigar. — Mas eu adoro balas vermelhas. Muito saborosas!

— Sim, percebi! — Depois de um silêncio grande enquanto ele mastigava a bala, Yeva olhava para a decoração do apartamento admirando seu gosto refinado. — Achei aqui um lugar muito bonito!

— Sim, de fato é bem confortável.

— Alugado?

— Sim!

— É uma sorte achar este lugar.

— Sim, acho que tenho alguma sorte, mas ultimamente ando mal. Acho que uma bruxa está solta por aí trucidando a minha vida. Bom, eu devo confessar uma coisa. Eu não estava lá para te salvar apenas por acaso, estava te procurando. Sabia qual apartamento você mora.

— Você estava me procurando? Como assim?

— Tenho observado você pela janela. A janela do seu prédio fica bem em frente a do meu prédio, e mesmo com a distância eu pude ver o que estava ocorrendo. Eu já sabia que você tinha

PERIGOSAS ACHERON

problema com o seu marido, só não sabia que você era minha ex-aluna.

Ela olhou para o lado, olhando para a janela, mas não conseguia ver o seu prédio, por causa do ângulo em que sentava. Olhou para o chão por um momento se sentindo constrangida por ter sido observada por seu ex-professor. Ela mordiscou o lábio inferior, franziu o cenho, deslizou a mão na sua barriga e então voltou a olhar para ele.

— Tem me observado há muito tempo?

— Bom, tenho que dizer que eu não me recordo quando comecei a te observar, mas acredito que não faça muito tempo. Diz-me uma coisa, Yeva, por que você está ficando com ele? Não tem alguém que possa te ajudar?

— Tenho, sim! Meus pais. Eles moram na Polônia, se mudaram pra lá no ano passado.

— Seus pais sabem que seu marido te trata muito mal?

— Não, eles não sabem. O meu marido sempre fala com eles que eu estou bem, mas que estou cansada. E ele me deixava falar com eles apenas por um breve momento, só para ouvirem a minha voz, para não levantar suspeitas. Sabe, há tempo que venho lutando para sair daqui, para me

PERIGOSAS NACIONAIS

proteger, até que você apareceu em uma boa hora.

— Sim, realmente foi uma boa hora. Eu deveria te levar para a polícia para dar queixar dos maus tratos de seu marido...

— Não! Não posso ir à polícia.

— Por que não? Posso saber por que não quer ir à polícia?

— O irmão do meu marido trabalha lá, é policial e sabe que o irmão dele é uma pessoa violenta e o acoberta.

— Não acredito! Isso é um absurdo!

— Sim, por isso que não podia pedir socorro. Estava acuada, sem saída. Até você aparecer. Muito obrigada por me tirar de lá. Eu já posso me sentir em paz. Nada mais vai acabar a felicidade que estou tendo agora.

— Fico feliz em saber disso. Você é livre e tem direito de tudo o que quiser. Mas antes eu preciso que você faça uma coisa, Yeva.

— Sim, se depender de mim, eu farei qualquer coisa por você.

— Ouça, eu acho que é melhor você sair dessa cidade e ir pra casa dos seus pais. A partir de hoje, o quanto antes. Lá você se sentirá mais protegida.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— É. Você está certo! Mais cedo ou mais tarde ele me achará, não é homem de desistir fácil.

— Logo tudo vai acabar aqui.

— Mas eu não tenho dinheiro para comprar a passagem de trem. E nem trouxe roupas.

— Não se preocupe com isso, o dinheiro eu posso lhe dar, e quanto às roupas creio que a sua mãe possa lhe dar algumas coisas.

— Pensando bem, ela tem sim. Não sei como te agradecer por me ajudar. Estou cansada! Por tudo o que aconteceu comigo.

— Imagino que deva estar. Deseja comer algo?

— Para falar a verdade, sim, estou com fome.

— Naturalmente! A gravidez aumenta o apetite. Vou preparar um lanche para você, um sanduíche e um suco de laranja.

— Muito obrigada por tudo, professor Kramme.

— Por favor, pode me chamar apenas de James. Não sou mais seu professor, sou agora seu amigo.

— Certo, James, obrigada por tudo que está fazendo comigo.

— Não há de quê! Eu precisava mesmo fazer

PERIGOSAS ACHERON

alguma coisa para te ajudar, já que nenhuma pessoa iria tomar alguma providência.

— Você é um homem bom. — Ele a olhou com admiração. A jovem tinha sido muito dócil com ele.

— Descanse aí um pouco, vou preparar o lanche.

— Eu gostaria de ir ao banheiro. Posso saber onde fica?

— Sim, naturalmente. É só seguir aquele corredor e entre na primeira porta à esquerda.

— Obrigada! — agradeceu levantando-se com esforço e caminhou em direção à porta que dava para o corredor.

James Kramme seguiu para a cozinha onde prepararia um lanche para ela. Cortou o pão de forma, colocou queijo, mortadela, tomate, alface, e fez um suco de laranja concentrado, daquele que vem pronto comprado no mercado. O lanche estava visualmente bonito e apetitoso, bem melhor do que aquele comercial que passava na televisão. E falando de televisão, será possível que voltou? Enquanto esperava a Yeva sair do banheiro voltou para a sala e ligou a TV. Ficou decepcionado. A imagem permanecia estática. Sem cores. Com

milhões de poeiras monocromáticas sacudindo vertiginosamente. Até que de repente uma rápida imagem surgiu nitidamente, apesar de alguns riscos na tela.

Uma repórter falando alguma coisa, com o semblante sério. Estaria voltando a pegar os canais? Mas ainda havia interferência. A imagem mexia de cima para baixo e era preta e branca, mas podia ver. Era uma notícia de plantão e o que mais chamou a sua atenção é que tinha uma foto atrás da mulher. O cogumelo da bomba nuclear. A sensação de terror se apoderou nele. A repórter saiu da cena e entrou a imagem que o cinegrafista filmava mostrando a cidade já completamente devastada, inabitada e coberta de cinzas. Abaixo tinha uma faixa que dizia: 30º aniversário da explosão nuclear em *Czerwona Kropka*.

No fundo, por meio dos escombros dos prédios, três homens vestidos com trajes e máscaras de antirradiação examinavam o local com os equipamentos de última geração nas suas mãos, para detectar o nível de radiação que impregnava no local. E então a imagem saiu fora do ar. E a estática voltou.

James Kramme piscou os olhos, parecia que

foi tomado pelo estado de devaneio, mas logo entendeu tudo. Teve mais uma visão do futuro. A cidade seria inabitada, mesmo passado trinta anos, por conta da forte radiação. “*Meu Deus!*”. Ele não podia imaginar que a destruição estava cada vez mais perto de acontecer. Faltavam algumas horas, precisava sair da cidade. Não poderia fazer mais nada para a população. Não iria adiantar socorrê-la. Poderia impedir que a bomba fosse detonada, mas como? Não tinha nenhuma pista de onde a bomba estaria implantada e será que poderia ser lançada no ar? Se puder não tinha a menor chance de desarmá-la. Era melhor esquecer seu objetivo de se redimir e cair fora da cidade. Precisava também se proteger.

“*Yeva estava demorando muito.*”, pensou estranhando a demora. Para certificar-se de que ela estava bem foi até a porta do banheiro. A luz do corredor piscou incessantemente o fazendo notar imediatamente. A Morte estava rondando por ali naquele momento, então bateu na porta do banheiro.

— Yeva? Você está bem?

Nenhuma resposta. Ele ficou preocupado com o silêncio dela. A única coisa que podia ouvir lá dentro era o barulho da água do chuveiro

enchendo a banheira. O que ela estaria fazendo? Tomando banho?

— Por favor, me responde. Você está bem?

Nada de resposta. Ele colocou a mão na maçaneta da porta e tentou abrir, mas estava trancada por dentro. Que estranho! Até que...

— Eu estou bem, senhor Kramme, apenas queria ficar sozinha por um momento — respondeu com a voz triste. Parecia que tinha chorado. Naturalmente que estava depois de tudo o que ela vivenciou ao lado do marido violento. Tinha sofrido violência doméstica.

Alguém bateu à porta.

Alguém estava do outro lado chamando por ele.

Quem poderia ser, a essa hora da noite?

CAPÍTULO 18

A batida da porta estrugiu a sala, alguém do outro lado se mostrava impaciente. Quem poderia ser? Há tempo que James Kramme não recebia sequer uma visita. Já tomado pelo nervosismo saiu do corredor, abriu a porta para saber quem era e tratar logo o assunto para se livrar da pessoa indesejada, mas se surpreendeu ao ver a pessoa a sua frente.

Era o marido da Yeva, embebido de fúria, a julgar por sua expressão. Como ele sabia que o senhor Kramme morava nesse prédio? Será que ele viu quando chegaram ao prédio amarelo? Como ele tinha conseguido entrar pela porta do saguão? Não tinha nenhuma chave que desse acesso à entrada, alguém deve ter aberto a porta para ele. Mas quem? Não tinha essa resposta só sabia que o homem estava ali, ofegante a sua frente, e com cara de poucos amigos.

— Senhor Kramme, eu não acredito no que fez comigo para tirar a minha mulher de mim. Eu deveria lhe dar uma bela surra, mas não tenho

tempo para isso. Onde ela está?

— Não sei do que você está falando — respondeu com o ar inexpressivo e frio. O homem o olhou examinando seus olhos. Ele sabia, o senhor Kramme estava mentindo para ele.

— Não é hora de bancar o engraçadinho comigo. O senhor não faz a menor ideia do que está acontecendo com ela. Estou preocupado.

— Oh, sim, suponho mesmo que você esteja realmente preocupado com ela — respondeu já ciente de que o homem a sua frente sabia que a mulher dele estava ali. Não tinha mais como esconder e mentir, hora de enfrentá-lo de homem para homem através de um diálogo pacífico. — Pelo o que eu vi você a tratava muito mal. Por que faz isso com ela?

— Não é hora para falar sobre isso, por favor, preciso vê-la — disse o marido empurrando com uma mão o ombro do senhor Kramme o fazendo cair no chão enquanto aproveitou para atravessar a sala como uma bala projétil procurando o alvo.

— Yeva! — chamou em um tom grosso e firme enquanto andava de um lado ao outro aguardando ela responder. Ele sabia.

— Saia do meu apartamento ou serei

obrigado a chamar a polícia — disse preocupado, mas imóvel, não tinha coragem de chegar perto, o cara estava muito nervoso e poderia agredi-lo de verdade a qualquer momento.

— E como poderá chamar a polícia se o telefone está sem linha? O telefone da cidade toda está mudo. — O senhor Kramme então calou-se, o cara é rápido de raciocínio. — Yeva? — O marido chamou mais uma vez indo para a cozinha. Não a encontrou. Voltou todo aflito para a sala.

— Onde ela está pelo amor de Deus! Ela vai se matar. — James Kramme ficou surpreso. Ela ia se matar?

— Como assim?

— Você não a conhece. Ela já tentou o suicídio várias vezes, por isso estou procurando por ela feito um louco.

— Eu não acredito! Ela jamais faria isso, não parece ser uma suicida.

— Isso é o que você pensa, mas está errado, por favor, me diga onde ela está?

— Você está mentindo, eu vi o quanto você a trata muito mal.

— Tratar mal a minha mulher? Você está me julgando errado. Eu estou tentando controlá-la para

que não faça besteira para si mesma. Se alguma coisa acontecer com ela, eu juro que nunca mais vou deixar você sossegado pelo resto da vida.

— Se você ousar tocar um dedo nela, se feri-la...

— Ela está colocando a vida em risco se não agirmos antes. Onde ela está?

— Ela está no banheiro e está bem. Parece que está na banheira. — O olhar dele demonstrou grande preocupação.

— Oh, meu Deus! Ela vai fazer isso de novo — disse afastando-se do senhor Kramme e foi direto para o corredor perguntando qual daquelas portas era a do banheiro.

— A primeira porta à esquerda.

O homem girou a maçaneta e viu que a porta estava trancada, sem perder mais tempo afastou-se da porta e arrombou com força. A porta abriu bruscamente. James Kramme apareceu aflito no corredor, olhando para sua porta arrombada e viu quando o homem entrou no banheiro com a expressão de horror. À medida que se aproximava da porta podia ver Yeva submersa na água da banheira. As mãos submergiam. Estava sem vida. *“Não, de novo não. Isso não pode estar*

acontecendo.”. O homem tirou a esposa com esforço da banheira e a colocou no chão de ladrilho. Ela estava toda ensopada.

— Eu sinto muito! Eu não sabia que ela iria fazer isso.

— Quanto tempo ela estava na banheira?

O senhor Kramme estava atordado, não conseguia ver Yeva no chão, mas sim sua namorada, com o rosto acinzentado, olhos esbugalhados e a boca cheia de espuma. Ele piscou os olhos como se quisesse apagar aquela lembrança de sua memória.

O homem se desesperou, tentou reanimá-la fazendo a respiração boca a boca e nada adiantou. Fez a segunda tentativa e mais uma vez não surtiu efeito. Reagiu para fazer a massagem torácica algumas vezes e colocou a sua boca na dela fazendo a respiração novamente. Repetiu o mesmo processo mais uma vez, até que ela tossiu expelindo água. Dessa vez tinha sido por um triz.

O coração do homem disparou de susto e alegria, enquanto o senhor Kramme continuava calado e custava a acreditar que pôde pensar mal um dia daquele sujeito quando na verdade era uma boa pessoa, provou ali na sua atitude de salvar a

esposa.

— Yeva, não faça mais isso. Não faça mais!
— implorou o homem com os olhos marejados.

— Estou morta! — Ela sussurrou ainda com o ar abatido. — Será que você não vê isso?

— Não fale bobagem, meu amor. Não diga mais nada — disse enquanto seus dedos passavam por entre os fios molhados dos cabelos dela.

— Morta! Morta! Por que não enxerga? — Ela forçou a voz tentando gritar, mas estava fraca e fora de si mesma. Seus olhos olhavam para o vazio...

— Não diga mais nada, Yeva! Está tudo bem! Já passou!

— Como você é ridículo! Você também está morto, seu fracote! — esbravejou com o olhar colérico e apontava em riste para o senhor Kramme parado no vão da porta do banheiro. — Você sabe disso. Todos nós morreremos! Morreremos! — Ela berrou.

James Kramme custava no que via naquela mulher no chão, não parecia a mesma que tinha conhecido há meia hora. Estava irreconhecível, transfigurada pela loucura e pelo ódio. Parecia estar possuída por uma entidade maligna, mas a loucura

vinha dela.

— Vão embora daqui! — gritou chorando. Seu rosto arroxeceu de fúria e por causa do berro seus braços giraram e a mão dela batia no rosto do marido. Ele precisou ter muita paciência para aguentar a súbita loucura da sua mulher. — Deixe-me morrer. Deixe-me ir embora daqui. Aqui é lugar de morto. Estamos todos mortos. Ninguém poderá sair daqui.

James Kramme ficou estático, como uma pedra, olhando para aquela figura falando coisas estranhas. Seu coração palpitava. A coisa toda ficou tensa demais para ele.

— A Morte nos impede de sair — dizia ela em voz alta. — É inútil fugir dela. Tento morrer, mas não consigo. Tu me impediu de morrer, seu maldito desgraçado. Por que ninguém me deixa morrer em paz? Quero ir embora daqui. Não aguento mais ouvir o berro do bebê. Quero tirá-lo de mim!

O senhor Kramme ficou assustado, ela estava ouvindo o berro do bebê durante a gestação. Ela estava alucinada. Ou será que teve a visão também, assim como a menina na rua? O bebê iria nascer prematuramente pouco antes da detonação nuclear?

PERIGOSAS NACIONAIS

Que maneira horrível de chegar ao mundo, nascer e logo depois morrer carbonizado. As pessoas da cidade estavam tendo visões. Primeiro foi o senhor Kramme, depois veio a menina, agora a mulher grávida... será que tinha mais alguém na cidade com a mesma visão que eles? Antes de fazer uma pergunta para Yeva, em busca de uma confirmação da sua suspeita calou-se ao ver o marido dela tirar do bolso uma seringa. Tirou a minúscula tampa que protegia a agulha e aplicou subitamente na coxa da mulher que soltou um grito animalesco.

— O que é isso?

— Tranquilizante — respondeu sem olhar para o senhor Kramme que estava tomado pela surpresa e perplexidade.

O homem colocou a cabeça da esposa no seu colo e começou a cantalar baixinho enquanto balançava seu corpo de um lado para o outro. Yeva fechou os olhos, pouco a pouco, e logo em seguida adormeceu. Assim que percebeu que a esposa pregou os olhos parou de cantalar e olhou para o senhor Kramme na porta do banheiro sem dizer uma palavra. Seus olhos ficaram avermelhados. Havia tristeza neles.

O homem carregou a mulher pelos braços e o

PERIGOSAS ACHERON

senhor Kramme fez questão de acompanhá-lo até o apartamento do prédio verde. As pessoas na rua olhavam com curiosidade para a mulher nos braços do homem tentando adivinhar o que tinha acontecido com ela, mas o marido da Yeva não se importou com os olhares curiosos das pessoas na rua, apenas pensava no bem-estar de sua mulher. Ela ainda dormia tranquilamente.

O senhor Kramme, com a chave que recebeu do marido, abriu a porta do saguão e eles subiram pela escada. Não havia elevador neste prédio. A subida foi cansativa, mas chegaram até a porta do apartamento. Abriu e entraram pela sala pequena e decorada, porém simples. O marido a levou para o quarto onde a sua roupa foi trocada e enquanto isso o senhor Kramme sentou no sofá olhando para a televisão a sua frente que estava desligada.

Ao lado do sofá havia um controle remoto, pegou e ligou, não havia nada, apenas o de sempre: imagem estática. E dali ficou observando, esperando ver qualquer imagem surgir, mas nada apareceu, então desligou e continuou sentado olhando para a janela, silenciosamente.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 19

Harlon Kadan olhava por um tempo para sua esposa Yeva deitada na cama, sob o cobertor que cobria até os seus ombros. O cabelo dela foi secado, e a roupa trocada, tinha feito tudo sozinho enquanto ela estava dormindo sob o efeito do calmante. A mão grande e forte deslizou delicadamente no rosto suave dela, depois passou o dedo em seus lábios. Parecia serena e tranquila com a barriga virada para cima. Harlon sorria ternamente, mas seus olhos se entristeceram, apesar da sua aparência rude era uma alma caridosa e sensível. Amava sua mulher, apesar das loucuras dela. Depois de ficar olhando pra ela por algum momento se lembrou que havia um homem de bengala na sala. Como a sua camisa estava enchardada resolveu trocar por uma na cor vermelha que combinava com a cor da sua pele. Ele saiu do quarto, apagou a luz e atravessou o pequeno corredor que seguia até a sala onde o senhor Kramme estava sentado no sofá.

— Eu realmente sinto muito por ter feito

aquilo com você — James falou assim que viu o marido de sua ex-aluna entrar na sala, quebrando o silêncio no ambiente. — Eu não queria que isso tivesse acontecido.

— Está tudo bem! — respondeu com o semblante mais dócil e que o senhor Kramme ainda não conhecia. Não parecia ser o mesmo homem rude e indelicado que viu antes, na rua, à tarde. — O importante é que ela está bem agora. Examinei o bebê que também está bem.

— Como pode ter certeza? Não é melhor levá-la ao hospital para se certificar?

— Nem é preciso, sou obstetra. Não fosse por mim a vida do bebê não teria durado por muito tempo. Zelo muito por ele, é um menino.

— Eu realmente me sinto constrangido pela situação delicada que trouxe a você e sua esposa. Não foi a minha intenção.

— Senhor Kramme, eu já lhe disse. Está tudo bem. A propósito, meu nome é Harlon — falou esticando o braço para ele.

— Prazer, Harlon — falou apertando a mão de volta. — Sou James Kramme.

— Eu sei! Um dos meus amigos viu que você estava levando a minha mulher para o seu

PERIGOSAS NACIONAIS

apartamento e disse que conhecia você.

— É mesmo? Quem é esse amigo?

— Liam Michow.

— Oh, sim! Aquele vizinho. O gordo. Bom sujeito aquele.

— Desculpe por invadir seu apartamento, mas fiz na melhor intenção para salvar minha mulher. A sorte é que uma mulher estava saindo do prédio e então aproveitei pra entrar no prédio.

— Ah, tá explicado. Eu pensei em todas as possibilidades para você conseguir entrar em meu prédio, menos nessa. Então o Liam, ele sabe sobre a sua esposa?

— Sabe! Ele a conhece.

— Espero um dia poder visitá-lo para agradecer por ter impedido uma tragédia — mentiu, já que não teria tempo devido à tragédia que iria ocorrer nas próximas horas, mas não podia comentar com ele. Sentia-se inseguro e não sabia se podia confiar nele, pois se a sua mulher que teve a visão fez o que pôde para alertá-lo não conseguiu e ainda recebeu uma injeção, o mesmo poderia acontecer com ele se contasse que a cidade será dizimada por uma bomba nuclear. Quem iria acreditar?

PERIGOSAS ACHERON

— Sugiro que dê para ele uma garrafa de vinho suave — falou sentado na poltrona ao lado do sofá. — Ele gosta de vinho de boa qualidade.

— Está certo, vou seguir sua sugestão. Então, posso saber quando começou a loucura dela?

— Se me recordo bem foi semana passada. Foi assim, de repente. Ela estava bem, animada, mas de uma hora para a outra não era mais a mesma.

— Tem alguma ideia sobre como aconteceu?

— Levei-a para o hospital e foi diagnosticada com depressão pré-parto. Por isso que eu tirei licença para ficar com ela. Ultimamente ela tinha piorado a cada dia.

— Ela não toma medicamento?

— Não, não podia permitir que ela tomasse antidepressivo. É prejudicial ao bebê. Poderia sofrer dano cerebral. Não posso permitir isso. Por isso que tirei licença para cuidar dela até o nascimento do nosso filho.

— Sinto muito! Se eu soubesse disso jamais teria tirado ela de você. Eu pensei que ela estava sofrendo maus tratos.

— Você não sabia disso, apenas isso. Mas agora já sabe. Não se culpe, mas também deve se

PERIGOSAS NACIONAIS

lembrar de que nunca devemos julgar uma pessoa só pela aparência.

— Sou obrigado a admitir que você está corretíssimo. Enganei-me e peço desculpa por isso.

— Fica tranquilo! Então, senhor Kramme, você bebe cerveja?

— Não, obrigado! Quem sabe em outra ocasião.

— Certo! Sem problema, então. Agora que estamos aqui para nos conhecermos melhor que tal contar um pouco sobre você. O que faz na vida?

— Sou professor de artes, mas estou afastado por recomendação médica. Por um bom tempo.

— Você está doente?

— Não muito, estou bem, só tive um problema, mas é coisa que prefiro não tocar no assunto.

— Sem problema.

— Então, eu tenho ficado muito no apartamento para fazer pintura em quadros.

— Que legal! Acho pintar quadro muito relaxante. Não sei fazer, sou um desastre. Mas em compensação tenho mãos para salvar vidas.

— Isso é verdade! Cada pessoa tem um dom.

— É casado?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Divorciado e recentemente perdi uma namorada. Resumindo, estou completamente sozinho.

— Sinto muito!

— Obrigado! Mas já estou ciente de que isso faz parte da vida. Eu tenho feito... —calou-se de repente quando viu algo estranho em torno do Harlon, na sala. Ela estava sendo carcomida numa velocidade impressionante. As paredes, o teto, tudo se transformava assustadoramente, a visão voltou, para a sua infelicidade, pois iria passar mais uma vez pelo tormento.

Harlon estava sentado na poltrona, porém não estava mais vivo. Seu corpo era apenas esqueleto, totalmente carbonizado. James Kramme piscou os olhos, olhou para o lado e viu as chamas lá fora. O céu estava tingido de laranja, a cor do fogo. Havia também fumaça por toda a parte. E o cheiro de morte dançava no ar. Podia ouvir o fogo crispar incessantemente. Sentiu o prédio balançar, parecia que iria desabar a qualquer momento. Um pedaço do teto despencou. Ele pouco se mexeu, estava horrorizado demais para levantar-se. A mão apertava a sua coxa. A outra apertava a cabeça do lobo da bengala. As veias da jugular pulsavam.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Então ouviu os passos de alguém do outro lado, virou o rosto e viu a mulher. Era Yeva. Ela estava toda imunda, coberta do pó cinza, seus cabelos estavam caídos e na parte de cima totalmente nua. Ela não tirava os olhos dele.

— Por que você não acreditou em mim? Todos nós morreremos. A Morte está dançando para nós.

O senhor Kramme não disse nada, estava sem voz e começou a tremer. Olhou para os braços dela que segurava algo. O seu coração comprimiu fortemente ao perceber que se tratava de um bebê por baixo do manto sujo. Podia ver sua mão. E havia três dedos que mexiam fracamente. Tinha perdido dois dedos. “*Coitadinho! Tão pequeno e indefeso em um mundo destuído.*”, pensou enquanto ouvia o choro do bebê. O prédio tremeu novamente. Mais pedaços de teto caíram entre ele e a mulher com o bebê.

As fumaças dos destroços subiram e a sujeira entrou nos seus olhos, abaixou a cabeça depois de esfregar os olhos, em seguida olhou para a mulher e o bebê só que não estavam mais ali. A sala voltou a ser como antes. E Haldon olhava preocupado para o senhor Kramme.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você está bem, senhor Kramme?

— Desculpe!

— Você ficou fora de si por alguns minutos. Parecia ter entrado em um estado de transe.

— Ah, sim! Eu estou bem, apenas tive um devaneio. Estava me lembrando de uma coisa. Lá no meu apartamento, a sua esposa falou coisas estranhas e eu fiquei meio que impressionado, sabe? Sua esposa diz que todos nós morreremos.

— Sim, ela disse. Por quê?

— Não sei, mas eu acho muito curioso pelo fato de estar acontecendo muitas coisas estranhas aqui na cidade, você não vê? O telefone está mudo, como você mesmo me falou. A televisão... não pega em nenhum canal. Isso é um presságio.

— Não me diga que você acreditou nela?

— Claro que não, mas ela falou muitas coisas que me deixou assustado um pouco, parecia que ela tinha uma premonição, aí uma coisa levou a outra.

— Harlon soltou uma risada leve.

— Visão no futuro? Ora essa, você realmente acredita nessa bobagem?

— Não, não acredito. Mas às vezes nós nos deparamos com certas coisas que fogem da nossa compreensão.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Bom isso é bem verdade, mas tem uma explicação para isso. No telefone e na televisão deve ser alguma falha técnica, não há nada de sobrenatural nisso. Eu não acredito nessa história da existência do céu e do inferno. Anjos e demônios. Deus. Diabo. Seja mais o que for, eu não acredito em nada disso.

— No que você acredita?

— Na ciência. É ela que salva a vida e não a fé. Obviamente que a fé ajuda em alguns casos, mas não salva vidas. Por isso o mundo precisa de médicos, bombeiros, policiais, aqueles seres reais que podem proteger e salvar as vidas das pessoas. Agora, convenhamos, pedir ao Papai do Céu para proteger alguma coisa... isso é muito surreal. Isso é pura credence criada pela igreja com o propósito de assustar as pessoas e controlá-las. Os pastores sabem disso e usam a religião para arrancar o dinheiro suado dos moradores. O tal dízimo. Pura enganação. Mais do que isso, é malandragem da pior espécie.

— Admiro seu ponto de vista, eu também penso nisso, mas ultimamente a coisa está muito estranha e começo a ter fé nessa questão toda.

— Como assim?

PERIGOSAS ACHERON

— Eu posso dizer que tive um sonho muito nítido, muito real mesmo... que a cidade será detonada pela bomba nuclear! Eu me senti como se fosse realmente um aviso, uma espécie de... premonição. Agora vem a sua esposa e diz que todos nós morreremos. O que acha disso tudo?

— Em primeiro lugar, sonho é sonho. Nada disso é real. Segundo, qual é a possibilidade de, uma cidade como a nossa, ser destruída por uma bomba nuclear? Vamos supor o seguinte: por que a nossa cidade seria destruída? Por que iriam lançar uma bomba bem em cima de nós? Não temos inimigos, nem conflitos religiosos, nem nada. Então por que iriam destruir a nossa cidade? Qual é a razão disso?

— Eu tenho pensado muito nisso ultimamente.

— Senhor Kramme, você está preocupado com isso à toa. Não vai acontecer nada. Tu vai ver.

— Espero que sim! Realmente espero muito que você esteja certo. Eu não sei por que eu falei essa bobagem. Sinto-me um tolo.

— Deixa de bobagem. Tudo vai ficar bem. Até amanhã você verá que nada disso aconteceu. Que nós vamos continuar com a nossa vida pela

frente.

O senhor Kramme ficou em silêncio olhando para Harlon sorrir tranquilamente para ele, mas fechou o semblante ao ter ficado intrigado com algumas coisas que ouviu.

— Espere aí... como você sabe que até amanhã nada disso terá acontecido? Eu não disse que seria hoje à meia-noite que a cidade seria detonada. Como você sabe disso? — Harlon calou-se de repente. — Por que disse isso?

Harlon parecia arrepende-se de ter dito algo, preferia ter ficado quieto, mas não, deixou algumas palavras escaparem de sua boca sem pensar em nada. Agora era tarde demais para corrigir o seu lapso.

— Você também viu alguma coisa, não é, Harlon?

— Olha, eu estou muito cansado.

— Harlon...

— Tenho que dormir mais cedo.

— Por favor...

— Vá para casa!

— Por que está fingindo que nada disso vai acontecer?

Harlon não disse nada, apenas levantou-se

com o semblante triste. O senhor Kramme levantou-se, sem tirar os olhos dele, sabia que estava escondendo algo. A luz da sala começou a piscar. Harlon olhou para a lâmpada do teto, sem piscar os olhos. Parecia que agia como se nada acontecesse.

— Ouça-me, é importante que você e sua esposa saiam da cidade. Apenas isso. Vocês têm chance de sobreviver.

— Nada disso vai acontecer.

— Por que está negando depois do que viu? Você sabe que hoje à meia-noite a cidade vai ser destruída? Sabe, não é?

A feição dócil do Harlon se transformou em uma figura animalesca, a mão agarrou o colarinho do senhor Kramme e o colocou na parede, quase erguendo-o do solo que deixou a bengala cair no chão. A luz piscava no seu rosto assustado.

— Escute aqui! — disse com a voz firme. — Vê se nos deixa em paz! Nada disso vai acontecer, entendeu?

— Eu não entendo, por que quer ficar aqui? — perguntou sentindo o colarinho apertando o seu pescoço. — Se sabe que vai morrer hoje, então salvou sua mulher em vão. — Harlon ficou em

silêncio por alguns segundos, olhando nos olhos dele, até que as lágrimas brotaram nos seus olhos.

— Não, isso é diferente — respondeu com a voz rouca e triste. A dor dilacerava a sua alma. — Se ela tirar a própria vida irá para o inferno. E eu não quero perdê-la. Nem o meu filho. Recebi um chamado para protegê-la e salvar a alma dela antes de partirmos para o outro lado. Ela me deu uma chance de aproveitar as minhas horas, James Kramme! Para ficar com a minha esposa e o meu filho.

— A Morte?

— Seja lá o que é aquela coisa, mas eu devo agradecê-la pela oportunidade. Quero aproveitar ao máximo o momento ao lado da minha mulher. Quero usufruir todo o meu amor por ela e levá-la junto para outro lugar. Entende por que estou fazendo isso?

— Entendo, mas não... se quer sobreviver e ter uma vida longa pela frente com a sua família, por que não sai daqui dessa cidade?

— Não será possível sair. Ela irá nos buscar de qualquer maneira.

— Desafie-a. Lute com ela em nome de sua família.

— É inútil! Não vou lutar por algo que não pode ser evitado, mas eu posso ficar junto da minha família. Eu, meu amor e meu filho. É a única coisa que me deixa muito feliz. Espero que você compreenda. Você também vai morrer. Você sabe que não podemos fugir do que a morte nos reservou para hoje. Temos que encará-la e aceitar.

— Não vou aceitar isso! Isso é um grande erro. Um grande erro.

Harlon o largou, deixando-o totalmente desorientado, pegou a bengala e deu para o senhor Kramme.

— Faça o que quiser senhor Kramme, mas eu já estou pronto para o que der e vier. Não temerei mais a morte, pois sei que meu espírito permanecerá sempre vivo ao lado da minha família. E desejo o mesmo para o senhor, para a aceitação do seu destino final.

O senhor Kramme não emitiu mais uma palavra, se sentia contrariado por deixar que ele e a família ficassem no prédio enquanto as horas da morte se aproximavam. Era inadmissível, seguiu em direção à porta, abriu e olhou para Harlon.

— A escolha é sua, Harlon! Desejo que tenha paz para você e sua família.

Harlon acenou levemente a cabeça com um singelo sorriso. Era o que mais precisava. A paz.

CAPÍTULO 20

A cabeça estava entontecida. Era isso que James Kramme sentia ao sair do prédio verde. Custava a acreditar que o Harlon sabia de tudo, desde o começo, o que estava por vir e se mantinha sereno daquele jeito diante da contagem regressiva. Ele fingia que nada iria acontecer e acreditava que amanhã seria um dia qualquer, mas estava fingindo. Ele tinha medo, mas não demonstrava. Pelo seu orgulho. Mas o senhor Kramme não.

James Kramme tinha medo, não havia como fingir. Não estava pronto para morrer. Não agora. Não esta noite. Estava na hora de pensar em si mesmo. Já tinha feito de tudo para alertar as pessoas que conhecia. Já tinha dado o recado para a sua ex-mulher, para o seu amigo de um olho só, mas foi inútil, nenhum dos dois acreditou nele. Por mais que desejasse o bem de todos, não podia fazer mais nada por eles. A sua redenção já estava feita, tinha conseguido o perdão, mas mesmo assim sentia algo faltando em si, a leveza da consciência.

O estado de espírito do senhor Kramme ainda

não estava livre dos pecados. Não seria culpa dele pretender deixar a cidade enquanto os outros irão morrer? Não, ele não poderia se sentir culpado, sabia que as pessoas da cidade tinham a noção de estarem predestinadas a morrer, e se desejassem viver bastava arrumar as coisas e cair fora dali. Mas não, preferiam permanecer onde estavam, algo os prendia. Mas por quê?

Não queria mais perder tempo vagando pela cidade ou parado no apartamento tomando uísque. Não, ele não queria nada disso. O tempo passava. Era hora de cair fora da cidade. Não poderia arriscar-se ficando. Mesmo sendo alertado pela Morte, não se importava. Se pudesse a enfrentaria mais uma vez, vencendo ou não. Não podia mais esperar ela chegar e levar a sua alma, tinha que agir de alguma forma. A sua vida tinha grande valia para ele. Era agir ou ficar de braços cruzados. James Kramme optou pela primeira opção.

Começou a caminhar pela calçada e tinha poucas pessoas lá fora, todas olhavam para os postes da rua, porque as luzes piscavam. As pessoas pareciam indiferentes a esse estranho evento, sem terem a mínima ideia do que estava por vir. Ou será que sabem, assim como Harlon, mas

preferiam agir normalmente como se nada acontecesse até uma bomba nuclear devastar tudo e levar suas almas para além da Terra? Tal pensamento nefasto o deixava aterrorizado. Começou a imaginar onde estaria a bomba. Independente de qual maneira seria ativada, o importante é que seria detonada. Tudo que aconteceu naquele dia era um sinal. Real. E a contagem estava passando.

Pegou o relógio de bolso. Faltava quatro horas para a detonação nuclear. “*Meu Deus! Como o tempo passa rápido e fiz tão poucas coisas hoje.*”, pensou. As luzes das ruas piscavam, até parecia um espetáculo. À medida que ele seguia em frente, as pessoas e os movimentos dos veículos desapareciam, pouco a pouco, até ficar sozinho. Onde estariam as pessoas nas ruas? Provavelmente saíram correndo assustadas por conta desse estranho evento, exceto ele. Até os veículos sumiram. Parecia agora uma cidade desertada. No final da rua viu algo que chamou a sua atenção.

Surgiu a Morte, em sua forma sempre translúcida e negra, flutuando sobre a rua carregando uma grande foice. O capuz cobria ainda a sua cabeça, ocultando completamente seu rosto.

O seu corpo, coberto por um imenso manto preto, totalmente esvaçalhado, estava colocado para trás pelo vento que a envolvia. Havia um silêncio naquele lugar. Nenhuma voz humana. Nem o ronco dos veículos, exceto o vento da morte.

James Kramme ficou com medo, mas não estava disposto a acovardar-se diante da figura da morte. Precisava enfrentá-la. Precisava ganhar uma chance de viver e junto com ele a sobrevivência da sua amada cidade. Tinha que tentar a qualquer custo. Não havia nada a perder. O tempo estava esgotando. Enfrentar a morte era a sua única alternativa, saiu da calçada e seguiu pela rua em direção oposta à Morte. Estava disposto a enfrentá-la cara a cara. Seus olhos pestanejaram. A Morte parou diante dele. Era maior do que aparentava ser diante de um homem miúdo. Era assustador demais se deparar ao tamanho daquela criatura, mas não podia ficar com medo.

— Por que a nossa cidade? Por que alguém destruiria a nossa cidade? — Ele perguntou em tom firme, embora com o ar assustado diante daquele ser que aumentava a sensação de horror cada vez que ficava parada.

— *James Kramme! Eu não posso dar*

PERIGOSAS NACIONAIS

respostas. Não cabe a mim esclarecer o mistério acerca da sua cidade.

— E eu não posso permitir que isso aconteça. Não comigo aqui. Não quero morrer. Nenhum de nós dessa cidade quer morrer.

— *Não cabe a mim o destino de cada um, James Kramme. Apenas venho aqui para colher as almas. Sou uma passagem que leva a uma nova vida além desse mundo.*

— Por que algumas pessoas não podem deixar a cidade já que estão cientes que haverá uma bomba nuclear aqui? Elas também tiveram visões.

— *As pessoas que estão predestinadas a deixar a existência desse mundo terreno terão as visões, e isso independe de como serão mostradas. Se será o futuro. O passado. O presente.*

— Diz uma coisa, sua criatura ossuda! Por que não podem deixá-las irem embora daqui? Por que estão prendendo-as?

A Morte, em sua forma ainda em expansão, tornando-se gigantescamente assombrosa olhava para baixo em direção ao homem com a sua bengala, ousadia e coragem. A sua voz tinha intensificado na mesma medida em que o seu corpo translúcido crescia.

PERIGOSAS ACHERON

— *Os vínculos das almas estão presos nessa cidade, James Kramme. Elas não poderiam sair do local de onde vivenciaram as suas felicidades. Estão apegadas demais a essa vida, é o destino delas.*

— Mas e eu? Eu não estou apegado a ela. Quero sair daqui. Não quero morrer.

— *A sua coragem é muito louvável, meu caro amigo. Mas você não conseguirá sair do limite dessa cidade. Aproveite as suas últimas horas aqui, James Kramme.*

— Você está enganada! Eu provarei que conseguirei sair daqui.

— *É inútil!*

— Isso é o que veremos!

— *Não ouse me enfrentar.*

— Eu não tenho medo de você! Se vou morrer pela bomba, então eu te enfrento até a minha morte.

— *Apenas faço como manda a regra da natureza. Você tem quatro horas, James.*

— Lute comigo! — Senhor James vociferou com a mão crispando na cabeça de lobo da bengala. Seus olhos estavam coléricos, estava mesmo disposto a enfrentá-la para conseguir uma

sobrevida.

— *Você é tolo! Ainda tem muito a aprender com a sua existência na Terra.*

— Enfrente-me, Morte estúpida!

— *Não perca seu tempo discutindo comigo, não é em mim que você vai encontrar as respostas das suas perguntas, e sim de você mesmo.*

— Já vi que você não vai fazer nada. É covarde! Uma inútil! Eu vou sair daqui e vou viver a minha vida. Nada vai me impedir. Nem você. Adeus, Morte!

A Morte a essa altura já tinha se tornado incrivelmente colossal, cujo seu corpo cobria a rua toda. Era assustadora. James Kramme sentia um incômodo ao vê-la naquele tamanho e com aquela foice gigante que tinha o mesmo tamanho de um prédio de dez andares. O rosto oculto da Morte aproximou em direção a um minúsculo James Kramme e então revelou-se um rosto em forma de caveira enevoadada que possuía um par de olhos grandes na cor prata. Era uma visão apavorante. James Kramme sentiu as suas pernas amolecerem pelo tamanho do pavor que sentia e ajoelhou pela falta de força e de coragem. Não teria como enfrentar aquele ser enorme .

— *Diminua a sua teimosa comigo, James Kramme. Sua ameaça é o menor de todos os problemas. O seu destino já está traçado. Aqui é o seu destino final e não poderá mais sair dessa cidade. Aceite este fato. As suas horas estão contadas. Não perca seu tempo lutando contra mim.*

Então o senhor abaixou a cabeça com os olhos fitando o chão, a sua própria sombra. Como poderia ser estúpido e pensar que poderia enfrentar a figura tão temida? Não imaginava que fosse se deparar com aquele rosto que lhe causava uma sensação de desespero e medo.

Sentiu ela passar sobre ele, como se estivesse sendo abocanhado pela gigantesca nuvem negra. Logo depois ela o deixou para trás a medida que o seu tamanho diminuía até alcançar o seu tamanho normal. James Kramme balançava a cabeça. Não podia se dar por vencido. “*De jeito nenhum! Tenho que sair daqui! Agora!*”, pensou enquanto se levantava e olhou para trás. A Morte já não se encontrava mais ali. Foi para algum lugar. Talvez visitar a casa de alguém e dar um aviso assim tão gentil como aconteceu com ele. Ou talvez vigiar o local de modo a controlar toda a população para

PERIGOSAS NACIONAIS

que ninguém realmente saísse da cidade. As luzes dos postes cessaram de piscar.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 21

As mãos de Gerik batucavam sobre o volante do carro estacionado ao lado da casa dos pais da babá. Esperava ela voltar trazendo as suas coisas básicas, mas demorava demais. Olhou para o lado e viu seu filho brincando com o cubo mágico em suas mãos. Um gorro cobria a sua cabeça para aquecê-lo da friagem. Olhou para a rua deserta. Que estranho! Numa hora dessas seria comum haver pessoas passeando de carros, ou jovens vadiando. Mas não. Não havia uma alma viva ali. Nem o céu trazia a Lua, nem as estrelas. Era tudo negro com espessas nuvens. Havia um mau agouro no ar. Ele podia sentir.

Olhou para a casa dos pais da babá que estava com as luzes do andar inferior acesas, viu através das janelas cobertas por finas cortinas. Via a sombra de alguém ali, mas não podia identificar quem era. Ligou o rádio do carro, o som fez um chiado longo e agudo, então o menino largou o cubo mágico bruscamente fazendo cair no chão do

carro e rolar para baixo do assento. Em seguida tapou seus ouvidos e começou a balançar de frente para trás repetidas vezes, até que gritou assustado fazendo com que Gerik desligasse o rádio imediatamente, pois o berro de seu filho o fez sobressaltar.

— Calma, meu filho! Está tudo bem! — pediu colocando a mão sobre o seu ombro delicadamente. Temia que reagisse bruscamente, uma criança autista não gosta de ser tocada e muito menos de barulhos.

Gerik levou um bom tempo para conhecer melhor o seu filho, os seus medos, do que gosta ou não, suas comidas específicas, suas roupas preferidas, os brinquedos, sons... Para uma criança autista tudo tem que ser do agrado dela. Do contrário ela tende a sofrer um súbito ataque de choro e raiva por se sentir frustrada em não poder ter algo que deseja. Gerik levou um bom tempo entre acertos e erros para então acostumar-se com o seu hábito e gostos. Foi muito trabalhoso e sofrível, com muita luta e determinação para conquistar seu filho. Em algumas vezes conseguia, mas em outras perdia. A cada dia parecia viver em uma montanha-russa para acalmar seu filho, mas aprendeu com a

sua esposa que ao pegar uma lanterna e apertar o botão de ligar e desligar várias vezes o fato do fecho de luz acender e apagar repetidamente chamava a atenção do menino e fazia com que ele parasse de gritar e de se balançar, então foi o que ele fez.

Gerik sorriu, sabia que qualquer coisa que fosse atraente e diferente agradaria, mas sempre era um risco. Não sabia se um objeto diferente poderia assustá-lo ou agradar, só sabia que a lanterna era realmente o objeto favorito dele. No quarto dele tinha cinco diferentes. Gerik tinha deixado também uma no porta-luvas para as emergências como aquela. O menino segurava a lanterna com as duas mãos apertando diversas vezes o botão direcionando a luz ao rosto do pai. Ligava. Desligava. Ligava. Desligava.

— Por que ela está demorando tanto? — divagou Gerik olhando para as janelas iluminadas na frente da casa.

Olhou pelo retrovisor e a rua atrás estava deserta também, se sentiu um pouco assustado por estar em um lugar vazio e escuro. Temia a possibilidade de ser atacado por alguns marginais, tremia só de pensar nisso. Olhou para casa e viu o

rosto da babá quase colado à janela do carro, levou um grande susto e seu coração quase saiu pela boca.

— Oh, céus! Você quase me mata de susto.
— O rosto da babá estava iluminado pela luz da lanterna e viu que estava muito séria. Seus olhos estavam avermelhados, parecia ter chorado muito, aconteceu alguma coisa na casa. — O que aconteceu com você?

— Senhor Gerik, eu não poderei ir com vocês. Não posso deixar meus pais aqui. Preciso ficar com eles.

— Está tudo bem com os seus pais?

— Sim, eles estão bem.

— Então, posso saber o que aconteceu para você chorar?

— O senhor não entenderia.

— Tente! Quem sabe eu possa lhe ajudar em alguma coisa.

— Não, não pode. Não pode me ajudar por algo que não pode ser evitado.

— Do que está falando?

— Acho que o senhor já sabe. Por isso quer deixar essa cidade.

Gerik percebeu que alguma coisa aconteceu

mesmo na casa dos pais, alguma coisa que fez com que ela descobrisse sobre o que aconteceria à meia-noite. Será que ela ou os seus pais tiveram algum tipo de visão, como aconteceu com o seu amigo James Kramme? Ela chegou à casa dos pais animada para sair da cidade, mas agora estava diferente. Triste e sem ânimo.

— Escute querida, seja lá o que for, temos que sair daqui.

— Não vai adiantar.

— Como pode ter tanta certeza se nunca tentou?

— Já estamos todos condenados.

— Besteira! Seremos condenados se ficarmos aqui. Vamos, venha comigo. Ainda dá tempo de sair daqui.

— Não posso! Quero ficar com os meus pais. Queremos partir juntos.

— Eu não posso acreditar nisso. Isso é uma loucura! Eu imploro querida, venha comigo. O meu filho precisa de você.

— Seu filho há de concordar comigo, ele sabe que não adianta sair da cidade. Você está perdendo seu tempo, seria melhor você e seu filho ficarem em casa e aproveitarem as últimas horas de

vida.

— Desculpe querida! Eu não posso. Eu tenho que ver a minha esposa.

— Você não conseguirá achar sua esposa.

— Como assim? Eu não estou entendendo nada.

— Ela não está mais lá.

Gerik estava com um pressentimento de que alguma coisa aconteceu com a sua esposa, mas não sabia o que era e o porquê da babá dizer aquilo. Teve de repente uma súbita sensação de tristeza, olhou para o rosto apático da babá e viu que ela se afastava dele com um singelo sorriso. Ela ergueu a mão dando um leve aceno e em seguida virou de costas para ele seguindo em direção à casa dos pais.

O menino continuava brincando com a lanterna, mas quando Gerik olhou para o filho percebeu que ele não mais acendia e desligava a luz, e sim ela piscava sozinha. De repente as luzes dos postes começaram a piscar chamando a sua atenção. No final da rua surgia a Morte segurando sua foice e então ele comprovou que seu amigo tinha razão, ela era real, ela existe.

Ele ligou a ignição do carro, mas não pegava porque a eletricidade falhava devido à presença da

Morte que provocava todas essas interferências sempre que aparecia. Seus olhos arregalaram, estava apavorado, temia por sua vida e a do seu filho. Fechou os olhos e murmurou: “*Deus, ajude-me!*”. Girou a chave do carro mais uma vez, dessa vez o motor roncou, abriu os olhos com espanto, ficou feliz, pisou no acelerador e os pneus cantaram deixando rastros no asfalto. Em seguida girou o volante fazendo o carro dar uma volta brusca e seguir por outra rua deixando a Morte para trás até desaparecer de sua vista.

As mãos do Gerik suavam segurando fortemente o volante com a figura funesta em sua mente. Enquanto isso seu filho tinha voltado a brincar com a lanterna que agora direcionava a luz para o parabrisa alcançando o céu com densas nuvens. O carro seguia pela longa rua deserta e ele se perguntava onde estava todo mundo e por que as pessoas estavam em casa quando deveriam estar na rua.

— Isso está ficando cada vez mais estranho — disse Gerik para o seu filho. O menino não respondia nada, apenas brincava sem nenhuma noção sobre o que estava acontecendo agora. — Nós vamos sair dessa cidade. Vamos ficar bem!

Sim, vamos ficar bem. Vamos encontrar sua mãe e tudo ficará bem para nós.

— É inútil fugir! — disse uma voz de criança que vinha ao lado do Gerik, vinha do menino.

Olhou assustado imediatamente para o seu filho, ao mesmo tempo em que freava bruscamente o carro. Os dois corpos quase foram lançados para frente. Foi uma imprudência, mas a voz do filho o assustou, nunca falava com o pai, com a mãe ou a babá.

— Filho, o que você disse? — O menino não respondeu, apenas brincava com o de sempre. Parecia não haver nada de errado. — Foi você quem falou filho? Olhe para o seu pai.

O menino não reagiu, Gerik examinou cuidadosamente a sua feição, para ver se havia alguma coisa diferente, mas ele parecia a mesma criança de sempre. Gerik então desviou o olhar lá pra fora e percebeu algo estranho.

O carro tinha parado no meio da estrada na escuridão, como se estivesse parado em um mundo negro, exceto pelas luzes dos faróis e da lanterna. De repente todas as luzes acesas começaram a enfraquecer até que pouco a pouco o motor morreu e a escuridão tomou conta por completo.

PERIGOSAS NACIONAIS

Gerik não sabia mais em que lugar estava e nem tampouco fazia ideia para onde ir, ou em que direção deveria seguir. Tentou ligar o carro, mas não pegava mais. Estava perdido. Era inútil fugir da cidade, mesmo que corresse a pé não iria adiantar muito. De um jeito ou de outro já estavam marcados para morrerem à meia-noite.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 22

A locomotiva a vapor de cinco vagões se encontrava parada em uma plataforma na estação próxima a um bosque com suas lindas e exuberantes folhas outonais que exalavam um odor agradável de natureza. Ao lado da estação havia uma antiga casa com dois pavimentos, feita de tijolo, mas manchada com o passar do tempo que lhe dava uma aparência mais charmosa ainda. Na plataforma tinha poucos bancos de madeira com um grande telhado sustentado por oito vigas de madeira e o chão em cimento. Havia um relógio em forma circular na estação que marcava dez horas e cinquenta minutos da noite. Não havia nenhum movimento naquele lugar, estava completamente deserto até a chegada do James Kramme.

Ele custava a acreditar no que via, nenhuma alma viva. A locomotiva estava desativada, nenhum maquinista à vista ou funcionário no guichê. “*Não posso acreditar! Deveria estar aberta!*”, pensou ele. Andou mais alguns passos e

parou ao lado da locomotiva. Olhou para os lados, tudo vazio, apenas ele e o trem.

“Pense, James Kramme, pense bem o que deve fazer.”, pensou batucando o chão com a bengala. A preocupação se intensificou. Como poderá sair da cidade? *“É muita estupidez a minha ideia de vir aqui para pegar o trem. Deveria pegar o ônibus ou táxi para sair daqui. Estúpido! É isso que você é, um estúpido.”*.

Parou de batucar a bengala olhando para a locomotiva enquanto pensava há quanto tempo ela estaria ali parada. Por uma hora? A tarde toda? Ele não se recordava qual tinha sido a última vez que viu a locomotiva em funcionamento. Fazia tempo que não ia à estação. A última vez foi quando ele e sua ex-mulher viajaram para a cidade vizinha. Foi um passeio magnífico. Mas agora ela parecia estar completamente abandonada e menosprezada. O que realmente aconteceu com a estação de trem? A locomotiva não era movida pela eletricidade, mas sim a vapor. Então por que foi abandonada? E onde está todo mundo? Mais um fato estranho acontecendo naquele local.

Caminhou mais um pouco em direção ao banco vazio e sentou. Observou longamente os

vagões e se sentiu cansado, e solitário. Tinha andado muito para chegar àquela estação. Precisava sentar um pouco, sentia dor na perna manca. Pegou o relógio do bolso e viu que faltavam duas horas para a explosão. Nunca pensou que a proximidade de sua morte fosse ser muito assustadora para ele. Começou a acreditar no que a Morte havia lhe dito. Era inútil fugir dela.

Não tardou muito quando flocos de neve começaram a cair em seus ombros chamando a sua atenção. Surpreendido pela presença da neve olhou para cima. Não havia mais teto ali, tinha sido destruído. O imenso céu estava escuro, porém podia ver milhares de flocos de neve caindo diretamente na sua direção. Sentia frio intenso. Era lindo de ver os flocos dançando no ar. Brancos em fundo preto. Belo e onírico. Abaixou os olhos e viu a sua frente o cenário já tomado pela neve. Gélida e embranquecida. O trem estava enterrado pela fina camada e os vagões com suas madeiras caindo em pedaços e carcomidas. A visão que ele achava que nunca mais veria tinha voltado, levantou-se e saiu da estação caminhando ao lado da fila de vagões.

Examinava cuidadosamente aqueles vagões como se tentasse descobrir alguma coisa, estava em

busca de uma resposta, por menor que fosse. Mas no fundo sabia que a busca era desnecessária. Estava ali apenas para olhar, apreciar o cenário mórbido, mas ainda assim conseguia ver alguma beleza nele. Aquele isolamento do trem em meio à neve branca se identificava com ele. Colocou a mão sobre a superfície de madeira do vagão sentindo a sua textura. Áspera, seca e fraca que pressionando levemente a madeira se dissolveu por completo até não existir mais um vagão. Tristeza. Essa era a palavra que definia o que senhor Kramme sentia.

Um barulho do outro lado do vagão chamou a sua atenção, se deteve. Percebeu que não estava sozinho no local vazio e abandonado. Havia mais alguém. Podia ouvir os passos. “*Monstros!*”, lembrou-se da menina que disse ter visto três monstros horrendos com grandes olhos pretos e focinhos bizarros. “*Eles estão aqui!*”, pensou abaixando e olhando por baixo do vagão observando os pés de alguém do outro lado. Viu três pares de pernas com grandes botas de borrachas. Pareciam usar um macacão plastificado de cor verde. Não eram monstros, apenas humanos usando proteção antirradiação. Pelo menos era o que senhor Kramme pensava. Levantou-se e andou

mais um pouco para buscar melhor visibilidade daquelas pessoas do outro lado do vagão carcomido. Pelo espaço entre os vagões podia ver as pessoas com suas máscaras contra a radiação. Realmente eles pareciam monstros, exatamente como a menina disse.

Cada uma delas possuía pares de olhos circulares feitas de vidros escuros e o focinho bizarro que a menina falou na verdade era um filtro Nato NBC^[1] para respirar. O senhor Kramme ficou imóvel ali por um tempo, esperando ouvir alguma coisa deles, sobre a cidade ou a radiação, mas nenhuma palavra. Eles estavam examinando e procurando alguma coisa. Mas o quê? Podia ver um deles carregando um detector de radiação que emitia um som intensificado pela presença de radioatividade no local. A julgar pelo som emitido era bem preocupante, ou seja, havia resíduo de radiação espalhado por toda a parte.

Depois do som ouvido as três pessoas seguiram para outra direção, afastando-se da estação de trem. Podia observá-los caminhando para longe, por entre as árvores sem vida, todas carbonizadas com um aspecto bizarro e disforme. Temendo perdê-los de vista engachou por baixo do

vagão e foi para o outro lado. Podia vê-los sem ser visto. Atravessou silenciosamente pela floresta observando que eles seguiam para algum lugar específico. No caminho uma delas observou algo no chão, olhou por um momento e logo seguiu em frente. Quando senhor Kramme conseguiu chegar ao local que tinha algo no chão, então entendeu. Uma caveira de cabra enterrada na neve.

Continuou sua caminhada seguindo-os quando pisou em um fino graveto carbonizado fazendo barulho de estalar. Deteve-se olhando para as pessoas que pararam ao ouvirem o barulho e viraram de máscaras assustadoras para ele. James Kramme ficou quieto, assustado. Pareciam surpresos, mas olharam de um lado ao outro por um tempo, depois para os outros mascarados em silêncio e logo seguiram em frente. James Kramme estranhou a atitude deles.

Para entender por que foi ignorado apressou em continuar atrás deles, porém foi surpreendido por um bando de pessoas deformadas que gritavam com os braços queimados e cheios de bolhas agarrando o corpo do James Kramme. Ficou horrorizado, estava cercado por pessoas que pareciam com uma legião de zumbis surgindo tão

PERIGOSAS NACIONAIS

inexplicavelmente. Gemiam em uma súplica de socorro. Havia dores e sofrimentos neles. Todos pareciam mais aterrorizados do que assustadores e perdidos. Não sabia a quem pedir ajuda. Estavam abandonados e à mercê da sorte.

James Kramme fez o que pôde para mudar aquela situação, afastou as pessoas com a bengala e tentou atravessar por meio da correnteza de zumbis. Precisava sair dali de qualquer jeito, mesmo sendo agarrado, mas acabou que tentando fugir tropeçou e caiu no chão. Sentiu centenas de braços desfigurados o tateando, então gritou. Queria que tudo sumisse de uma vez por todas, então em meio ao seu grito de horror sentiu que não havia mais nenhuma daquelas criaturas medonhas ali.

Ergueu a cabeça e logo se viu completamente sozinho, de novo, no meio da floresta coberta de neve. Desapareceram. Não havia pegadas na neve. Levantou-se sentindo mal-estar. A cena das pessoas monstruosas, vítimas de uma explosão nuclear, o deixou completamente terrificado. Procurou pelas três pessoas com os seus macacões antirradiação, mas não os via mais. Ficou decepcionado por ter perdido a chance de encontrar a resposta através deles.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Olá, James Kramme — disse uma voz feminina que vinha de trás dele.

James Kramme não podia acreditar no que tinha acabado de ouvir. A voz... era muito familiar. “*Não! Não pode ser ela! Deus, não pode ser ela!*”, pensou sentindo o seu coração bater fortemente. Não acreditava que a voz fosse fruto da sua imaginação traiçoeira. Não poderia ser ela. Para certificar-se que era apenas um engano, olhou para trás. Lá estava ela, parada, olhando para ele. Svetlana estava bela e serena. Vestia calça jeans e um agasalho branco. Seus cabelos estavam soltos. Ela parecia real e viva.

— Olhe para mim, meu querido!

James chorou, achava que a voz vinha de sua cabeça, ou realmente estava ali, olhando para ele? “*Não, não pode ser verdade.*”. Estava com medo. Medo de que tudo não passasse de uma louca visão. Svetlana está morta, tinha certeza absoluta. Seus olhos fecharam na esperança de que isso passasse logo. Nada disso é real.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 23

James Kramme ainda ouvia os passos de Svetlana se aproximando. Seu coração batia acelerado. “*Ela está vindo!*”. Ele tentou conter o seu choro. Era doloroso demais lembrar-se dela. Por causa dela teve um colapso nervoso. Por causa dela a tristeza abateu sobre ele. Por causa dela a solidão o apoderou. Agora ela estava ali. Por que agora? Não conseguia abrir os olhos e ver a sua amada suicida. Seria um fantasma ou fruto da sua mente? Ele sentiu a mão dela pousando no seu ombro.

— Olhe para mim, meu amor!

Ele abriu os olhos. A sensação que sentia pelo toque dela era real. Palpável. Olhou para o lado, a única coisa que chamou sua atenção foram os seus olhos ternos e vivos. Ela estava viva. Linda, bela, mas triste, mesmo com aquele sorriso.

— Svetlana! Você é real? — Ela sorriu serenamente. — Por que estou te vendo agora? Estarei ficando louco?

— Não, James! — disse com a mão tocando no rosto dele, enquanto que o rosto dela parecia

iluminado, havia algo de anjo nela. Mas não pode ser! Ela se matou! Pessoa suicida não vira anjo. Pessoa que tira a própria vida vai para um lugar ruim como o inferno. Mas ela estava linda e angelical. — Estou aqui para dar a resposta que você procura.

— Você está morta!

— Eu sei meu amor! — Ela respondeu em tom sussurrante, parecia tão serena para quem cometeu um suicídio.

— Você me abandonou! — disse ele enquanto as lágrimas desciam do seu rosto.

— Não, eu não te abandonei, jamais ia deixar você. A minha morte foi inevitável. — Ela disse agora com as duas mãos no rosto dele demonstrando o seu amor e carinho.

— Por que você se matou, então? Eu fiz algo errado que te desagradei?

— Não, meu amor! Não fez nada errado comigo. E eu não me matei. — Ela enxugou as lágrimas dele com os dedos polegares, delicadamente.

— Mas eu vi você na banheira. Você tomou veneno de rato.

— Fui obrigada a tomar, James Kramme. —

Ela disse com os seus olhos tristonhos. — Eles me assassinaram.

James Kramme ficou chocado. “*Obrigada a tomar veneno? Foi assassinada? Mas como assim assassinada?*”. A sua mente retrocedeu àquela noite em que ele chegou ao apartamento depois do trabalho, procurou por ela, chamou, e nada. Pensou que ela tinha saído, mas a mesa estava arrumada, com dois pratos, duas taças de cristais, e uma garrafa de vinho. Procurou por ela no quarto e depois foi ao banheiro, e foi ali que a viu já morta, sem brilho de vida nos olhos.

— Não acredito em você! Por que alguém iria te matar?

— Há uma coisa que eu preciso dizer James. Algo que me arrependo por meu ato. Não fui boa com você.

— O que você fez para se arrepender?

— Eu me envolvi com outro homem. Eu o conheci no bar em que trabalhava.

Ele olhou para ela em silêncio. Não estava surpreso e nem tampouco teve uma reação como qualquer um reagiria ao saber da traição, manteve-se impassível.

— Eu sei! — disse em tom tranquilo. — Eu

PERIGOSAS NACIONAIS

sempre soube disso, mas eu tinha esperança que você voltasse a me amar.

— Por isso eu me arrependo do meu ato. Você sabia que eu tinha um caso e mesmo assim manteve isso em segredo. Por quê? Por que não me disse nada?

— Porque eu te amo demais e não suportaria perdê-la. No começo eu fiquei com raiva de você, mas depois eu percebi que o erro foi meu por não ter dado todo o meu amor de forma suficiente para você.

— James, você é um homem bom, isso se nota com muita facilidade. Eu sei que você lutou por mim, mas no fundo, lá no fundo mesmo, você sempre amou a sua ex-mulher.

— Isso não é verdade!

— Eu pude perceber o que você ainda sentia por ela. Sabia que eu não poderia me igualar a ela, por isso que eu conheci outro homem. Pretendia te deixar e ficar com ele, porque queria que você voltasse para ela. É ela quem ainda pertence ao seu coração. Não posso lutar com isso. Ela foi a mulher da sua vida.

— Não posso negar isso. Sim, eu ainda a amo, mas amo vocês duas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim, meu amor, mas a verdade é que o seu amor é verdadeiro por ela e não por mim. Não fosse pelo o que vi naquela noite em que morri teria falado sobre isso e te deixado, mas o destino tinha outro plano para mim. Eles me procuraram e me mataram.

— Quem matou você?

— O meu amante. Aquele que conheci no bar.

— O quê?

— Eu fiquei muito feliz que você não o tenha procurado. Ele era um homem perigoso, James Kramme. Ele e os amigos poderiam matar você. Descobri que eram terroristas.

— Terroristas?

— Eu fui morta porque descobri que eles planejavam detonar a bomba nuclear na nossa cidade.

— Mas por quê?

— Não sei ao certo, só captei algumas conversas deles na casa do meu amante. Eu estava dormindo quando ouvi alguém chegando. Pela janela eu vi três homens que não conheço, pareciam estranhos, agiam como se tentassem evitar qualquer contato. Quando todos foram para a cozinha, eu

PERIGOSAS ACHERON

desci para dar alô aos amigos dele, mas no meio do caminho eu pude ouvi-los falar sobre quando iria ocorrer e que eles iriam embora assim que a bomba fosse ativada. Pela conversa que ouvi, disseram que foram pagos para fazer o tal serviço. Acho que era alguém do governo. Não sei se era nosso governo ou de fora. Para ter aquela bomba, alguém planejou muito bem e era alguém de cima, do alto escalão. Um deles tentou desistir, mas foi ameaçado de morte. Depois de ouvir tudo, eu saí da casa, mas não imaginei que fosse ser pega pela câmera de segurança instalada lá, escondida. Ele me disse isso quando foram me encontrar no seu apartamento, disse também que ficou decepcionado por eu ter descoberto o plano dele.

James não dizia nada, apenas olhava pesaroso para ela enquanto relatava o seu último momento de vida.

— Eu estava esperando você chegar e contar tudo o que vi e ouvi, mas...

— Eles chegaram primeiro.

— Sim! — Ela respondeu com a voz rouca tomada pelo sentimento da tristeza. Seus olhos encheram de lágrimas pela lembrança dolorosa. — Eles me pediram para eu me despir e tomar o

veneno. Ou matariam você e a minha família. Eu não tive escolha, James Kramme. Eu pensei que fazendo o que me pediam saíam de lá e eu poderia ir direto para o pronto-socorro. Mas eles ficaram lá, esperando o veneno surtir efeito. Não tive chance de lutar pela minha vida. Havia três deles lá. Temia que você chegasse, poderia ser morto também!

— Sinto muito! Eu nunca imaginei que você tivesse passado por tudo isso, por todo esse sofrimento.

— Essa é a verdade, James. Tive a infelicidade de conhecer um homem sem saber que era terrorista e que foi responsável pela detonação nuclear na nossa cidade.

— Como assim ele foi responsável? Por que está dizendo isso como se a cidade tivesse sido destruída?

— É porque ela se foi, James. A nossa cidade foi destruída há trinta anos. A bomba nuclear destruiu totalmente. Você está morto. A população toda está morta. — Ele a olhou com incredulidade. *“Morto? População morta? Trinta anos atrás? Impossível!”*.

— Você não pode está falando sério?! — questionou enquanto se afastava. Ainda não

acreditava nisso.

Ela olhou consternada para ele. Seus olhos transmitiam brilhos de tristeza. A sua voz trazia um tom pesaroso. Sempre soube disso. Desde a explosão. Tinha testemunhado, mesmo depois de sua morte.

— Quem dera que eu estivesse enganada, James. Mas aconteceu. E isso foi há trinta anos. Depois daquela explosão, poucos sobreviveram, e ainda tiveram suas saúdes debilitadas e nasceram algumas mutações. A visão que você tem não se trata do futuro, mas sim do passado. Você testemunhou aquela noite em que a bomba explodiu.

Ele permanecia calado. Estava em choque. James Kramme teve uma súbita lembrança que lhe assaltou. Era noite, pouco antes da meia-noite, ele terminava de pintar o quadro que retratava uma mulher na banheira, com a água na cor vermelha. Saiu do ateliê e foi para a sala. Pegou um pequeno pacote plastificado de balas vermelhas e começou a devorar uma por uma. Aproximou-se da janela e contemplou a beleza da cidade sob a noite estrelada e clara. Havia poucas pessoas, a maioria delas de casais de namorados passeando tranquilamente pela

rua, sob as luzes dos postes. Seus olhos captaram um estranho furgão estacionado. Teve um estranho pressentimento ao olhar para ele, mas o ignorou. Comeu mais uma bala vermelha. Pegou o relógio do bolso que marcava meia-noite. Era hora de dormir. Ele afastava-se da janela quando uma luz intensa clareou lá fora. Em uma fração de segundos ele foi lançado pela colossal onda de vento quente que o incinerou completamente até ser carbonizado, assim como toda a sua sala, e todo o prédio.

— Não! — exclamou quase sem voz piscando os olhos. Tinha voltado à realidade. Teve uma visão terrificante. Suas mãos tremiam num misto de pavor e de tristeza.

— Você sempre soube disso, mas não queria acreditar. Essa é a verdade. — Ele perdeu as forças e se ajoelhou no chão de neve. As suas mãos afundaram na neve sentindo ela macia e fofa, porém gélida.

— A sua morte, assim como para outras pessoas, foi muita rápida. Tanto que o seu espírito e a população entraram em estado de choque. E todas as almas foram mantidas aqui seguindo suas vidas cotidianas sem dar conta que estão mortos. Aqui é uma cidade espiritual, a cidade pós-morte. Quando

uma alma presa a essa cidade descobre a verdade e aceita a morte, então é deixada daqui e ingressa a um lugar que todos chamam de Paraíso.

Ele não disse uma palavra sequer, tamanha a sua incredulidade. “*Morto? Eu estive morto o tempo todo?*”. As perguntas e respostas se misturaram na sua mente perturbada. “*A cidade não era mais real?*”. Sensação de tristeza e de choque ainda preenchia o seu ser. A cidade era apenas uma cidade-fantasma? A imagem estática não pegava em nenhum canal? O telefone mudo? Mudo porque deixou de existir na vida terrena. A cidade tinha sido desvinculada completamente com o mundo dos vivos depois daquela explosão que arrasou tudo.

A visão que viu da cidade em ruína era a verdadeira realidade e seu espírito esteve passeando no local. Em todos os locais destruídos, sem dar conta que era um fantasma vagando pela cidade, assim como as outras pessoas. A cidade dos espíritos, por mais real que pudesse parecer, era apenas uma lembrança do passado. Uma miragem. Uma ilusão para que as almas pudessem viver suas vidas como meros mortais, porém tinham vivenciado por três décadas sem perceber. Algumas

peessoas sabiam disso e mantinham em segredo. Se souberem e aceitarem a sua morte seriam levadas. Por isso que algumas desapareceram misteriosamente. Tinham deixado essa cidade pós-morte para outro lugar. A libertação. A redenção. A aceitação.

— Sinto muito, James.

O olhar do James estava vago, olhando para algo inexistente. Suas pupilas mexiam de um lado para o outro. Não mais piscava como costumava fazer quando ficava nervoso ou preocupado, apenas mexia tentando lutar contra a sua incredulidade. Seus olhos encheram de lágrimas, uma dor cortante atingiu seu coração. *“Eu estou morto! Morto há trinta anos.”*

Não enxergava mais o mundo como antes. Tudo mudou. O cenário frio e gélido se transfigurou em um mundo de vida depois da morte. Havia árvores vivas, com suas folhas balançantes pelo sopro outonal. O chão estava forrado de folhas secas e quebradiças. Sentia o vento em seu rosto. Olhou para suas próprias mãos tentando entender como pode uma alma parecer fisicamente real, como se estivesse ainda vivo? Sentia dor. Nas pernas por ter andado tanto na

cidade. O sabor da bala vermelha. Pode um espírito sentir tudo isso, mesmo depois de deixar o corpo físico? James Kramme nunca tinha pensado em nada disso, nunca foi um homem de acreditar que a vida continue depois da morte. Até agora.

Svetlana colocou a mão no ombro dele, tentando consolá-lo. Ela compreendia o que ele sentia naquele momento. A dor. A incompreensão. O choque. Tudo junto de uma vez só.

— James, eu gostaria de poder ficar mais aqui, mas não posso. O meu tempo aqui é limitado. Tenho que ir agora. Tenho que voltar para lá. A Morte me espera.

— Por favor, não vá embora.

— Passei aqui para te contar toda a verdade, essa que você tanto procurava. Queria saber por que eu morri, agora já sabe. Aproveite as suas últimas horas. Procure o seu amor. Fique com ela quando chegar o momento.

James colocou a sua mão na dela e sentiu como se ela estivesse evaporando. Olhou para o rosto dela que se transformou em uma figura translúcida e antes de desaparecer por completo ela disse.

— Não tenha medo, James. Não há lugar

mais lindo do que o Paraíso.

— Svetlana! — Ele chamou olhando para o vazio. Ela não se encontrava mais ali, nem ao seu redor. Estavam apenas ele e a floresta sob a noite.

CAPÍTULO 24

A caminhada era longa para James Kramme. Gastou trinta minutos de sua jornada em pé pela rua, desde a estação de trem até a rua principal da cidade. O seu pensamento ainda continuava desvairado, ainda custava acreditar que era um espírito vagante, e não mais um homem meramente mortal como acreditou na maior parte do tempo, nas três últimas décadas. Não recordava de nada que tivesse feito todo esse tempo. Parecia que tinha vivenciado poucas vezes sua vida, nada de grandiosidade, eloquência, ou algo que pudesse ser lembrado eternamente. Apenas vivia no apartamento desde que sofreu o colapso, pintava os quadros, que, aliás, apenas pintou um que era a representação da morte de Svetlana. Dia após dia, mês após mês, tudo seguia na mesma rotina de sempre.

Ele tinha vivido assim por três décadas sem se dar conta de que já estava morto, até que começou a ter visões que modificaram a sua vida quebrando a rotina que conhecia. E a visita surpresa da Morte para buscá-lo após cumprir as suas

últimas horas. Por três décadas estava vivendo em um limbo, porém em forma da cidade que nasceu e viveu, até a sua morte. Durante a sua caminhada divagou que a população também, que nem ele, não estava ciente de toda a verdade. Lembrou-se imediatamente da menina com a sua bola vermelha.

“Estou muito cansada. Todo dia é a mesma coisa. Queria sair daqui, mas não posso. Meus pais não querem sair da cidade, porque eles têm medo. Meus pais são medrosos. Mas eu não tenho medo. Eu quero conhecer novos lugares”. A menina sabia. Vivenciou tudo aqui por muito tempo até a visão do cogumelo gigante que tinha todos os dias, ela sabia o que realmente aconteceu.

“Sempre vejo isso todos os dias. Foi horrível, mas depois de ver várias vezes logo entendi que nada disso vai me machucar.”. Ela sempre soube que estava morta há muito tempo, por isso sabia que nada disso iria machucá-la, mesmo com as visões. A menina não podia deixar a cidade porque amava demais os pais que já estavam cientes de que também morreram.

Só que ninguém aceitou sua morte repentina e por isso continuaram a seguir suas rotinas. Não estavam prontos para irem a um novo mundo

habitado pelos espíritos. A menina já estava pronta havia tempo, aceitou a sua morte, mas não podia ir sem os pais e por três décadas continuou sendo como uma menina que perambulava na cidade toda até se deparar com homens vestindo macacões de antirradiação. Ela foi muito corajosa e teve muita paciência com a negação dos pais em relação as suas mortes. Precisava ter um suporte muito grande para segurar a emoção depois de tudo isso. Ela desejava que os pais aceitassem a nova condição logo para que todos pudessem ir para o mundo dos espíritos.

Ficou imaginando como seria o Paraíso. Seria muito diferente? Seria um mundo reinado pela paz e cercado de luz? Seria possível reencontrar familiares que já partiram desse mundo? Será que todos teriam um par de asas como anjos, devido as suas bondades e boas ações? Ou todos vestiam apenas roupas brancas simbolizando a cor da iluminação, da paz e da esperança? Ou continuavam a se vestir igual quando estavam vivos e viviam na Terra? Lembrou-se que no enterro os corpos masculinos eram vestidos com ternos e gravatas, será que era com essa roupa que chegavam do outro lado e permaneciam? E a

comida? Haveria lá pizza, hambúrguer, batata frita, e balas de guloseimas, como as suas balas vermelhas? Refrigerantes? Cervejas ou vinhos? Haveria casas? Cozinha? Seria possível dormir lá? E o banheiro para fazer as necessidades básicas? E o transporte? E as músicas de *rock & roll*? Ou será que teriam que ouvir somente músicas eruditas? Haveria igreja? “*Oh, céus!*”. Muitas perguntas salpicavam como grãos de milho estourando em sua mente inquietante. Deveria ser por isso que os pais da menina não tinham coragem de ir pra lá. Poderia não agradar se comparado com o que todos já estavam acostumados na vida terrena. Seria essa a razão da negação da morte? Negar o Paraíso ou o nome que tiver.

Estaria James Kramme preparado para conhecer o outro lado? E Deus? O Pai de todas as criações? Conheceria? Temia muito só de pensar Nele. Imaginava-o como um homem velho e gigantesco que faria com que ele se sentisse como um grão de arroz. Imaginava como uma figura de um Zeus, um ser mitológico grego. Todo poderoso com a sua voz como um trovão quando fosse contrariado e ofendido. Ou da sua força de amor capaz de fazer a alma explodir em centelhas de

luzes para espalhar no universo renascendo ali em forma de estrelas cintilantes. Temia Ele. Temia ser julgado e incompreendido.

Agora conseguia compreender por que ninguém nunca estava pronto para ir pra lá. Foi essa razão então que sempre houve muitos casos de aparições de fantasmas nas residências ao redor do mundo, por não deixarem este mundo. E esse tempo poderia levar um ano, cinco, décadas ou até mesmo séculos. Seria possível?

O senhor Kramme então finalizou a sua reflexão percebendo que a Morte aparecia para cumprir a sua função de fazer a alma se decidir em partir para o outro lado, independente de ser o Paraíso ou o Inferno, ou de deixar de existir para sempre no mundo terreno. Parecia uma escolha difícil, sem saber o que o destino iria reservar. Era como uma roleta russa, ser salvo ou ser morto. Enquanto na Terra dos mortais existia controle de natalidade e de mortalidade, no mundo dos mortos existia o controle de espíritos desencarnados. Não permitiria que houvesse o aumento desproporcional dos espíritos na Terra, porque poderia interferir no mundo dos mortais. Tudo tinha que ser mantido em controle. Será que era assim mesmo que a coisa

funcionava? Tentava entender como funcionavam exatamente. Tanto no mundo dos mortais, quanto dos espíritos, sempre existia uma burocracia para manter tudo em ordem. Até mesmo uma hierarquia entre os anjos. Tudo tem uma regra. Tudo tem controle. Não existe meio termo. Sem ela as coisas poderiam desandar e o mundo teria virado ao avesso.

E o mal? As faces demoníacas que tantos humanos falam e que temem? Seria possível que existissem? Por três décadas que viveu na Terra nada viu ou encontrou de demoníaco. Aqueles seres horrendos que ele viu na floresta não seriam demônios agoniados? Ou seriam apenas almas atormentadas, vítimas da explosão nuclear? Como poderia identificar uma alma que fosse realmente a personificação do mal? Pela aparência horrenda? Ou será que tudo não seria mera fábula para assustar os cristãos e obrigá-los a fazerem as coisas certas? Ou será que o mal não precisava ser exatamente em forma monstruosa? Olhos vermelhos. Boca com dentes pontiagudos. Chifres. Orelhas com pontas. Mãos com dedos em forma de garras. Pele vermelha. Ou negra. Ou branca como um fantasma oriental. O senhor Kramme lembrou-

PERIGOSAS NACIONAIS

se do Lúcifer, o anjo caído, que era belo, inteligente, porém rebelde e que não aceitava como a coisa funcionava a mando das regras de Deus. Seja lá o que fosse o senhor Kramme não desejava encontrar, sendo belo ou horrendo.

James Kramme parou de caminhar. As perguntas que enchiam o seu pensamento provocavam-lhe uma dor de cabeça e uma sensação grande de mal-estar. Olhou para a cidade vazia e viu que algumas janelas dos prédios estavam com as luzes acesas, e piscavam. O que estariam fazendo agora? Lendo livros? Conversando sobre assuntos cotidianos ou sobre a aceitação da morte? Enamorando? Dormindo? Jogando? Imaginava cada um das pessoas vivendo a sua vida pós-morte. Será que eles estão felizes vivendo assim, mesmo sabendo da sua morte? Ou estão tristes e vazios por não terem nenhum contato com os seus entes queridos e ainda vivos no mundo terreno? Talvez as duas coisas juntas.

Lembrou-se também de sua ex-mulher, será que sabia estar morta? Ou ainda não enxergou que o mundo não é mais o mesmo de antes da explosão? Pensou na conversa que teve com ela na Kafeteria esta tarde.

PERIGOSAS ACHERON

“Uma bobagem! Meu marido não tem mais falado comigo faz tempo. Havíamos brigado, só que... eu estou preocupada que ele faça a mesma coisa que você fez comigo. Ser abandonada novamente. Eu... eu não iria suportar passar por tudo isso de novo.”. O senhor Kramme matou a charada, o marido dela não a abandonou, estava vivo, já ela não.

“Meu Deus! Como sinto falta dele, nem me recordo mais da voz dele. Parece que passou tanto tempo que estou começando a esquecê-lo. Estranho, não é? Estou começando a achar que ele me abandonou.”. Ele começava a entender o que realmente acontecia. Ou seja, ela não estava ciente de que estava morta fazia tempo, assim como acontecia com ele próprio. Era hora de falar a verdade, ela precisava saber e colocar um fim no sofrimento. Ele voltou a caminhar na rua em direção a casa dela.

CAPÍTULO 25

A casa da Anna Garwolim era formosa. Não havia nada de suntuoso, nem tampouco estrambótico. Apenas era charmosa e confortável para viver, tinha dois andares, com varanda em frente ao jardim bem-cultivado. Ela amava as plantas. A luz da varanda estava acesa iluminando um pouco a área que era cercada pela murada de tijolos com aproximadamente um metro e pouco de altura, o suficiente para impedir a entrada dos animais furtivos, e das crianças bisbilhoteiras que procuravam esconder-se ali para as brincadeiras. No andar de cima uma das janelas estava com a luz acesa, deveria ser o quarto dela, poderia estar deitada lendo um livro de ficção ou romance. Essa movimentação era a que ela costumava fazer quando não podia ver TV.

James Kramme estava parado em frente da casa, olhava para a janela sabendo que ela estava lá, conhecia todos os seus hábitos. Mesmo que ela tivesse mudado com o passar do tempo algumas coisas nunca eram deixadas de lado. Olhou para o

PERIGOSAS ACHERON

relógio de bolso e viu que faltavam duas horas. O tempo era suficiente para uma longa conversa. Tocou a campainha e olhou para a janela. Viu a sombra por trás da cortina e percebeu que ela colocou um tipo de roupão. A cortina se abriu e seu rosto foi revelado. O senhor Kramme acenou para ela. A senhora Garwolim ficou surpresa pela visita, não imaginava que o veria novamente, ainda mais aquela noite. Ela sorriu. Não estava mais sozinha. Teria uma companhia aprazível. A solidão a incomodava. Saiu da janela e foi abrir a porta da varanda revelando estar de roupão vermelho, sua cor favorita, e depois foi em direção ao portão falar com ele.

— James! O que faz aqui a essa hora? — perguntou surpresa.

— Eu preciso falar com você. É muito importante — respondeu em tom sério.

— Está bem! Vamos entrar aqui está muito frio.

Os dois caminharam silenciosamente, lado a lado, até entrar na casa. Foram para a sala que era muito bem-decorada e trazia um ar aconchegante e quentinho. Os dois sentaram-se no mesmo sofá.

— Pode falar James! O que tem de tão

importante para falar comigo?

O senhor Kramme a olhava com certa preocupação, não sabia como falar sobre a verdade para ela. Não sabia como ela iria reagir, teria um grande choque, mas precisava contar tudo, de qualquer maneira.

— Minha princesa... acho que teremos uma conversa muito longa.

— Eu também queria te falar uma coisa muito importante! Eu fui ao seu apartamento hoje, mas você não estava lá. — Ele ficou surpreso. Por essa ele não esperava, ela o procurou, mas por quê?

— Procurou por mim? Quando foi isso?

— Há duas horas.

— Oh, sim! Eu estava no apartamento do Harlon.

— Quem é Harlon?

— Um sujeito que conheci há pouco, mas é uma longa história. Depois disso eu fui direito para a estação de trem.

— Suponho que você tentou ir embora, mas não conseguiu não é?

— Sim, está tudo vazio lá, mas eu entendi tudo. A visão que eu tenho...

— James, a visão que você me falou eu

acredito.

— Acredita?

— Sim, eu também tive uma. Quando eu fui à igreja vi uma cena horrível e a Nossa Senhora Aparecida apareceu ao meu lado, me confortando.

— A Mãe de Jesus? — perguntou surpreso.

— Sim, ela mesma. Depois daquela visão eu entendi tudo. Tudo que está acontecendo aqui.

— Então... você sabe o que isso quer dizer?

— Ela pegou a mão dele carinhosamente e com um terno sorriso.

— Sim, James. Eu sei! Nós morremos na explosão nuclear, somos espíritos agora. Por isso que eu fui te procurar, mas não te achei.

— Eu estava na floresta perto da estação de trem. Encontrei Svetlana. Ela me contou tudo.

— Como ela está?

— Está bem, havia paz nela e me revelou que não se matou, e sim foi obrigada a se matar pelos assassinos. Ela ouviu a conversa deles e tentou me avisar, mas eles apareceram no meu apartamento e obrigaram ingerir veneno. Ela não teve outra escolha. Anna, eles foram os responsáveis por plantarem a bomba nuclear na cidade.

— Meu Deus! Eu não imaginava isso. Sinto

PERIGOSAS NACIONAIS

muito que tenha acontecido uma coisa horrível a ela, James.

— Está tudo bem! Ela está bem! E me contou muita coisa sobre o que realmente aconteceu conosco e a cidade...

— É, James! É difícil acreditar que estamos vivendo como se fôssemos meros mortais, mas não somos.

— Anna, você sabia que estamos mortos há trinta anos? — Ela ficou surpresa.

— Não, isso eu não sabia. Nossa, passou tanto tempo assim? Não me pareceu!

— Eu também achei. Fiquei imaginando o que fizemos durante todo esse tempo. Eu não me recordo de nada.

— Eu também não faço ideia.

— Depois de refletir tudo eu entendi. O seu marido, ele não a abandonou. Ele está vivo. E você não.

— Eu sei! Descobri isso e fiquei feliz por ele estar bem, se é que está bem mesmo. Acredito que pelo tempo que passou já seja um senhor de idade. Não sei se ainda está vivo...

— Acredito que sim! Caso contrário teria te procurado, pelo menos é o que eu penso.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Demorei muito para entender tudo isso depois daquela visão que tive na igreja, por isso que ele não falava comigo pelo telefone. Não tem como, não é? Eu estou morta.

— Sim, por isso também que os canais de televisão estão fora do ar e o telefone mudo... estamos desconectados com o mundo dos vivos, mas tem algumas coisas que ainda funcionam aqui, só não sei a explicação. É como se estivéssemos em um mundo alternativo.

— É algo para pensar, isso foge da nossa compreensão. Mas logo descobriremos mais sobre tudo isso. Sabe, James, eu estou feliz que a morte não é apenas um fim, como eu imaginei o tempo todo. Ainda há vida depois da morte. Veja, estamos aqui. E isso é maravilhoso! Podemos continuar vivendo aqui.

— Não por muito tempo, Anna! A morte virá nos buscar e irá nos levar para o mundo que chamam de Paraíso. Se eu ficar aqui por muito tempo vou deixar de existir. Mas se eu for pra lá, meu espírito continuará existindo. Não podemos ficar nessa cidade por muito tempo depois de descobrir que estamos mortos. Temos que aceitar a nossa morte.

PERIGOSAS ACHERON

— E quanto às outras pessoas aqui?

— Vão descobrir mais cedo ou mais tarde. Ou talvez já saibam assim como a gente. Não estou certo disso, mas é bem provável que sim, pelo menos para algumas.

— Não sei se estou apta para ir pra lá. Será um lugar maravilhoso, ou não?

— Tenho pensado muito nisso durante a minha caminhada, mas acredito que sim. Não temos outra escolha. É ou ficar aqui e deixar de existir, ou partirmos pra lá e descobrirmos o que tem lá. É uma viagem só de ida, minha princesa. — Ela suspirou.

— Deixar de existir? O que realmente isso quer dizer? Quero dizer, vamos desaparecer por completo?

— Não, creio que não. Impossível para um espírito deixar de existir por ser algo imutável e indestrutível. Então eu fiquei pensando que o fato de deixar de existir seja na verdade a nossa identidade.

— Nossa identidade?

— Sim, o que eu quero dizer é que quanto mais ficarmos por aqui na Terra, mais perderemos a nossa identidade, memórias, origem,

personalidades, e iríamos nos tornar um espírito vagante, sem rumo, sem destino e desmemoriado. E o que acontece disso? Ficaríamos presos por toda a eternidade na Terra e também seríamos mais um caso de assombração para alguns mortais.

— Devo dizer que isso é bastante plausível. Faz sentido para mim.

— Tem que ser, não é? Só saberemos quando chegarmos a algum lugar e encontrar algum mentor, se é que existe alguém assim para nos explicar.

— Nunca pensei que depois da morte ainda teríamos que escolher como seria a próxima etapa. Estou acostumada com a minha casa, gosto muito dessa cidade. Gostaria de não ter tido descoberto a verdade, não ter visão nenhuma para poder continuar vivendo aqui por mais tempo.

— Minha princesa, eu te entendo. E como te entendo, perfeitamente. Eu também penso muito nisso, mas não vamos mais refletir assim. Temos que assimilar primeiro a nossa morte e depois decidiremos sobre o que faremos — disse com a mão segurando a dela. Os seus olhos mantinham-se fixos nos dela. Havia doçura neles.

— Anna?

PERIGOSAS NACIONAIS

- Sim?
- Há mais uma coisa para te contar.
- Tem mais? Agora fiquei curiosa.
- Eu...
- Sim?
- Eu ainda amo você.
- Eu sei, sempre soube disso.
- Não, não sabe, o que eu quero dizer é que eu ainda te amo. Ainda me sinto apaixonado por você.
- James...
- Você sempre foi e sempre será a minha princesa. — Ela não disse nada depois de ouvir a declaração dele. — Depois que me separei de você fiquei pensando se eu fiz a coisa certa. Mas descobri que eu estava enganado, optei por uma decisão errada. Não deveria ter me separado de você para ficar com a outra. Svetlana sabia que eu ainda te amava, sempre soube.
- Agora que diz isso, James? Agora que percebeu que ainda me amava, depois de tudo pelo o que passamos? Pois eu sempre te amei.
- E ainda me ama? Eu me arrependo por tudo isso e quero consertar o meu erro estúpido.
- James, eu não posso... é tarde demais!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Nunca é tarde demais, meu amor!

— Não posso! Eu... ainda sou casada.

— Era, minha princesa, você não é mais porque seu marido está vivo no mundo terreno, mas nós não. Somos espíritos agora. Estamos livres. Livres para nos amar novamente. Não deixemos que o amor que sobrou dentro de nós morra novamente. Nós sabemos que isso é verdade. Deixe o nosso amor acender. Deixe-o crescer. Quero te amar mais uma vez. Quero ser amado. Eu sei que você ainda me ama. Seus olhos já me dizem tudo.

— James...

— Dê uma chance a este amor para nós, Anna. Nós estamos aqui. Eu não quero mais ficar sozinho. Quero ficar com você, minha princesa, agora e sempre. Não quero nem saber em me distanciar de você. Quero ficar sempre ao seu lado, minha princesa. Eu te amo tanto! — As lágrimas da Anna caíram enquanto também sorria. Há tempo esperava ouvir isso dele. Assim, sincero e verdadeiro. — Dê-me a chance de te amar novamente, meu amor, minha eterna princesa. Nós morremos, mas não os nossos espíritos. A morte separou nossas vidas no mundo terreno, mas não o nosso amor. Eu te amo muito!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ela abaixou a cabeça entristecida e aliviada ao mesmo tempo. Não estava mais se sentindo solitária, nem abandonada, nem esquecida... apenas se sentindo amada. O sentimento de amor e de companheirismo que ela tanto almejava. O senhor Kramme colocou a mão no rosto dela delicadamente e aproximou os seus lábios nos dela. Beijou-a. O primeiro beijo de muitos pelo o que viria. Ela sentiu o beijo vivo, quente, carregado de desejo e da paixão flamejante. Seu rosto queimava. A mão dela pegou na nuca dele sentindo o ardor da sua pele. Nunca imaginava sentir aquele sabor no seu beijo: bala de frutas vermelhas. Adorava aquele beijo de sabor. Sentia falta disso. Seu coração batia fortemente e vivamente, como se tivesse se tornado um ser mortal, novamente. O calor entre os dois transpirava no ar. Os dois, tomados por desejos e tesão que há muito não sentiam um pelo outro, começaram a despir-se. E ali fizeram amor. O seu primeiro amor pós-morte. Dois corpos de espíritos unidos em um ser que transpirava um amor verdadeiro. Um amor que se tornou único e transcendental.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 26

James Kramme não tirava seus lábios da sua amada princesa, beijando-a prazerosamente por longos minutos. Os dois estavam deitados na cama do quarto dela, escuro, porém fracamente iluminado pela luz do poste que vinha lá de fora e por trás da fina cortina da janela. Os dois estavam totalmente despidos e suados. A mão da Anna pousava no peito dele, a sua perna com a pele macia, dobrada, estava por sobre as coxas dele. Havia calor humano pairando no ar e nem era preciso de um ar-condicionado para esfriar o calor da noite. Foi uma noite maravilhosa e prazerosa, mesmo depois da morte.

— Quem diria que depois da morte o sexo continua sendo tão maravilhoso quanto éramos vivos — falou senhor Kramme afastando seus lábios. Ele respirava transpirando.

Sentia-se mais vivo do que nunca. Durante o ato de amor sentiu cada toque, calor, sabor, tal qual quando era vivo, porém a sensação foi diferente, intensa e maravilhosa. Anna o olhava com afeto

sentindo o coração dele bater fortemente. Mesmo sendo um espírito, sem ter mais o corpo carnal, ainda sentia o pulsar do coração. Talvez um coração em forma de energia. Seja lá o que for ainda havia coração ali e nela também. Sentia também a camada de suor no corpo dele, quente e seboso, porém prazeroso. Tinha adorado essa experiência depois da morte.

— O que você achou disso? — Ele perguntou olhando nos olhos dela. Seu nariz quase encostava ao dela sentindo a sua respiração. — Foi bom para você? Diferente? — Ela soltou um riso. Ele notou o sorriso dela. Era linda e encantadora.

— Sim, adorei muito. Ainda mais para um homem como você que declarou ainda estar apaixonado por mim. Juntando tudo isso realmente foi muito maravilhoso. Jamais vou me esquecer disso. Foi muito especial para mim, James!

— Nunca mais vou te deixar, minha princesa.

— Adoro quando me chama assim. Faz me sentir como uma verdadeira princesa. O meu marido...

— Ex-marido! — Ela sorriu.

— Ele nunca me chamava com algum tipo de apelido carinhoso, como você faz comigo. Ele era

uma pessoa legal, um homem amoroso, mas faltava algo nele, algo que somente você possuía.

— O que eu tenho que ele não tinha? — Ela o olhou com um sorriso ainda maior

— O seu jeito sedutor, dócil, viril, sabe cativar melhor do que ninguém. Gosto exatamente de como você me trata, ainda mais pela sua maneira de me olhar. O seu cheiro, o seu jeito, a sua voz, não sei, tudo em você me agrada. Deixa-me completamente embriagada por você. Gosto assim e quero que continue sendo assim.

— E vai ser meu amor! Sempre vou te tratar assim daqui para frente. Nunca vou mudar, sempre fui e sempre serei assim. Eu te farei uma mulher feliz.

— Eu te amo, James!

Ele a beijou demoradamente mais uma vez. Deitou em cima dela sem tirar os seus lábios dela que enlaçou seus braços em torno do pescoço dele. Beijava-o. O amor que sentia por ele tornou-se muito forte, mais do que ela pensava. Mais forte do que a força de um vulcão expelindo suas lavas de fogo. O ardor do seu corpo crescia juntamente com ele. Havia amor suficiente para durar toda a vida. Ali fizeram amor pela segunda vez. Havia força,

paixão, desejo, todos esses sentimentos voltaram, porém mais forte e intenso.

Depois do ato consumado respiravam ofegantes. Trocaram muitos beijos, carícias sem fim, e troca de olhares apaixonados. Havia somente o silêncio entre os dois. A mão dele não desgrudava da dela. Corpos colados. O suor misturado com o dele. Observavam o sorriso um do outro. Sentiam a cumplicidade um do outro. Os dois se abraçavam ao mesmo tempo em que ele pensava no que acontecia no mundo lá fora. Pensava mais sobre a explosão nuclear, a morte...

— Eu estava pensando o que aconteceria em seguida se a bomba explodir daqui a pouco.

— Falando nisso, por que a bomba irá explodir se já aconteceu há trinta anos? Nós não já estamos mortos?

— Eu pensei a mesma coisa também. Não sei... talvez um eco do passado como uma memória que não pode ser apagada.

— Eu me recordo, não sei de onde, mas acho que foi pela reportagem na televisão, sobre uma equipe de paranormais falando que existe eco do passado, como ouvir um tiro que já aconteceu há muito tempo, os passos de um escravo ou o choro

de uma empregada assassinada na década passada...

— Nossa! Isso me deu arrepio.

— Pior que isso é verdade, eu fiquei arrepiada quando vi a reportagem. Lembro que foi relatado sobre o espírito de uma mulher grávida que podia ouvir o choro do bebê dentro dela, porque não podia nascer já que ela se matou.

Ao ouvi-la dizer aquilo, James Kramme sentiu um calafrio ao pensar na jovem Yeva. Ela realmente se afogou e por isso o espírito dela tendeu a repetir o mesmo ato, mas o marido dela, já ciente disso no passado, lutava para mantê-la viva e não cometer a mesma loucura. Tentava fazê-la recuperar o seu juízo.

— No que estava pensando, James?

— Sobre isso mesmo. Pode ser que seja isso mesmo. O eco do passado. A explosão nuclear foi bastante forte deixando o eco para toda a eternidade.

— Também penso nisso. Acho que o eco do passado faz com que as pessoas se lembrem do que realmente aconteceu de verdade. Como uma revelação. Por isso que tende a repetir constantemente para que elas comecem a se dar conta de que não estão mais vivas, e sim são

PERIGOSAS NACIONAIS

espíritos. Já passamos por isso muitas vezes ao longo do tempo, mas quando reencarnamos não nos lembramos de mais nada. É mais como um *loop*.

— *Loop?*

— É uma sequência de repetição da mesma situação, a mesma cena, o mesmo evento. O eco do passado é uma espécie de *loop*.

— Sim, acho que sim! Eu estou me lembrando de uma menina que encontrei na rua e que me disse que estava cansada de viver nessa cidade e que já havia tido visões muitas vezes repetidas. Ela sabia que estava morta, e os pais dela também sabem, mas não admitem e não querem deixar a cidade.

— Sabe o que me impressiona muito, James? Para um homem como você que não tem conhecimento no campo do espiritismo parece que você tem o dom de compreender as coisas que fogem da nossa compreensão e sabe encontrar uma resposta plausível para isso. De onde vem tanta certeza?

— Não sei, sou um homem de refletir muito.

— Você nunca foi homem de pensar muito.

— Alguma coisa muda, o tempo muda e nós amadurecemos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Bem, isso é verdade. Eu estou me sentindo meio estranha agora.

— O que houve?

— James, que hora é?

James Kramme virou o seu corpo nu para o lado, esticou o braço para o chão, ao lado da cama, pegou o paletó jogado e amassado, enfiou a mão no bolso e tirou dele o seu relógio de bolso.

— Onze horas e quarenta e cinco minutos.

— Daqui a pouco a bomba vai explodir. James, eu gostaria de ver a explosão.

— Por que vai querer ver a explosão? É uma imagem muito desagradável de ser vista.

— Eu sei, mas eu simplesmente quero ver. Afinal, nada disso nos irá ferir. Estamos mortos, não é?

James Kramme não disse nada, apenas balançou a cabeça com um sorriso. Os dois vestiram as suas roupas e foram para a varanda da casa levando um cobertor. Lá fora fazia muito frio e ventava bastante. Ali sentarem-se nos degraus da escada, juntos, sob o cobertor. De repente um carro com farol baixo passou na rua.

— É curioso ver que nós, espíritos, usamos o carro. Não sei como isso parece real e palpável.

PERIGOSAS ACHERON

— Também penso a mesma coisa. Há coisas que não compreendemos no mundo em que vivemos agora.

Eles notaram que as pessoas da vizinhança apareceram nas janelas observando lá fora. Outras pessoas saíram dos prédios parando na margem da rua. Todos observavam o céu, em silêncio.

—James, olhe as pessoas! — O senhor Kramme observou e podia ver claramente, sob as luzes dos postes, os rostos sérios dos moradores. Parecia que eles sabiam de algo.

— Acho que eles sabem o que vai acontecer.

— Será que todos eles tiveram as visões?

— Não sei, penso que sim. Senão qual é a razão das pessoas irem lá pra fora? Parece que procuram por algo.

Ela não disse nada e olhou para o céu com o rosto de preocupação. O senhor Kramme enfiou a mão no bolso do paletó e nele retirou um saquinho de balas vermelhas. Ao abrir fez um pequeno barulho de plástico sendo friccionado, assim chamando a atenção de Anna. Assim que colocou os seus olhos no saquinho ela exibiu um sorriso e olhou para James.

— Eu pensei que você havia desistido das

balas vermelhas. Isso não te deixa enjoado?

— De maneira alguma! Adoro essas balas. Quer uma?

Ela balançou a cabeça com um sim, pegou a bala com os dedos e colocou na boca sentindo o sabor cítrico e adocicado, assim como a textura macia da bala.

— Tem razão! É realmente muito saborosa!

Ele não disse nada, apenas sorriu, pegou uma das balas, colocou na sua boca e ambos olharam para o céu estrelado. Abraçou Anna colocando o braço em torno do seu ombro sentindo o calor um do outro. Não demorou muito quando as luzes dos postes e dos prédios começaram a piscar.

— A Morte chegou! — disse James ao observar algo no final da rua. — Ela está ali! Vê?

Anna podia ver o vulto translúcido e negro no final da rua chegando perto deles, mas ela notou também que as pessoas não olhavam para o vulto da morte, e sim apenas para o céu. A mão do senhor Kramme segurou a mão da Anna enquanto se olhavam, ela então sorriu para ele. Tudo ia ficar bem. Olharam para o céu onde podiam ver as estrelas bruxuleantes.

E então despontou um intenso clarão

PERIGOSAS NACIONAIS

ofuscante a alguns quilômetros dali. O céu da noite se transformou em uma alvorada branca e logo em seguida tingiu na cor de chamas. Eles ouviram a terra sucumbir violentamente enquanto uma coluna descomunal ampliava cada vez mais dominando toda a rua. A onda de choque varreu tudo pela frente. Todos os prédios e casas foram lançados para longe como se fossem folhas frágeis e quebradiças se transformando em chamas flutuantes. Os moradores, inclusive James e sua amada, foram incinerados e transformados em cinzas numa fração de segundos.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 27

Em meio à negridão uma bolha de luz emergiu no horizonte e crescia colossalmente. A luz chamou a atenção do Gerik que estava sentado no assento de motorista. Ele apertou seu olho temendo ficar cego por causa daquela forte luz. Quando a claridade minguou logo identificou a silhueta em forma de cogumelo. Sabia exatamente o que era. A meia-noite havia chegado. Tinha acabado de acontecer o que ele tanto temia. A explosão nuclear. Seu coração disparou. O medo. O terror. Olhou para o seu filho ao lado que olhava admirado para o cogumelo da morte que ainda crescia. Não parecia ter nenhum medo, nem horror, apenas contemplava a beleza da força destruidora da bomba. Gerik podia ouvir um barulho de estrondo cada vez maior à medida que se aproximava. Sentiu o carro balançar pela força do vento que veio. Podia ver a sombra dos prédios sendo devastados e lançados para longe. A onda de choque estava ampliando em alta velocidade numa fração de segundo. Varria

PERIGOSAS ACHERON

tudo o que encontrava pela frente, sem piedade. Iria atingi-los em poucos segundos. Ele tirou o cinto de segurança e lançou seu corpo por sobre seu filho para protegê-lo do impacto, então ouviu o som da destruição aumentando cada vez mais, o carro sacudia e ele fechou seu olho.

— Eu te amo muito, filho! — disse no ouvido do seu filho enquanto o abraçava com força. Não sabia o que aconteceria com eles em seguida. Morreriam na hora? A dor seria dolorosa? Ele desejava que a morte fosse rápida e indolor.

A onda atingiu o carro com violência. As vidraças das janelas estilhaçaram por dentro, o carro rodopiou e logo em seguida foram lançados capotando várias vezes. Gerik sentiu o mundo girar.

O menino não gritava nada, parecia indiferente a tudo que acontecia ali. Depois disso a onda dissipou em alguns segundos. Gerik abriu seus olhos temendo o que podia ver pela frente. Temia ver seu filho morto, mas ficou surpreso ao perceber que ainda continuavam vivos. Seu filho lhe olhava de maneira diferente. Gerik olhou lá para fora e viu que o carro se mantinha no mesmo lugar, antes de ser derrubado pela onda, porém estava totalmente carbonizado.

Como foi possível isso se eles ainda estavam intactos e o carro não? Podia jurar que tinham sido lançados para longe capotando várias vezes. Ele podia ver o céu negrume e que caía neve, a estrada estava toda coberta. “*Que diabo foi aquilo?*”, pensou aterrorizado. Olhou para o lado procurando o cogumelo da morte que reinava na paisagem apocalíptica, mas não havia mais nada para ver. Nem fogos, nem chuva de destroços, nem cheiro de mortes no ar. Apenas neve caindo e podia ver a cidade totalmente destruída e abandonada. O vento gélido entrava no carro.

“*Oh, meu Senhor!*”, exclamou ele. Olhou apavorado para as suas mãos examinando a sua pele. Não havia nenhum ferimento, nem sangramento e muito menos descamação de pele provocada pela radiação, como tinha visto em muitos filmes sobre a bomba nuclear. Olhou para o menino que não tirava os olhos do pai. Ele parecia bem e sereno. Exibia um sorriso.

— Meu filho não sei como aconteceu, mas acho que conseguimos escapar da morte certa — disse com o olho marejado. — Mas tem algo errado aqui. Eu não estou entendendo nada.

— Pai?

Gerik ficou surpreso. Seu filho tinha lhe chamado de pai pela segunda vez e tinha certeza que a voz vinha dele e não de outra pessoa. A voz dele lhe parecia a de um anjo.

— Meu filho, você... Você me chamou de... pai? — O menino meneou.

— Sim, pai!

— Filho, isso é... Eu não entendo como isso aconteceu com você. — O menino sorriu ternamente, mas seus olhos demonstravam melancolia. — Eu estou muito feliz de ouvir a sua voz... a voz que parece ser a de um anjo.

O pai tocou no rosto dele com todo afeto, queria tocá-lo para ver se era real em meio ao cenário lúgubre e gélido. A lágrima verteu de seu olho. Sentia um aperto na garganta. A dor e a alegria se intensificaram por dentro de sua alma, seu filho falava com ele.

— Há uma coisa que você deve saber pai.

Gerik ainda custava a acreditar que seu filho falava fluentemente e com naturalidade. Não agia mais como um autista. Agia como um garoto inteligente e tranquilo. Um menino normal como qualquer um. “*Seria um milagre em meio ao mundo destruído pela explosão nuclear?*”.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim, meu filho. Fale tudo o que eu devo saber.

— Nós estamos mortos — respondeu seriamente, mas com ternura.

Gerik ficou preocupado. Por que o seu filho estava dizendo uma coisa dessas? Ainda mais nessa hora.

— Não, meu filho! Nós sobrevivemos! Olhe para nós, nós estamos bem. Isso foi um milagre! Deus nos poupou da morte. — O menino balançou a cabeça.

— Não pai, não foi milagre. — Gerik ficou confuso. Cerrou o rosto tentando entender o que o seu filho queria dizer com aquilo.

— Por que diz isso, filho? — O menino olhou diretamente no olho do pai.

— A verdade é que somos espíritos agora, papai. Será que não enxerga isso?

— Mas o que é isso, filho? Nenhum de nós está morto. Vamos ficar bem — respondeu soltando um leve sorriso. Achava que ele tinha imaginado coisas, que estava fora da realidade. — Olha, nós vamos sair daqui e encontrar a mamãe. Tudo vai ficar bem! Temos que sair daqui antes...

— Pai, por favor! Ouça-me! Eu sei que é

PERIGOSAS ACHERON

duro de acreditar, mas nós realmente morremos na explosão. Morremos faz tempo. A mamãe não morreu, ela está viva, mas nós não. Por isso que nós estamos aqui. Não consegue se lembrar como foi que nós morremos, papai?

Gerik sentiu-se um pouco aborrecido pela insistência do seu filho em dizer que estavam mortos. Não podia levá-lo a sério, ainda mais no meio da cidade que acabou de ser destruída e milhares de pessoas morreram, exceto os dois. Temia que a radiação pudesse atingi-los, embora não pudesse ter tanta certeza. Sentia uma repulsa ao ver as pessoas perderem os cabelos, ter a descamação de pele, e afins. Era uma morte horrível e dolorosa. Não queria isso para ele e muito menos para o seu filho que acabou de deixar de ser um autista.

— Filho, eu te amo muito e estou muito feliz que você se tornou um menino normal. Sempre quis que você tivesse uma vida plena e saudável, mas eu não posso acreditar no que diz. É impossível. Não faz sentido estarmos mortos. Olhe para nós! Estamos aqui no carro. Lá fora aconteceu uma explosão. Muitas pessoas morreram. De verdade. E nós não. Por favor, brigar com você pela

PERIGOSAS NACIONAIS

sua ideia é a ultima coisa que eu queria fazer.

— Pai...

— Por favor, não fale mais nada sobre isso!

— Eu sei que você está com medo.

— Estou sim, filho! Temo por nossas vidas. Precisamos sair daqui.

Ele ligou o motor do carro, mas não pegava. Tentou mais uma vez. E nada. O motor deixou de funcionar. Ele não podia perceber que o carro já estava severamente carbonizado. Estava cego para enxergar a realidade. O pai, nervoso pela situação em que se encontrava, bateu no volante com as duas mãos. O menino permanecia calado, sereno, olhando para o desespero do pai. Ele sabia que levaria um tempo para o pai perceber a verdadeira realidade dos dois. Era uma questão de tempo para ele perceber. O menino teria que ser muito paciente com o seu pai, não importando quanto tempo levaria. Mais cedo ou mais tarde o pai iria saber.

— Era só o que faltava! — O pai olhou para o menino. — Se continuarmos mais tempo aqui nós seremos expostos à radiação. Entende o que eu quero dizer? Morreremos de verdade se não sairmos daqui.

— Pai, olhe bem lá pra fora, olhe o carro...

PERIGOSAS ACHERON

estão todos destruídos. Por que estamos aqui?

— Há uma explicação para isso. Logo, logo vamos descobrir como isso aconteceu. Temos que ir sair daqui e andar a pé.

— Espere um pouco, pai! Apenas ouça-me.
— Gerik soltou um longo suspiro. Estava visivelmente nervoso, sem entender nada. — Tem certeza que não se lembra de mais nada do que aconteceu naquela noite? — perguntou o menino erguendo as sobrancelhas. — Tente se lembrar.

— Lembrar-me do quê?

— Naquela noite você estava na sala tomando um copo que cheirava a álcool. — Gerik olhava atentamente para o menino. — Eu vi que você estava chorando e foi a primeira vez que te vi chorando.

Gerik começou a visualizar a imagem mentalmente e não sabia como não tinha se lembrado de antes daquele momento em que se encontrava numa profunda tristeza. *“Ele estava sentado na poltrona da sala quase escura em frente da televisão ligada que exibia um filme clássico 'Por que Os Sinos Dobram'. Usava pijamas na cor prata com um roupão verde de veludo para se aquecer da noite fria de outono. Na sua mão*

segurava um copo com uísque sem gelo. Chorava. Sabia o motivo da sua tristeza. Tinha ouvido um bando de crianças chamando seu filho de retardado nesta tarde. Isso o deixou muito enfurecido e foi atrás das crianças malcriadas na rua. Tinha conseguido alcançá-las e pegou o colarinho de uma criança erguendo-a do chão. Expressou toda a sua fúria sobre ela. A criança, um menino de nove anos, começou a chorar provocando com que os transeuntes falassem mal de sua atitude. Gerik, grosseiramente pediu para eles cuidarem das suas vidas. A criança chorou tanto que Gerik o largou e mandou que ficassem longe do filho dele. Voltou pra casa xingando as crianças e quando chegou viu seu filho retraído no canto do quarto se balançando pra frente e para trás repetidamente. O menino balbuciava algumas coisas enquanto Gerik tentava tranquilizá-lo, mas o filho reagiu com violência, aos berros. A babá, que estava em casa naquele dia, presenciou todo o acontecido e conseguiu amenizar a raiva e o choro do menino.”. Foi por essa razão a sua tristeza.

— Você estava chorando por mim, por causa daquelas crianças. Você quase machucou aquele menino.

— Eu não pretendia machucá-lo. Eu perdi a cabeça.

— Então, você está se lembrando daquele dia?

— Sim, mas... isso é tão estranho. Parece que isso aconteceu essa manhã, mas agora tenho a sensação que isso já foi há muito tempo.

— Naquela noite você me viu descer a escada, eu estava segurando uma lanterna e iluminei o seu rosto. Lembra? Eu estava usando um pijama e como eu odeio aquele pijama! — Gerik quase esboçou um sorriso.

— Sim, eu lembro! O pijama com bolinhas azuis.

“O menino estava parado no vão da porta usando o tal pijama e segurando a lanterna, o fecho de luz iluminava o rosto do pai, apesar de ele estar brincando, Gerik percebeu que o filho estava entristecido.”

Neste momento se lembrou de que pediu ao filho um abraço porque queria diminuir um pouco a sua tristeza, mas por conta do autismo a criança não interagia e continuava acendendo e apagando sua lanterna. Então Gerik sob o efeito da bebida perdeu a razão e lançou o copo para longe em direção à

parede do minibar gritando.

“Maldito seja! Por que tem que nascer assim? O que eu fiz para merecer um filho assim? Você é um peso morto para a nossa vida! O menino permaneceu impassível. Mas a luz da lanterna cessou de repente. A imagem da televisão foi substituída pela estática e de repente uma luz clareou lá fora chamando a atenção do pai. O menino começou a berrar.”.

Gerik recordava de tudo nitidamente agora e continuou a deixar as lembranças chegarem. *“Ele aproximou-se apressadamente da janela para ver o que tinha acontecido enquanto o menino ainda gritava. Só que antes mesmo de chegar à janela a onda os atingiu. Lembrava que havia fogo, sentiu muita dor e a sua pele havia sido cremada. Foi tudo muito rápido.”.*

— Não pode ser! Isso foi apenas um pesadelo. Nada disso é real!

— Seja lá o que for papai, eu estou aqui para ficar ao seu lado. — O olho do Gerik marejou ficando avermelhado.

— Não podemos morrer assim, filho. Não assim! — O menino não disse nada, apenas sorriu, um sorriso capaz de lhe transmitir paz. Colocou a

mão sobre o tampão negro do pai e o tirou.

— Vê isso, pai? Agora você tem os dois olhos.

Gerik olhou no retrovisor e ficou surpreso ao ver um par de olhos marejados e avermelhados. Podia enxergar com os dois olhos e não mais com um. Assim como aconteceu a ele a mesma coisa foi com o seu filho que deixou de ser autista. Os espíritos não traziam mais qualquer tipo de enfermidade. Gerik tocou o seu olho para certificar se era verdadeiro, se não estava imaginando coisas sob a influência do seu filho. Mas podia sentir seu olho, o seu piscar, e a lágrima brotar dele. Era real. Real demais para ser imaginado. O menino sorriu ao ver o pai surpreso.

— Você entende o que tenho tentado te dizer, pai? — Gerik deixou o seu espanto de lado e olhou para o seu filho. — Não se trata de um milagre. Eu sempre soube que deixei de ser autista quando percebi que o nosso mundo agora era outro, mas fui obrigado a ficar em silêncio até que a verdade viesse à tona para você. Mas... eu quebrei o silêncio e não sei o que acontecerá comigo.

— Eu não... quer dizer... nós...

— Somos espíritos, pai. Por isso espíritos não

carregam doenças ou defeitos.

— Não... — disse ele baixinho negando a verdade. Olhou lá fora e podia ver os destroços caindo lentamente. — O menino o olhou por um momento e depois deu um sorriso.

— Não tenha medo da nossa aceitação pela morte, papai. Eu estou aqui ao seu lado, você tem sido um bom pai para mim.

Gerik voltou a olhar para o filho. O seu filho era a única coisa que mais importava para ele. Era uma oportunidade única e especial ouvir o que o menino tinha a lhe dizer, ouvir a sua bela voz. Imaginou durante toda a vida como seria se ele fosse um menino normal. Agora podia vê-lo e era exatamente como havia imaginado. Um menino perfeito e saudável!

— Aceitou a minha deficiência, lutou muito por mim. Não há melhor pai no mundo que você. E eu te perdoo. Sei que você não teve a intenção de falar aquilo comigo. Você estava com raiva, frustrado, por tudo que você planejou e não saiu perfeito como imaginava. — O queixo do Gerik tremia, se emocionou, mas não chorou. Não podia piscar os olhos para as lágrimas caírem, porque não queria deixar de olhar para o rosto sereno do seu

filho. — Eu estou muito feliz por ter um pai como você. Você cuidou tanto de mim, mas agora é a minha vez de retribuir, te ajudar e levar para um lugar muito bonito. Você não está sozinho nessa. Estamos juntos. — Finalmente Gerik piscou os olhos e as lágrimas banharam seu rosto. Sua boca contorceu em choro. — Eu te amo, papai!

Gerik chorou copiosamente. Era demais ouvir o que o seu filho disse, era a coisa mais linda do mundo. O seu coração comprimia tanto que chegava a sufocá-lo. Ele abraçou seu filho, com muita força, não fisicamente, mas com a sua emoção. Ficaram abraçados por muito tempo em meio a um mundo sem vida, com a neve ainda caindo tristemente naquela vasta paisagem gélida e deserta.

CAPÍTULO 28

James Kramme quedava-se imóvel segurando a mão do seu amor reconquistado que também se mantinha impassível. Juntamente com o assombro dos outros moradores olhavam ao redor. Todos ainda estavam vivos e intactos. Nenhuma grave queimadura. Nenhuma morte. Continuavam os mesmos de antes da explosão que os matou. A morte, para a grata surpresa deles, não existe. Há vida depois disso. Para alguns que não cogitaram essa possibilidade ficaram em estado de choque e logo em seguida choraram muito sentindo a emoção aflorar por completo pelo fato de ainda viverem depois da morte.

Quando as densas fumaças escuras dissiparam puderam ver a imagem do hercúleo cogumelo reinando o terror no céu tingido em cor alaranjada. Pelo choque térmico o calor intenso da fumaça que atingiu a atmosfera fria provocava incontáveis centenas de raios riscando o céu transformando tudo em um espetáculo assustador. Era uma visão que causava uma estranheza e

admiração pela presença inquietante do cogumelo. Em menos de alguns minutos a imagem vaneceu repentinamente. Era como se a presença de Deus invisível surgisse ali e assoprasse com força para dissipar aquele cogumelo da morte transformando-o apenas em uma imagem do passado. Agora, o cenário era outro.

Era noite invernal e tranquila. O que se via ali era destruição com os seus prédios já amontoados em destroços. Havia alguns que ainda se mantinham em pé. A neve caía cobrindo todo o cenário destruído. Nem árvores, cores, flores, nada mais encontravam ali. Era agora o cenário atual e não mais o do passado que haviam estado quando eram vivos. Alguns moradores sabiam disso e choravam ajoelhados, a verdade, ocultada há muito tempo, agora veio a eles, mesmo que não desejassem por isso.

A Morte estava parada ali de pé, porém um pouco maior que a maioria das pessoas dali. Continuava translúcida, o suficiente para ser vista por todos os moradores que sabiam quem era ela e não mais sentiam medo com a sua presença. A Morte não era simplesmente a vilã da história, apenas exercia uma função, o dever divino de levar

espíritos ao outro mundo, ao universo dos espíritos. Ela se mantinha imóvel observando as pessoas. Esperava por elas. Aguardava que todas estivessem prontas para partirem desse mundo terreno, porém destruído.

James, Anna e os moradores perceberam a quilômetros dali uma coluna de luz que alcançava o céu. No alto se formava um círculo de luz transparente que variava entre a cor branca e a rosa.

— Olhe só para aquilo, James!

James não falou, estava calado, assombrado com a beleza sobrenatural em meio a uma cidade destruída. Uma ponta de sorriso surgiu no seu rosto. Sabia que ali havia algo de bom. Uma esperança.

— O que é aquilo?

— Não sei, mas é uma coisa boa — respondeu James sem tirar olhos daquela coluna de luz.

Anna olhou para a Morte e ela esticou um dos braços em direção ao local onde havia a coluna, então entendeu. Todos tinham que segui-la para lá.

— James, temos que ir com ela. Parece que ela está querendo nos levar até lá.

James já sabia que era chegada a hora. Ela

iria levá-lo juntamente com os outros para o lugar que muitos dizem ser o Paraíso. Viu alguns moradores andarem para longe, como se procurassem suas casas que não mais existiam. Não queriam ir com a Morte, nem queriam ir para outro lugar. Queriam ficar na Terra, viver sua vida igual de quando eram mortais, viver com os seus vícios.

Temiam ir para lá e seus segredos serem revelados. Segredos estes que poderiam ser julgados pela Justiça Divina. O medo falou mais alto do que a vontade de ir a um lugar divino. As pessoas desapareceram assim que adentraram pela escuridão em meio à densa fumaça. Eles iriam reviver, assim que despertassem no dia seguinte já morando em suas casas imaginárias e em um mundo ilusório, por mais um ano, até que a explosão da bomba voltasse a repetir. O eco do passado.

James Kramme sabia disso e estava mais desperto do que nunca. Vivenciou por trinta anos fugindo da verdade para viver sempre na ilusão em repetição. A menina com a bola vermelha sabia disso e já estava cansada. James também e temia se perder na sua existência. Viu algumas poucas pessoas seguirem a Morte, algumas sorriram umas

para as outras. Muitas se deram as mãos juntando sua coragem e a força na esperança. Não estavam mais sozinhas nessa jornada depois da vida, agora estavam unidas para um destino final, para algo maior. Para o encontro com o Paraíso. Sem medo. Sem segredos. Estavam dispostas a alcançarem a merecida paz eterna.

Anna levantou-se pegando a mão do James e puxando-o para levantar-se também. James sabia que estava na hora de ir com ela. O medo bateu por dentro, mas não podia permitir. Hora de enfrentar. Não fosse pela Anna se sentiria perdido e assustado. Com ela a força e a esperança se apoderavam dele. Deixou o cobertor sobre suas costas cair no chão e ambos se puseram a caminhar até a Morte, aglomerados pelas pessoas despertas e preparadas para o seu destino sem volta. A Morte começou a andar e eles a seguiram por seu percalço ao longo da rua, em silêncio.

Durante a caminhada por alguns quarteirões mais pessoas se juntaram a eles. Até que James viu a menina com a sua inseparável bola vermelha que o reconheceu e sorriu correndo até ele para acompanhar a procissão dos espíritos lado a lado. Ele achou o rosto dela muito sereno diante do

cenário apocalíptico e parecia que nada a assustava. Na realidade dava a impressão de estar feliz pela companhia.

— Você não está triste por tudo o que aconteceu aqui com você e sua família? — perguntou James para a menina.

— Não! Não estou triste, eu já sabia disso tudo faz tempo — respondeu com os seus pequenos olhos brilhando vivamente.

— E os seus pais? Onde eles estão?

— Foram para algum lugar procurar a nossa antiga casa.

— Eles não quiseram vir conosco?

— Não, meus pais não aceitaram a morte, não se conformaram. A Morte me disse que eu teria que ir embora sozinha, pois se continuar aqui posso deixar de existir. Eu não quero perder a minha existência.

— Você está disposta a ir para o outro lado?

— Sim, lá eu posso aprender alguma coisa. O meu sonho é ser anjo da guarda. Quero cuidar de alguém. Você acha que eu posso ser anjo da guarda de alguém? — James e Anna sorriram pela graça da menina.

— Vejo que você é muito mais evoluída que

os outros. Acredito que será anjo da guarda — disse Anna encantada com a doçura da menina.

— Espero que sim. Estou cansada daqui. Fiquei aqui por muito tempo e fiz o que pude para meus pais aceitarem a nossa morte, mas eles são teimosos e eu não posso mais fazer nada.

— Quer que eu fale com os seus pais? Eu posso ir até eles...

— Não, seria inútil. A Morte já conversou com eles e ainda recusaram. Não vamos mais perder tempo convencendo-os. Vamos deixá-los em paz. É escolha deles e não posso obrigá-los. Eu já me despedi deles antes de vir pra cá.

— Como seus pais estão reagindo a tudo isso? — perguntou Anna sentindo uma leve tristeza por dentro ao ver a menina sozinha sem os pais para seguir seu próprio caminho. Era triste ver uma criança abrir mão dos pais para preservar a sua existência. A menina soltou um longo suspiro.

— Choraram e tentaram me impedir, mas expliquei tudo e minha mãe entendeu e respeitou a minha vontade dizendo estar muito orgulhosa pela minha coragem em optar por esse caminho. — James ficou admirado com a sabedoria e tranquilidade da menina tão pequena.

— Você é uma criança muito especial!

— Obrigada, o senhor também é! — A menina respondeu com um sorriso terno, depois voltou a quicar a bola no chão enquanto seguia as pessoas.

Anna aproximou-se do senhor Kramme pegando no braço dele que olhou para ela notando que olhava para alguma coisa que a deixou espantada, então ele olhou na mesma direção e viu algo que o surpreendeu. Estavam chegando perto de uma coluna de fogo azul que emergia do solo e alcançava o céu ao lado da coluna de fogo.

— A Coluna de Deus — explicou a menina. — A passagem que leva os espíritos para o mundo de lá.

— Como sabe disso? — perguntou Anna surpresa com o fato de a menina saber o significado daquela coluna de fogo.

— Eu tive um sonho, muitas vezes — disse a menina sorridente. — É entrando nela que nós iremos chegar ao lugar que muitos dizem ser o verdadeiro paraíso, antes de passarmos pelo julgamento. Isso se nós fomos pessoas boas o suficiente para entrarmos nele.

Anna ainda custava a acreditar nela e voltou a

PERIGOSAS NACIONAIS

olhar a coluna maravilhada e encantada com o tamanho da coluna.

— O que acontece quando uma pessoa, quer dizer o espírito, não passa do julgamento? O seu sonho não mostrou? — perguntou Anna curiosa sobre o que viria a acontecer em seguida.

— Não, isso eu não sonhei — respondeu a menina.

— Acho que não devemos nos preocupar tanto com isso. Se nós fomos bons o bastante, então merecemos, sempre haverá um lugar para todos nós.

— Não vou permitir isso! — gritou alguém atrás deles.

A voz era gutural e assustadora espantando a todos ali presentes que olharam para trás. James, Anna e a menina viram um homem com o rosto transfigurado e horrendo agarrando um dos braços de uma moça loira amedrontada.

— Não, me deixe em paz! — implorava a moça tentando largar o braço dele em forma humana do braço dela já em forma de espírito.

— Você não tem permissão de sair sem mim!

— Eu não darei mais ouvido a você. Você não tem mais controle sobre mim!

PERIGOSAS ACHERON

— Você pertence a mim! — esbravejou o homem colérico soltando salivas pela boca.

— Adeus, Carl!

O rosto do homem enfureceu e seus olhos iluminavam avermelhados tornando-se uma criatura demoníaca e assustadora. Esbravejava emitindo blasfêmias, mas não durou muito quando a Morte apontou a foice em direção a ele o lançando para longe através de uma força invisível juntamente com o seu grito alto.

A moça loira chorou assustada, mas foi acolhida por outra mulher com os uns quarenta e poucos anos, enquanto James, preocupado com o bem-estar e ao mesmo tempo curioso, quis saber quem era aquele homem que ela chamou de Carl. Aproximou-se dela.

— Você está bem, senhorita? — Ela meneou a cabeça sem dizer nenhuma palavra. — Você conhece aquele homem? — Ela o olhou tremendo muito e finalmente disse.

— Meu padrasto. Ele era um homem muito ruim e fazia coisas terríveis comigo, desde quando eu era criança.

— Lamento pelo o que passou. Parece que ele não vai mais importunar você para toda a

eternidade.

— Esse homem está certo — disse a senhora a abraçando com carinho e dando o seu amor para tranquilizá-la. — Está tudo bem agora, querida. Está tudo acabado! Logo, logo vamos a um lugar maravilhoso.

James não mais perguntou nada, a resposta dela já foi mais do que suficiente para entender tudo o que realmente aconteceu, a única coisa que ele sentiu foi tranquilidade por ela já se encontrar no seu momento de paz e poder ser levada ao Paraíso merecidamente, onde seria bem tratada e cuidada. Depois desse pensamento voltou para junto da amada Anna e da menina. Todos seguiram em frente iniciando a procissão em destino ao centro da cidade.

CAPÍTULO 29

Quando chegaram ao destino final os moradores olharam maravilhados, como se estivessem atraídos pela luz mágica, tal qual como mariposas que são atraídas pela luz da lâmpada. A coluna de luz ficava justamente nesse local onde tinha um parque com seu formoso lago, que agora não mais se encontrava ali. Algumas pessoas se aproximaram sem nenhuma hesitação. Outras ficaram imóveis temendo o que poderia vir a seguir. Algumas tinham tenacidade, outras não. Tudo dependia da escolha de cada uma delas. Manter a sua existência no mundo espiritual ou deixar de existir na Terra. Algumas pessoas, aparentemente as mais velhas, foram as primeiras a se aproximarem da coluna de luz sem fazer nenhuma pergunta à Morte que ficava ao lado segurando a sua foice inseparável.

As pessoas apenas olhavam o portal e tomavam a decisão, sem hesitar, de entrar acreditando que encontrariam seus entes queridos

PERIGOSAS ACHERON

que partiram desse mundo há muito tempo. Com sorrisos serenos estampados nos seus rostos, seus corpos se transformaram em forma reluzente. Transformaram-se em um aspecto fantasmagórico, exatamente como a maioria das pessoas mortais presencia como fantasmas nas suas residências. Agora eles têm essa aparência, espíritos na mais pura forma. Assim que entraram na coluna de luz seus corpos foram içados para o alto do céu até atravessar o círculo.

Anna não se conteve com um sorriso ao presenciar a cena celestial, ela olhou para James, seus olhos emitiam brilhos vivazes. Estava extasiado e feliz por ainda existir depois da morte. Uma chance. Uma oportunidade.

A menina meneou a cabeça quando a Morte acenou para ela, olhou para a bola em suas mãos e sabia que teria que largá-la, ela não fazia parte do plano celestial. Era hora de desapegar. A princípio ela ficou um pouco triste, mas logo tomou coragem e chutou com toda a força. A bola voou para longe a deixando livre indo para algum lugar onde iria repousar e ser esquecida para o resto da vida até esvaziar e tornar-se murcha.

James e Anna olharam a menina se

aproximar da coluna de luz e viram quando ela se transformou depois entrando e sendo levada até o alto do céu. Ambos ficaram em silêncio olhando por algum tempo para o céu com aquele círculo luminoso até que uma voz familiar lhe chamou.

— James!

Ele olhou para trás e sorriu. Era Gerik que segurava a mão do seu filho caminhando junto em sua direção. Tinham andado um bom pedaço para chegar àquele local. Foram atraídos pela coluna de luz.

— Gerik?

— Eu bem que sabia que iria te encontrar aqui.

Gerik e seu filho pararam em frente a ele que o abraçou fraternalmente por alguns segundos enquanto o menino olhava para Anna que retribuiu com um sorriso meigo. Depois de uma rápida olhada na coluna de luz, Gerik afastou de seu amigo e esboçou um sorriso.

— Aqui estamos nós, James, você estava certo sobre o que iria acontecer. Quando vi o meu filho desenhando a bomba nuclear entendi que a sua visão era real. Nós fugimos, mas nada adiantou. O carro enguiçou no meio da estrada e foi então

que nós vimos a explosão. Cara, o que vimos foi uma visão muito aterradora. Jamais desejaria isso para ninguém, nem para o meu pior inimigo.

— Então, você ficou sabendo... que nós... estamos mortos? — A expressão do Gerik mudou um pouco e ficou com um olhar mais sério. Podia perceber que havia uma pontada de tristeza dentro dele.

— Sim, eu soube. Demorei muito para reconhecer isso, neguei muito, mas agora eu tenho que aceitar. Foi o meu filho quem abriu os meus olhos. Ele sabia desde o começo. Não é, meu garoto? — perguntou Gerik abanando a cabeça dele afetuosamente. O menino meneou, sorrindo.

— Gerik, o seu olho... — James disse apontando o dedo para o local que antes cobria com um tampão preto. Estava surpreso ao ver o olho em perfeito estado, como se nunca tivesse sido ferido.

— É, incrível, não é? O bom disso tudo é que somos espíritos agora. Não precisamos mais nos preocupar com a nossa saúde. Nada poderá nos adoecer e nem mesmo nos ferir. Não é?

— Sim, acho que sim.

— Apesar dessa maravilha, a única coisa que me deixa muito triste é não ter a oportunidade de

me despedir da minha mulher. Eu não sei como ela está, se ainda está viva, se sofreu pela nossa perda. Eu realmente gostaria muito de vê-la, tentei sair dessa cidade, mas...

— Não conseguiu sair daqui, não é? — perguntou James compreendendo tudo.

— Sim, era impossível! Como se fôssemos impedidos.

— Estamos presos nela — disse Anna.

— Sim, Anna! — Gerik disse. Seu olhar permanecia entristecido, mas disfarçava usando o seu terno sorriso. — O fato de não podermos mais ver a minha esposa dói o meu coração.

James, compreendendo a dor que seu amigo sentia, também sentiu. Colocou a mão por sobre o seu ombro, procurando consolá-lo.

— Acredito que vocês terão oportunidade de vê-la novamente.

— Você acha isso possível?

— Sim, eu acredito piamente nisso. Assim como encontrará seus entes queridos que deixaram esse mundo antes de nós, e depois de nós. Não perca a esperança, meu amigo.

Gerik não disse mais uma palavra deixando as lágrimas descenderem de seus olhos. As palavras do

senhor Kramme foram consoladoras e cheias de esperança, fazia tanto tempo que ele esperava ouvir isso depois de ter descoberto a sua morte. Com as costas da mão enxugou as lágrimas e logo em seguida pegou a mão do seu filho. Olhou para a coluna de luz e soltou um suspiro.

— Sabe o que é engraçado? — perguntou Gerik olhando para James e depois para a Anna. — Eu sempre me preocupei com a morte, pois achava que ela era o fim. Durante toda a minha vida temia a chegada da minha morte. Mas agora... eu não sinto mais isso. Não sinto o medo que tanto me perseguiu toda a minha vida.

— Como você se sente agora? — perguntou James fitando os olhos do seu amigo. Havia brilho neles. Assim como nele e na Anna.

— Sinceramente? Não sei bem o que eu sinto, mas eu diria que é como se fosse boas-vindas para mim. Almejo conhecer o lugar. Você está certo, James. Há esperança.

James sorriu. E todos viraram para a coluna, em silêncio. Tudo era novo e estranho. Viram mais algumas pessoas se afastando da coluna, temendo-a e seguindo para outras direções, preferindo deixar de existir a enfrentar o julgamento que lhes

aguardavam ao alcançarem o outro lado do mundo. E algumas pessoas entraram justamente motivadas pela esperança e fé. Pouco a pouco sobraram apenas James, Anna, Gerik e seu filho. A Morte esperava por eles. Esticou o braço e com a palma pálida voltada para cima fez movimentos para eles irem até ela. O tempo estava passando.

Anna segurou firme a mão do senhor Kramme tentando puxá-lo para seguir com ela, mas ele se deteve. Sentia medo. Estava petrificado. O filho de Gerik foi o primeiro a seguir em frente puxando o braço do pai para seguirem à coluna. Gerik não disse nada, apenas acompanhava seu filho sabendo que nada de ruim iria acontecer a eles. Olhou para James e Anna que o olhavam admirados com a sua coragem e determinação por causa do seu filho. Gerik e seu filho não hesitaram nem por um segundo, simplesmente entraram no portal de luz. Seus corpos se transformaram em milhões de centelhas sendo tragados pela luz. Tinham sido levados para algum lugar, para o além, para o desconhecido.

— James, temos que ir agora.

— Anna?

Ela percebeu os olhos dele começarem a

lacrimejar, ele não conseguia conter a emoção que estava tendo naquele momento tão sublime e único. Por perceber-se que não estava mais sozinho. Seu coração falou mais alto ao ver o rosto tranquilizador da sua amada Anna.

— Estou feliz por estarmos juntos nessa.

— Eu também, meu amor. Então, vamos agora? Estou muito ansiosa para conhecer lá.

— Só um minuto! Há uma coisa que eu tenho que deixar aqui.

— O quê?

Ele não disse nada, apenas sorriu e olhou para a sua bengala com a cabeça de lobo por um momento. Com o dedo polegar deslizou levemente a cabeça do lobo como se fosse seu animal de estimação, sentindo a sua textura metálica e fria. Depois disso, com as duas mãos, pressionou a bengala para baixo, de modo que a ponta da bengala fosse fincada no solo sob a camada de neve, mantendo-a sempre em pé, como se desejasse marcar território, para deixar uma história ali. Olhou para trás e viu a cidade destruída. Muitas lembranças surgiam em sua mente. Desde o seu nascimento, a morte dos seus pais, a sua infância feliz, a sua adolescência cheia de rebeldia, a sua

juventude, a sua puberdade, a perda da virgindade, o seu primeiro e muitos amores, a sua fase adulta, o seu trabalho, a sua doença, até chegar ao momento da sua morte pela explosão. Agora tinha que se despedir. *Czerwona Kropka* foi seu verdadeiro lar e sempre será. Isso o senhor Kramme tinha com o maior orgulho.

— Está pronto, James? — Ele olhou para a Anna, que ainda esperava por ele com o braço esticado.

— Sim, estou pronto.

O senhor Kramme deu alguns passos para frente, pegou a mão dela, e seu corpo, assim como o dela, se transfigurou em ser áureo. Os dois olharam juntos para a mesma direção, para o portal, e entraram, lado a lado, para a coluna de luz, cujo seus corpos se transformaram em centelhas de luzes e foram tragados para a imensidão da luz. Não mais havendo espírito para entrar nela, a Morte ergueu a foice e logo em seguida bateu no solo fazendo a coluna desvanecer por completo. A Morte pôs-se a caminhar por entre os destroços da cidade enquanto o seu longo manto negro, desmesurado, ondulava por sobre eles como um mar negro e revolto, até desaparecer pouco a pouco na calada da noite de

inverno.

Após várias estações com as incontáveis passagens de chuva, neve, calor e temporal nada acabou com a bengala do senhor Kramme. A madeira da bengala sofreu com a passagem do tempo, já aparentemente carcomida, e mesmo assim mantinha-se fincada no solo, como se teimasse permanecer de pé por muito tempo e desafiasse a força da natureza. A cabeça de lobo fitava direcionado para um lugar, como se enxergasse o que havia ali, além de amontoados de destroços e da ruína que um dia tinha sido *Czerwona Kropka*, um lugar que outrora era bom de se viver.

[1] NBC = sigla americana que significa Nuclear, Biológica e Químicas.